

LIVRARIA ACADÊMICA

*J. Guedes da Silva*

R. Mártires da Liberdade, 10

Telefone 25988 — PORTO

LIVROS USADOS

COMPRA E VENDE

R2169.575



*Presented to the*

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

*by*

Professor

**Ralph G. Stanton**

3 vols

150

LI  
D  
R.  
Te  
L  
C

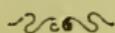
OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

IV

# ROMANCEIRO

VOLUME I

ROMANCES DA RENASCENÇA



5.<sup>a</sup> EDIÇÃO



LISBOA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL  
*Sociedade editora*  
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA  
*R. Augusta, 95 || 35, R. Ivens, 37*  
1900



OBRAS COMPLETAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

---

TOMO IV

OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

---

- Tomo I — Camões.  
» II — Catão.  
» III — Merope— Gil Vicente.  
» IV — Romanceiro — 1.<sup>o</sup> volume.  
» V — Frei Luiz de Souza.  
» VI — Flores sem fructo.  
» VII — D. Filippa de Vilhena — Tio Simplicio—  
Fallar verdade a mentir.  
» VIII — Viagens na minha terra — 1.<sup>o</sup> volume.  
» IX — " " " — 2.<sup>o</sup> " "  
» X — A Sobrinha do Marquez—As prophecias  
do Bandarra. — Um noivado no Da-  
fundo.  
» XI — Arco de Sanct'Anna — 1.<sup>o</sup> volume.  
» XII — " " — 2.<sup>o</sup> "  
» XIII — D. Branca.  
» XIV — Romanceiro — 2.<sup>o</sup> volume.  
» XV — " — 3.<sup>o</sup> "  
» XVI — Lyrica.  
» XVII — Fabulas— Foíhas cahidas.  
» XVIII — O Alfageme de Santarem.  
» XIX — Portugal na balança da Europa.  
» XX — Da Educação.  
» XXI — O Retrato de Venus, precedido de um  
Ensaio sobre a historia da lingua e  
da poesia portugueza.  
» XXII — Helena.  
» XXIII — Discursos parlamentares — Memorias  
biographicas.  
» XXIV — Escriptos diversos.

OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

IV

# ROMANCEIRO

VOLUME I  
ROMANCES DA RENASCENÇA

5.<sup>a</sup> edição



LISBOA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL  
*Sociedade editora*  
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA  
*R. Augusta, 95 || 35, R. Ivens, 37*  
1900



Digitized by the Internet Archive  
in 2009 with funding from  
University of Toronto

## NA TERCEIRA EDIÇÃO

Publicamos emfim ésta nova edição da primeira parte do ROMANCEIRO que vai muito superior ás antecedentes, tanto pela correcção como pelos addicionamentos importantes que leva.

A de Londres de 1828 continha apenas a Adozinda e o Bernal-francez; a de Lisboa de 1843 ja lhe accrescentou mais quatro romances; na presente ha oito, além das novas traducções em várias linguas que n'este intervallo se teem publicado pela Europa. Não são todas porém, e ja muitas das mais notaveis versões appareceram colligidas no appendice do terceiro volume da presente obra publicado em 1851; outras o tinham sido no segundo junctamente com

os originaes portuguezes primitivos que o nosso auctor reconstruira.

A sua predilecção por êstas reliquias da antiga poesia peninsular tem feito com que, desde a infancia até hoje, tenham ellas sempre sido a occupação das suas 'Horas de lazer' — '*Hours of idleness*' segundo a frisante expressão de Lord Byron; um quasi mialheiro poetico em que por intervallos, mas sempre, se vão deitando pequenas quantias até que chegam a formar um thesouro. Este é ja um verdadeiro thesouro para os que sabem avaliar a riqueza de uma lingua e de nma litteratura.

No meio dos trabalhos mais graves, das contrariedades mais apertadas da vida pública, o auctor não se tem esquecido do seu mialheiro, que, tornâmos a dizê-lo, para nós é thesouro riquissimo. Se ainda assim o não julga Portugal, saiba ao menos que essa é a opinião da Europa.

Julho 8, 1853.

OS EDITORES.

## NA SEGUNDA EDIÇÃO

Depois que publiquei em Londres, em 1828, o meu romancinho a *Adozinda* que aqui vai na frente d'este volume, cheguei a ter uma bastante collecção d'essas trovas e romances populares, xácaras e soláos — designações que, sinceramente confesso, não sei ainda quadrar bem nas diversas especies e variedades em que se divide o genero.

Eram uns vinte e tantos havidos pela tradição oral do povo, quasi todos colligidos nas circumvizinhanças de Lisboa pela industria de amigos zelosos, e principalmente pelo obsequioso cuidado de uma joven senhora minha amiga muito do coração.

Por voltas do anno seguinte, 1829, os tinha eu pela maior parte correctos, annotados,

— e collacionadas as principaes das infinitas variantes que todos trazem, porque cada rhapsodista d'estes que sabe a sua xácara, a repette a seu modo, e sempre differente em alguma coisa do que outro a diz.

Cresceram logo mais os meus haveres pela contribuição de outro amigo tambem muito particular e muito prezado, o Sr. Duarte Lessa, homem de raras e prestantes qualidades que amenizava a constante applicação a mais graves estudos, cultivando a litteratura e as artes, cujas obras apreciava com tacto finissimo e zelava com fervor patriotico, porque intendia — e bem o intendia! — que ellas são o espirito, a alma, o *in ipso vivimus et sumus* de uma nação. Tinha elle adquirido em Londres varios livros e manuscritos que haviam sido do célebre portuguez o cavalheiro de Oliveira, aquelle que renunciou ao importante cargo de nosso ministro na Haya para abraçar a communhão protestante, na qual viveu em Inglaterra os ultimos annos da sua vida, quasi unicamente da charidade de seus novos correligionarios.

Havia entre esses livros um exemplar da Bibliotheca de Barboza, inquadernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escriptas éstas, assim como as amplas margens do folio impresso, de lettra muito miuda, mas muito clara e legivel, com annotações, commentarios, emendas e addições aos escriptos do nosso douto e laborioso mas incorrecto abbade.

Via-se por muitas partes que o longo trabalho do Oliveira fôra feito depois da publicação das suas *Memorias*, porque a miudo se referia a ellas, confirmando e ampliando, corrigindo ou retractando o que lá dissera.

Nos artigos *D. Diniz, Gil-Vicente, Bernardim-Ribeiro, Fr. Bernardo de Brito, Rodrigues-Lobo, D. Francisco Manuel*, e em varios outros que vinha a proposito, as notas manuscriptas citavam, e transcreviam como illustração, muitas coplas, romances e trovas antigas — e até prophecias, como as do Bandalra — fielmente copiadas, asseverava elle, de Mss. antigos que tivera em seu poder na Hollanda e em Portugal, franqueados uns por

judæus portuguezes das familias emigradas, outros havidos das preciosas collecções que d'antes se conservavam com tão louvavel cuidado nas livrarias e cartorios dos nossos fidalgos.

Foi-me logo confiada a inextimavel descoberta; percorri com avidéz aquellas notas, examinei-as com escrupulosa attenção, e, extractando uma por uma quantas coplas, cantigas e xácaras achei, completas e incompletas, accrescentei assim os meus haveres com umas cinquenta e tantas peças, d'ellas anonymas e verdadeiramente tradicionaes, d'ellas de auctor conhecido e que nas edições de suas obras se encontram, — taes como Bernardim-Ribeiro, Gil-Vicente e Rodrigues Lobo — mas que differiam das impressas, consideravelmente ás vezes, muitas até na linguagem da composição, poisque algumas alli achei em portuguez, e manifestamente antigo e da respectiva epocha, as quaes só andam impressas em castelhano.

Com este auxilio corriji de novo muitos dos exemplares que ja tinha, e completei

alguns fragmentos que ja desesperára de podêr vir nunca a restaurar. E tomando para modêlo as estimadas collecções de Elis e do bispo Percy, e a das fronteiras de Scocia por Sir Walter Scott, comecei a dar novo methodo e mais amplos limites á minha compilação que ao principio intitulára *Romanceiro-Portuguez*.

O longo e mais serio trabalho que por esse tempo empreehendi no meu tractado geral *Da Educação*, cujo primeiro volume se publicou em Londres em 1829, me fez relaxar n'aquell'outro: depois os cuidados politicos e alguns officiaes, o complemento e impressão de outra obra de mais grave assumpto, o *Portugal na Balança da Europa*, que foi impresso no anno seguinte, 1830, — talvez alguma inconstancia de auctor, bem desculpavel n'aquella tarefa, tam tediosa ás vezes, de collacionar, estudar e explicar textos ja viciados da ignorancia do vulgo por cujas bôccas e memorias andaram, ja de outra ignorancia mais confiada e mais corruptora ainda, a de copistas presumpçosos de lettra-

dos e de castigadores do que elles suppoem vicio.

Comtudo, e apezar d'aquellas e de outras occupaões e distracções, eu sempre voltava de vez em quando ao meu *Romanceiro*, e o tinha bastante adeantado, quando nos fins de 1831 abandonei tudo o que eram cuidados de sciencia ou recreações litterarias para me alistar no exercito da Rainha, e imbarcar para os Açores. Em Janeiro de 1832 sahi de Paris com praça de simples soldado, consegui por este modo tomar minha humilde parte n'aquella expedição, cujos avisados e cautelosos directores com tanto impenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, por modos que hãode parecer incriveis, e que elles hoje negariam a pés junctos, se fosse possível negar o de que ha tantas testemunhas e tantas victimas ainda vivas, tantos documentos que hãode durar mais que ellas.

A minha curta estada nas ilhas foi impregada quasi toda nos trabalhos de legislação e organização administrativa a que alli se

procedeu, e de que me encarregou a amizade e confiança de um amigo particular, então em grande valimento, ao qual e á dura necessidade de me achar eu unico alli que tivesse estudado aquellas materias, teve de ceder forçosamente a ciosa malevolencia dos accaparadores que ja na esperança estavam devorando as ruinas de Portugal a que almejavam chegar — pelos esforços e risco alheio — não por certo para meditar sôbre ellas como outros Marios — oh que Marios! — mas para as revolver e basculhar como Alaricos. . .

Faziam-me a honra de me querer mal esses senhores: lisongeio-me de lh'o merecer: davam-se ao incômodo de me intrigar; e era desperdicio de tempo e de arte, porque não ha mister intrigas para tirar favor de principes a quem, como eu, os apprecia muito e se honra muito d'elles, mas não é capaz de fazer o mais leve sacrificio para os conservar; jamais soube, em tantas opportunidades, convertê-los em nenhuma *consequencia legitima*; nunca, nem o mais indirectamente

que é possível, tractou de os consolidar em nenhuma realidade utilitaria e de proveito pessoal.

Peço perdão da digressão: não a fiz eu mas as coisas, — que pelos tempos em que vivemos tam baralhado anda tudo, que até a historia litteraria e poética se confunde com a dos successos e relações politicas.

D'esse tam pouco e tam occupado tempo permittia comtudo o accaso que alguns instantes se podessem aproveitar em beneficio do pobre *Romanceiro*, que alli ia tambem, o coitado, na expedição, incolhido e amarrado na mochilla de um triste soldado raso, sem se lembrar de aspirar á inaudita honra de seu illustre predecessor, o Cancioneiro de Rezende, que serviu de Evangelho para jurar aquelle rei gentio. — Havia pouco por alli quem lhe importasse com Evangelhos e juramentos.

Foi o caso que umas criadas velhas de minha mãe e uma mulata brazileira de minha irman appareceram sabendo varios romances que eu não tinha, e muitas variadas

licções de outros que eu sim tinha, porém mais incompletos. Assim se additou copiosamente o meu *Romanceiro*.

Mas este achado fez mais do que inriquecer, salvou-o: porque, ao partir para San'-Miguel, o deixei em Angra com minha mãe que Deus tem em glória, que desejava distrahir, com essas curiosidades que ella intendia e avaliava com o tacto perfeito e a sensibilidade elegantissima de que era dotada, alguma hora das tantas em que ja lhe pesavam duramente as molestias do último quartel da vida. . . Molestias aggravadas de muita afflicção e cuidado — nenhum que seus filhos voluntariamente lhe dessem — tolos a adorámos e honrámos sempre — mas que lhe davamos, comtudo, pelas circumstâncias fataes da epocha e das confusões politicas em que andavamos mettidos.

Os meus outros papeis, trabalhos de historia consideraveis, fructo de longas visitas ao Museu-Real de Londres e á riquissima livraria portugueza do meu amigo o Sr. Goodeen; uma tragedia que tinha sido jul-

gada valer alguma coisa pelos que a viram — era o assumpto o Infante-Sancto em Fez; — um largo poema com pretenções, antes desejos, de ser Orlando, ja em trinta e tantos cantos — e promettia crescer! — cujo assumpto era o *Magriço* e os seus *Doze*; — o segundo volume do tractado *Da Educação* prompto a entrar no prélo: — quatro livros ou cantos de um romance ou poema — cabia-lhe uma e outra designação — a que dava thema a interessante e romanesca legenda da fundação da casa de Menezes — — pedido de minha boa irman que decerto não tinha vaidade, porque sempre lhe sobrou o juizo, mas gôsto sim, de que seus filhos se honrassem com o nome illustre de seu pae: — uma quantidade immensa de estudos e trabalhos sôbre administração pública; — tudo isso veio commigo para S. Miguel e ahi o deixei ao imbarcar, porque era defeso ao pobre soldado levar as suas mallas, e o logar era pouco para as bagagens dos que só eram bagagem. D’ahi me vinha, com outros valores mais substanciaes,

e se perdeu tudo em um navio que affundaram as ballas inimigas á entrada do Porto nos derradeiros dias d'esse mesmo anno de 1832.

Descancem em páz no amigo lodo do meu patrio rio! N'outros lodaçoes peiores teriam de cahir talvez se escapassem: o da indifferença pública que porventura mereciam, o de muitos odiosinhos e invejasinhas tolas que não mereciam decerto, porque eram filhos de bom e innocente ânimo, como sempre têm sido os meus.

Assim fossem todos!

Desde 1834, que me voltou a Lisboa o milagrosamente escapado *Romanceiro*, ainda não passei verão que lhe não dêsse algumas das horas descuidadas que n'aquella quadra ou se hãode dar a éstas occupaões mais leves ou a nenhuma. E n'estes oito annos teem-se locupletado consideravelmente com as contribuições de muitos amigos e benevolentes a alguns dos quaes nem posso ter o gôsto de agradecer aqui o favor recebido, porque incitados pela leitura da *Adozinda*,

me remetteram anonymamente pelo correio o fructo de suas colheitas. A principal parte de um bello romance, um dos mais bellos que jamais vi em collecção alguma nacional ou estrangeira e que hoje inriquece o meu Romanceiro, assim me foi mandada, creio que do Minho. Outro fragmento que vinha nos respigos ajunctados n'esta ceara pelo nosso insigne poeta o Sr. A. F. de Castilho, e que elle teve a bondade de me confiar, vein dar-lhe o complemento que faltava e restituir á perfeição em que hoje está. E' um romance de origem visivelmente franceza, se provençal ou normanda não me atrevo a decidir, em que se conta — um tanto diversa das chronicas antigas e do elegante poema de *Millevoix*, a historia do secretario Eginard e da muito bondosa filha de seu senhor e amo o poderoso imperador Carlos-Magno. Os nossos Scaldos vulgares lem hoje... não lem tal, mas repettem *Gerialdo*, corrupção do que ao principio foi Eginardo, adoçados em *ll* os *rr* francezes, como se fez em Giraldo, Reginaldo, antiga-

mente em Bernal e Bernaldo, e em outros muitos nomes que de la vieram tam duros ou mais.

Mencionei este exemplo entre muitos por cahir em coisa notavel, e para se ajuizar dos outros.

Mr. Pichon, bem conhecido em Lisboa, que foi ultimamente consul francez no Porto e agora creio que em Barcelona, tinha começado a formar em 1832-33 uma pequena collecção de xácaras portuguezas de que tambem me aproveitei. Mas o incançavel collector a quem mais obrigações devi em Portugal foi o meu condiscipulo o Sr. Dr. Emygdio Costa, advogado n'esta côrte e ha pouco fallecido, que generosamente me confiou a sua larga collecção principalmente feita nas duas Beiras, n'aquelle verdadeiro coração e amago do Portugal primitivo que occupa a região d'entre Lamego e Serra d'Estrella.

O Sr. Rivara, bibliothecario em Evora, o meu velho amigo o Sr. M. Rodrigues de Abreu, bibliothecario em Braga, o meu an-

tigo e fiel companheiro o Dr. J. Eloy Nunes-Cardoso, de Montemor-o-Novo, com assentamento dobrado, como diria um *bel esprit*, um *dos cultos* de Seiscentos, na Casa Real d'Apolo, por doutor e trovador tambem, — todos estes cavalheiros me têm ajudado com indicações, livros, folhetos antigos e cópias laboriosamente escriptas sob o dictar dos rusticos depositarios das nossas tradições populares.

Os trabalhos e recopilações de D. Agustin Duran sôbre os cancioneros e romanceiros castelhanos, obra publicada em Madrid em 1832, mas que só por aqui chegou cinco ou seis annos depois, vein illustrar-me em muita dúvida e ajudar-me a classificar muita coisa difficil. A nova e augmentada edição do Sr. Ochoa, impressa em Paris em 1838, e que mais depressa nos trouxe a mais habitual conversação e commercio litterario que temos com a França, algum tanto me auxiliou tambem. A traducção elegante de Mr. Lockart que n'aquella tam linda e fastosa edição de Londres de 1841 deu á lingua e á nação

ingleza a mais poetica e romantica idea que jamais será possível dar a um povo extranho e em idioma extranho das immensas riquezas do Nibelungen peninsular, mais que nenhuma coisa me inspirou e animou no meu trabalho, porque é um documento, um monumento grandioso da extraordinaria importancia e valia que este genero de coisas está merecendo á Europa culta.

O Sr. Herculano, bibliothecario da Real bibliotheca da Ajuda, com cuja provada amizade me houro tanto quanto a nação deve gloriarse de seus escriptos, tambem me tem ajudado não pouco com os preciosos achados que, no seu incessante lavrar das minas archeologicas, tem incontrado e repartido commigo. Por seu favor tornei a examinar, no Ms. original, o famoso cancioueiro ditto do Collegio dos Nobres, hoje na bibliotheca Real; e com éstas e com as collecções allemans e francezas, e creio que com quasi todas as dos povos do Norte, tenho collacionado as nossas rhapsodias populares, muitas das quaes, por este modo vim a conhecer visi-

velmente, que tinham a mesma commum origem. Os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard sôbre a lingua romance ou provençal me allumiaram muita vez n'esta obscura e inredada tarefa

A interessante e conscienciosa memoria do Dr. Bellermann impressa em Berlim em 1840, e o conhecimento de que a sociedade alleman para reimpressão dos livros raros estava publicando em portuguez o nosso Cancioneiro de Rezende; o interêsse geral que hoje se tem desenvolvido no mundo pela litteratura popular das nações modernas e especialmente das nossas peninsulares — interêsse que, porfim e emfim, hade vir a reflectir em nós tambem, e despertar-nos para abrir os olhos ás riquezas proprias, ainda que não seja senão pelas ver tam prezadas de extranhos — os conselhos e rogos do meu particular amigo e quasi compatriota nosso, o sr. João Adamson, tudo isto me fez alargar mais o planø da minha obra e collecção.

Resolvi, sob nova denominação de *Ro-*

*manceiro e Cancioneiro-Geral*<sup>1</sup>, reunir todos os documentos que eu pudesse para a historia da nossa poesia popular, desde onde memorias ou conjecturas ha, até á epocha actual, acompanhando-os de explicações e glossas, que vão servindo de nexos, que sejam como a liaça, o nastro que ate estes pergaminhos.

Quem não tem olhado senão á superficie da nossa litteratura, quem cego do brilho classico das nossas tantas epopeas, seduzido pela flauta magica dos nossos bucolicos, entusiasmado pelo estro tam ricco e variado dos innumeraveis poetas que, nos quartetos e tercetos sicilianos da elegia, da epistola e do soneto, rivalizam, e tantas vezes luctam de vantagem, com o proprio Petrarcha: quem, sôbre tudo — porque n'esse genero é a musa portugueza superior á de todas as linguas vivas — adora em Sá-de-Miranda, Ferreira, Diniz, Garção e Filinto o genio ridivivo de Horacio e de Pindaro

<sup>1</sup> Alterou-se este plano; só se tracta por agora do *Romanço*.

—não crê, não suspeita, hade ficar maravilhado de ouvir dizer, como eu quero dizer e provar no presente trabalho, que ao pé, por baixo d'essa aristocracia de poetas, que nem a viam talvez, andava, cantava, e nem com o desprêso morria, outra litteratura que era a verdadeira nacional, a popular, a vencida, a tyrannizada por esses invasores gregos e romanos, e que a todos os esforços d'elles para lhe oblitterarem e confundirem o character primitivo, resistia na servidão com aquella fôrça de inercia com que uma raça vencida, com que a população aborigine de um paiz resiste a igual impegno de seus conquistadores que lhe usurparam a dominação, e que, seculos e seculos depois, quando esses já não são, ou não cuidam ser, senão uma casta privilegiada e patriciana, reagem fortes aquell'outros com o que seus proprios senhores lhes insinaram, regenerados por seu longo martyrio, e extirpam muitas vezes, mas geralmente se contentam de avassallar, os seus antigos oppressores.

É a historia de todos os povos, e por consequencia de todas as litteraturas.

E' a historia litteraria de Portugal no segundo quartel d'este seculo; é o que foi ésta reacção vulgarmente chamada romantica, mas que não fez mais do que trazer a *renascença* da poesia nacional e popular. Nenhuma coisa pôde ser nacional se não é popular.

Aqui está o porquê, o como e o paraquê, fiz a collecção de que este volume é a primeira parte, ou mais exactamente a introducção, e que apenas contêm o que eu, á mingua de melhor nome, designarei com o titulo de *Romances da renascença*: são os que resuscitei e como que traduzi das quasi apagadas e mutiladas inscripções que desinterrei da memoria dos povos.

Os textos originaes d'estes, restituídos quanto é possivel, os de muitos outros que appareceram menos imperfeitos na mesma excavação, muitissimos que se têem achado em livros e papeis desprezados hoje e em collecções Mss., estão promptos, classificados, annotados, e sahirão em seguimento

d'este volume, apenas o permittam as difficuldades, sempre recrescentes em Portugal, de se publicar qualquer coisa.

Eu tenho posto termo, ou pelo menos suspensão indefinida a toda a occupação litteraria propriamente ditta, para absolutamente me dedicar, em quanto posso e valho, á conclusão de um trabalho antigo, mas interrompido muitas vezes, que agora jurei acabar; são *Vinte annos da Historia de Portugal*, periodo que começa em 1820 e chega aos dias de hoje, mas que não sei se ja anda mais inredado e confuso do que o dos mais antigos e obscuros seculos da monarchia.

Espero começar a publicá-lo no fim d'este anno <sup>1</sup>; e nenhum tempo ou logar me sobrá portanto para mais nada. O *Romanceiro* porém e *Fr. Luiz de Souza* estão promptos a entrar no prelo e, quanto é por minha parte, não farão esperar o público.

Lisboa, 12 de Agosto de 1843.

<sup>1</sup> Dez annos são passados e a promessa nem commeçou a cumprir-se (1853). Supponho o A receloso de arrostar com a audaciosa responsabilidade de historiador contemporaneo.

ROMANCEIRO

LIVRO PRIMEIRO

---

I

ADOZINDA



AO SR. DUARTE LESSA <sup>1</sup>

Eis-ahi vai, meu amigo, o romance em que lhe fallei n'uma das minhas ultimas cartas de Portugal. Estava quasi todo copiado; e aqui nem paciencia nem tempo me chegavam para as muitas correcções e alterações que elle precisava; por limar lhe vai, e por limar irá para a imprensa: tanto melhor para quem gostar de dizer mal, que não lhe faltará de quê.

Creio que é ésta a primeira tentativa que

<sup>1</sup> Serviu de prefacio á primeira ed. de Londres no anno de 1828.

ha dous seculos se faz em Portuguez de escrever poema ou romance, ou coisa assim de maior extensão, n'este genero de versos pequenos, *octosyllabos*, ou de redondilha como lhe chamavam d'antes os nossos. No meu resumo da historia da lingua e da poesia portugueza, que vem no primeiro volume do *Parnaso-Lusitano* impresso ultimamente em Paris, — a so coisa minha que ha n'aquella collecção, porque assim na escolha das peças, como na ordem e systema da obra me transformaram e me inxovalharam tudo com notas pueris, ridiculas, e até malcreadas algumas, — n'esse resumo toquei de leve, e em tudo o mais, sôbre a belleza d'estes nossos versos *octosyllabos*, que nos são proprios a nós hespanhoes, tanto portuguezes como castelhanos, e, para certos assumptos e certos generos de poesia, mais adequados do que nenhuma òutra especie de rhytmo. Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos: hoje está averiguado com certeza que não foi com effeito elle o primeiro que nas duas linguas cultas das Hes-

panhas compoz dos taes versos hendecasyllabos; mas é certo e além de toda a dúvida que do tempo de Boscan e de Garcilasso em Castella, e logo de Sá-de-Miranda e Ferreira em Portugal, começaram aquelles nossos metros primitivos a cair em mais desuso, a não se impregarem senão em certo genero de poesia ligeira ou, segundo lhe os Francezes chamam, *fugitiva*, Francisco Rodrigues-Lobo e muito depois D. Francisco Manuel-de-Mello ainda n'elles fizeram romances historicos; Violante do Ceo muitas das suas lindas e agora tam mal apreciadas poesias; ainda se fizeram posteriormente eglogas, e o que os poetas da Phenix-renascida e os campanudos vates das mil e uma academias do seculo xvii e xviii chamavam *romances* — que certamente não era o que hoje strictamente se intende por este nome. Em tempos mui posteriores felicissimamente os reviveu o nosso grande e incomparavel Tolentino na satyra, e no tam faceto e delicadissimo seu proprio e privativo genero da poesia *de sociedade*.

A nossa poesia primitiva e eminentemente nacional, a que do principio e, para assim dizer, do primeiro balbuciar da nossa lingua, nos foi commum com todos os outros povos que mais ou menos tiveram communhão com a lingua provençal, primeira culta da Europa depois da invasão septentrional, foi seguramente o romance historico e cavalheresco, ingenua e ruça expressão do enthusiasmo de um povo guerreiro. Logo vieram esses trovadores de Provença e nos insinaram modos mais cultos porêm menos originaes e menos cunhados do sêllo popular: era coisa mais de côrte. è como tal não pôde absoiver, senão modificar, o que brotára spontaneamente do natural da terra. Mas as duas feições ficaram ambas, e deram assim á poesia portugueza um character talvez unico no mundo, — nas Hespanhas decerto.

Em geral a poesia da meia-edade, singela, romanesca, apaixonada, de uma especie lyrica-romantica que não tem typo nos poetas antigos, comquanto deixou seu cunho

impresso no character das linguas e poesias modernas de todo o sul e occidente da Europa, não teve contudo imitadores nem se cultivou e aperfeiçoou nunca mais, quasi desde o completo triumpho dos classicos, senão agora recentemente depois que as balladas de Bürger, os romances poeticos de Sir W. Scott e alguns outros ensaios inglezes e allemães, mas principalmente os do famoso escocez, introduziram este gôsto e o fizeram *da moda*. Fatigados do grego e romano em architecturas e pinturas, começamos a olhar para as bellezas de Westminster e da Batalha; e o appetite imbotado da regular formosura dos Pantheons e Acropolis, começou, por variar, a inclinar-se para as menos classicas porém não menos lindas nem menos elegantes fórmãs da architectura e da sculptura gothica.

Sucedeu exactamente o mesmo com a poesia: infastidados os Olympos e Gnidos, saciados das Venus e Apollos de nossos paes e avós, lembrámo-nos de ver com que maravilhoso infeitavam suas ficções e seus qua-

dros poeticos 'nossos bis e tres-avós; achámos fadas e genios, incantos e duendes, — um stylo differente, outra face de coisas, outro modo de ver, de sentir, de pintar, mais livre, mais excentrico, mais de phantasia, mais irregular, porém em muitas coisas mais natural. O antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda: arte mais fina, gôsto mais delicado e de ingenhos mais cultos o soube impregar habilmente, 'declarar n'outra civilização.' A poesia romantica, a poesia primitiva, a nossa propria, que não herdámos de Gregos nem Romanos nem imitámos de ninguem, mas que nós modernos creámos, a abandonada poesia nacional das nações vivas resuscitou bella e remocada, com suas antigas galas porém melhor talhadas, com suas feições primeiras porém mais compostas. È a mesma selvatica, ingenua, caprichosa e aerea virgem das montanhas que se appraz nas solidões incultas, que vai pelos campos allumiados do pallido reflexo da lua, involta em veos de transparente alvura, folga no vago e na incerteza

das côres indistinctas que nem occulta nem patenteia o astro da noite; — a mesma bel-  
dade mysteriosa que frequenta as ruinas do  
castello abandonado, da torre deserta, do  
claustro coberto de hera e musgo, e folga  
de cantar suas endeixas desgarradas á bôc-  
ca de cavernas fadadas— por noite morta e  
horas aziagas. E' a mesma sem dúvida: po-  
rêm o gôsto mais puro e fino de seus ado-  
radores, sem alterar a lithurgia, modificou  
os ritos e os accommodou para espiritos e  
ouvidos costumados aos hymnos, menos va-  
riados porêm mais cadentes, da antiguida-  
de classica. Não ficou menos natural nem  
menos nacional, porêm muito mais amavel  
e incantadora a nossa poesia primitiva as-  
sim resuscitada agora.

Muito antes do nomeado escocez já tinha  
havido tentativas para nacionalizar a poesia  
moderna e a libertar do jugo da theogonia  
d'Hesiodo: —mas a propria e verdadeira res-  
tauração da poesia dos trovadores e menes-  
treis, sem questão nem disputa só W. Scott  
a fez popular e geral na Europa. — Com

ella se restauraram tambem os metros simples e curtos que mais naturaes são ao stylo cantavel, essencial ás composições d'aquelle genero.

Depois de muitas tentativas, de exame longo e reflectido, eu por mim convenci-me de que o metro proprio e natural de nossa lingua para este genero de poesia, e para todos os generos populares, não era o hendecasyllabo, o que dizemos vulgarmente heroico. Os portuguezes são uma nação poetica, a sua lingua naturalmente se presta e spontanea se offerece ás fôrmas e cadencias metricas; os nossos mais rudos camponezes improvisam em seus serões e festas com uma facilidade que deve de espantar os estrangeiros: mas observa-se que o metro d'estes improvisos é sempre sem excepção alguma, o de redondilha de oito syllabas, rara vez o da endexa; acaso farão os versos compostos visivelmente de dois metros, isto é, os alexandrinos ou dittos de arte maior. A causa é óbvia; aquella é a medição mais natural que lhe offerece a musica da lingua.

Entre as canções antiquissimas conservadas nos dois caucioneiros, o do Collegio dos Nobres (impresso por Sir Charles Stuart em Paris) e o de Rezende, ha muita variedade de metros; mas outras poesias mais antigas, os romances populares ou *xácaras*, que por tradição immemorial se conservam entre o povo, principalmente nas aldeias, todos são no metro octosyllabo ou em endexas. Logo direi aqui alguma coisa mais de vagar sôbre estas curiosissimas, e tam desprezadas mas tam interessantes, reliquias da nossa archeologia,

O genero romantico não é coisa nova para nós. Não fallo em relação aos primeiros seculos da monarchia: restam-nos ainda *specimens* das canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues, de Egas Moniz, d'elrei D. Pedro Cru, mas são antiquissimos documentos de certo. As trovas dos Figueiredos, apezar do tam suspeito testemunho de Fr. Bernardo de Brito, creio, por convicção intima, que são das mais antigas composições poeticas da lingua que chega-

ram até nós. Não alludo porêm a epochas tam remotas e incultas. Depois de introduzido o gôsto classico por Sá Miranda, e Ferreira principalmente, depois de esquecidas as graças singellas de Bernardim Ribeiro pelos mais ataviados primores de Camões e Bernardes, ainda então houve quem de vez em quando deixasse a lyra de Horacio e a frauta de Theocrito para tocar o alahude romantico dos menestreis. O proprio auctor dos *Lusiadas* nas canções, que, depois d'aquella, são sua melhor composição, para meu gôsto, n'essas canções tam bellas e tam profundamente sentidas, tam repassadas de melancholia suavissima, em alguns episodios dos mesmos *Lusiadas*, foi todo romantico, e felicissimamente o foi. Francisco Rodrigues-Lobo, segundo já observei, em muitas das pequenas peças que se encontram dispersas pelo *Pastor-peregrino*, pela *Primavera*, e nos seus romances moiriscos e historicos, é iminentemente romantico. Tal é Jeronymo Cortereal no *Naufragio-de Sepulveda*, quando o deixam com a natureza

e lhe permitem ter *sensu commun* as loucuras mythologicas com que perdeu tam bem escolhido assumpto, tam bellas scenas.

Deixando outros muitos, dos quaes o menor exame facilmente mostrará o mesmo, citarei aquelle romancesinho de Gaia e do rei Ramiro, que V. descobriu em Londres com o precioso achado dos papeis e livros do nosso infeliz Oliveira.

Depois que, na extincção dos Jesuitas, e pelos esforços da benemerita Arcadia se restauraram as bellas-lettras e a lingua, e o verdadeiro gôsto poetico affugentou os *acrostichos* e os *labyrinthos* seiscentistas, o genero classico resuscitou mais puro e tam bello nas lyras do elegante e puro Garção, do altissonante Diniz, do sublime Fillinto, do numeroso Bocage, do Classico Ribeiro-dos-Santos, do ingenho Maximiano Tôrres, do galantissimo Tolentino, do philosopho Caldas, mas o genero romantico injustamente involyido na proscricção do seiscentismo, esse desprezado e perseguido, ninguem

curou d'elle, julgaram-n'o sem o intender, condemnaram-n'o sem o ouvir.

No meu poemasiinho do Camões aventurei alguns toques, alguns longes de stylo e pensamentos, annunciei, para assim dizer, a possibilidade da restauração d'este genero, que tanto tem disputado na Europa litteraria com aquelloutro, e que hoje coroadado dos louros de Scott, de Byron e de Lamartine vai de-par com elle, e, não direi vencedor, mas tambem não vencido.

D. Branca, essa mais decididamente entrou na lice, e com o alahude do trovador desafinou a lyra dos vates; outros dirão, não eu, se com feliz ou infeliz successo.

Não é portanto, em nenhum sentido, novo hoje para a litteratura portugueza o genero romantico, nem me appresento agora com este meu romancesinho ao público portuguez a pedir privilegio de invenção ou patente de introdução. Se reclamo aqui prioridade é somente em ter instaurado as antigas e primitivas fórmulas metricas da lingua em uma especie de poesia que tambem foi

a primitiva sua, e ao menos a mais antiga de que tradição nos chegou.

De pequeno me lembra que tinha um prazer extremo de ouvir uma criada nossa, em-tôrno da qual nos reuniamos nós os pequenos todos da casa, nas longas noites de inverno, recitar-nos meio cantadas, meio rezadas, éstas xácaras e romances populares de maravilhas e incantamentos, de lindas princezas, de galantes e esforçados cavalleiros. A monotonia do canto, a singelheza da phrase, um não sei-quê de sentimental e terno e mavioso, tudo me fazia tam profunda impressão e me inlevava os sentidos em tal estado de suavidade melancholica, que ainda hoje me lembram como presentes aquellas horas de gôso innocente, com uma saudade que me dá pena e prazer ao mesmo tempo<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Sr. Duque de Ribas, bem conhecido na Europa h je, tomou para epigrapho do seu *Moro-esposito* este paragraho da presente carta: não me desvanee por mim, mas dá-me gôsto que precessemos os nossos vizinhos na restauração da poesia popular das Hespanhas. *Ed. de 1843.*

Veio outra idade, outros pensamentos, occupações, estudos, livros; prazeres, desgostos, afflicções—tudo o que compõe a variada tea da vida, — e da minha tam trabalhosa e trabalhada vida! — tudo isso pasou; e no meio de tudo isso, lá vinha de vez em quando uma hora de solidão e de repouso, — e as noites da minha infancia e os romances incultos e populares da minha terra a lembrarem-me, a lembrarem-me sempre,

Lendo depois os poemas de Walter Scott, ou, mais exactamente, suas novellas poeticas, as *ballads* allemans de Bürger, as inglezas de Burns, comecei a pensar que aquellas rudes e antiquissimas rhapsodias nossas continham um fundo de excellent e e lindissima poesia nacional, e que podiam e deviam ser aproveitadas.

Em Paris fui ver o cancionero do Collegio dos Nobres na defeituosa edição de Sir Charles Stuart; depois voltando a Portugal tornei a percorrer o de Rezende: no primeiro nada, no segundn pouco achei do romance historico ou narrativo. D'esta última especie não ha

impresso mais que esses duvidosos fragmentos conservados por Fr. Bernardo de Brito e por Miguel Leitão.

Recorri á tradição: estava então eu fóra de Portugal: estimulava-me a leitura dos muitos ensaios estrangeiros que n'esse genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em Allemanha. Uma estimavel e joven senhora de minha particular amizade — a quem por agradecida retribuição é dirigida a introducção do presente romance — foi quem se incumbiu de me procurar em Portugal algumas cópias das xácaras e lendas populares.

Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia barbara, que a grande custo se arrancou á ignorancia e acanhamento de *amas-séccas* e lavadeiras e saloias velhas, hoje principaes depositarias d'esta archeologia nacional, — galantes cofres, em que para descobrir pouco que seja é necessario esgravatar como o *pullus gallinaeus* de Phedro, — alguma coisa se pôde obter, informe e mutilada pela rudeza das

mãos e memorias por onde passou; mas enfim era alguma coisa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam e que tanto custou.

Assim consegui umas quinze rhapsodias ou, mais propriamente, fragmentos de romances e xácaras que em geral são visivelmente do mesmo stylo, mas de conhecida differença em antiguidade, todavia remotissima em todos. Comecei a arranjar e a vestir alguns com que ingracei mais : e para lhe dar amostra do modo por que o fiz, adeante copio um dos mais curiosos<sup>1</sup>, ainda que não dos menos estropiados, e com elle o restaurado ou recomposto por mim, o melhor que pude e soube sem alterar o fundo da historia e conservando, quanto era possivel, o tom e stylo de melancholia e sensibilidade que faz o principal e peculiar character d'estas peças.

A minha primeira idea foi fazer uma collecção dos romances assim reconstruidos e

<sup>1</sup> É o do Bernal Francez, n'este vol. — Vid. tambem o vol. II, pag. 121.

ornados com os infelizes singelos porém mais symmetricos da moderna poesia romantica, e publicá-la com o titulo de *romanceiro portuguez*, ou outro que tal, para conservar um monumento de antiguidade litteraria tam interessante, e de que talvez só a lingua portugueza, entre as cultas da Europa, careça ainda; porque de quasi todas sei, e de todas creio, que se não pode dizer tal<sup>1</sup>.

Mas sobreveio tanta interrupção, tanta distracção de tam variado genero, mortificações, cuidados, trabalhos mais serios: emfim desisti da impreza.

Já tinha decorrido muito tempo, e voltado eu a Portugal, lembrando me sempre de vez em quando este impenho tam antigo e tam fixo; e a occasião a fugir-me. Uma circumstância fatal e terrivel me fez voltar ás minhas queridas antignalhas. Lançado n'uma prisão pela maior e mais patente injustiça

1 É o pensamento que agora se realiza.

que jamais se ouviu<sup>1</sup>, voltei-me, para occupar minha solidão e distrahir as amarguras do espirito, aos meus romances populares, que sempre commigo têm andado, como uma preciosidade, que bem sei não avalia ninguem mais, de que muita gente rirá, mas que eu apprecio, e me ponho ás vezes a contemplar, e a estudar como um antiquario fanatico a quem se vão as horas e os dias deante d'um tronco de estatua, d'um capitel de columna, d'um pedaço de vaso etrusco, d'um bronze já carcomido e informe, desinterrado das ruinas de Pompeia ou de Herculano. Mas quantos Davids e Canovas não faz, quantos Raphaelis e Miguel-Angelos não fez o estudo d'esses fragmentos que despreza porque mais não entende o vulgo ignorante!

1 O auctor esteve por espaço de tres mezes preso sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessarias. Não foi preso o censor, nem prohibida a publicação, nem no fim de tres mezes se achou materia de culpa! *Ed. de 1828.*—O jornal era o Portuguez, cuja moderação em doutrina, e urbanidade em es'yo ainda não foram imitadas. *Ed. de 1843.*

Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavizando mágoas e distrahindo pensamentos. — Tinha eu começado a ageitar outro romance que originalmente se intitula *A Silvanã*; cujo assumpto notavel e horróroso exigia summa delicadeza para se tornar capaz de ser lido sem repugnancia ou indecencia. Era nada menos que uma nova Myrrha, ou antes o inverso da tragica, interessante, mas abominosa historia da mythologia grega; é um pae namorado de sua propria filha! — A filha joven, bella, virtuosa, sancta emfim. — A difficuldade do assumpto irritou o desejo de luctar com ella e vencê-la se possivel fosse, Dava larga o tempo, pedia extenção a natureza dos obstaculos; o que fôra começado para uma xácara, para uma cantiga, ou, como lhe chamam Allemães e Inglezes para uma *ballada*, sahio um poemeto de quatro-cantos, pequenos sim, porém muito maiores do que eu pensei que fossem, e do que geralmente são taes coisas. Mudei-lhe o titulo e chamei-lhe *Adozinda*, que soa melhor

e é portuguez mais antigo. O fundo da historia, as circumstâncias do desfecho d'ella são conservadas do original; o ornato, o mechanismo do maravilhoso é outro mas accommodado, creio eu, ao genero e á indole do assumpto.

Mando-lhe aqui tambem uma cópia do romance original para ver e combinar. E' dos mais mutilados e desfigurados, mas certamente dos que têm mais visiveis signaes de vetustade quasi immemorial<sup>1</sup>.

Ora eis-aqui, meu amigo, a historia e origem da minha *Adozinda*, gerada no exilio, nascida entre sustos, criada na miseria e padecimentos de uma prisão. Entre tudo o que tenho rabiscado de prosas e versos este romancesinho é a composição minha a que tenho mais amor pelas memorias que me lembra, pelas affecções que me desperta. — Que de coisas passaram por mim durante o tempo que o compuz, os intervallos

<sup>1</sup> Está a pag. 101 do II vol. do ROMANCEIRO, liv. II, part. 1, rom. 8.

tam longos em que o deixei! — até o nascimento e a morte de uma filha unica, tam querida e para sempre chorada! . . .

Adeus, meu amigo: não sei o que ahi vai escripto, nem como. São ideas sem nexo, pensamentos desatados, coisas á toa como o espirito de quem as escreve. Lea-as assim, e assim se imprimam se porventura estão em termos d'isso, — do que muito duvido, porque eu por mim, nem que me dessem os louros de Camões, ou me fizessem apotheoses como a Homero, me punha a corrigir, nem siquer a rever o que ahi vai escripto, quer prosa quer versos <sup>1</sup>.

Londres, 14 d'Agosto de 1828.

<sup>1</sup> Corrigiu-se contudo agora ésta carta para a presente reimpressão, porque escripta muito á pressa em Londres logo ao chegar de Portugal, não tinha agora essa desculpa, que então podia valer. *Ed. de 1849.*

1870

1871

1872

1873

1874

1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

1883

1884

1885

1886

1887

1888

1889

1890

1891

1892

1893

1894

1895

1896

1897

1898

1899

1900

1901

1902

1903

1904

1905

1906

1907

1908

1909

1910

1911

1912

1913

1914

1915

1916

1917

1918

1919

1920

1921

1922

1923

1924

1925

1926

1927

1928

1929

1930

## A ELYSA

*Campolide, 11 d'Agosto 1827.*

Thus, while I ap● the measure wild,  
Of tales that charmed me yet a child,  
Rude though they be, still with the chime  
Return the thoughts of early time ;  
And feelings, roused in life's first day  
Glow in the line, and prompt the lay.

WALTER SCOTT.

Campo da lide é este ; aqui lidaram,  
Elysa, os nossos quando os nossos eram  
Lidadores por glória, — aqui prostraram  
Suberbas caste'hanas, e — venceram ;  
Que pelo rei e patria combatendo  
Nunca foram vencidos Portuguezes.  
— Este terreno é sancto : inda estás vendo

Alli aquelles restos mal poupados <sup>1</sup>  
     Do tempo esquecedor,  
     Los homens deslembados ;  
 Nobres reliquias são d'altas muralhas  
 Forradas ja de lucidos arnezes,  
     De tresdobradas malhas.  
 Talvez fluctuava alli n'aquelle canto,  
     Suberbo e vencedor  
 Das Quinas o pendão victorioso ;  
     E junctos ao redor  
 D'esse paladio augusto e sacrosancto,  
 Invencivel trincheira lhe faziam  
 Toda a flor dos mais nobres e esforçados ;  
 Que á voz da patria (voz que nunca ouviam  
     Sem sentir redobrados  
 Do nobre coração os movimentos)  
 Heroes são todos, facil a victoria,  
 Faceis as palmas que lh'infeixa a glória.

Ah! — paremos aqui : — ve quaes na frente  
 As arterias violentas me rebatem :  
 Febril, descompassado corre e ardente  
 E me angustia o sangue. . . — Ah! sim paremos  
 Aqui. . . Não, aqui não ; esse outeirinho  
     Depressa o descereamos.  
 Faz-me bem ésta vista : — essas arcadas<sup>2</sup>  
     Suberbas, elevadas,

<sup>1</sup>Ruinas de fortificações antigas em Campolide. Vid. notas no  
<sup>2</sup>Aquelusto das aguas livres. — Vid. notas no fim.

Que uniram monte a monte e serra a serra,  
Acaso não serão  
Tam illustres talvez,— não lembram guerra,  
Glória não lembram; nem com sangue livido  
A morte da victoria companheira  
Para o erguido padrão  
O cimento amassou.  
Um rei que amou as artes, rei pacífico,  
A quem amor fadou  
Que se eu fôsse e das musas,— que fugidas  
Da pátria ha tanto, á patria as volveria;  
Do povo á utilidade  
Este sublime monumento erguia.  
Para a posteridade  
Isto só lhe appurou o nome e a glória,  
E lhe ganhou as paginas da historia.

Inda é muita oppressão; inda me acanha  
Tanta arte humana o coração no peito.  
Tam grandes massas, fábrica tammanha  
Absorto deixarão—mas satisfeito  
O ânimo, os sentidos?... Não, Elysa,  
Não satisfaz ao homem a arte humana:  
Por mais que ella se uffana,  
Que aos abysmos o centro opprime e pisa  
C'os fundamentos de eternaes pyramides,  
Ou c'os erguidos vertices  
As nuvens rasga o seio tempestuoso.  
Nem assim: — á tristeza ou á alegria,

E áquelle estado de inefavel gôso  
 Que entre a dor e o prazer a alma suspende  
 Brandamente e se diz *melancholia*,

Oh! nada d'isso o excita.

Oh! nada d'isso o coração entende!

Oh! nada d'isso o espirito nos move

Se a natureza, a pura natureza

Por sua ingenua attracção nos não commove.

Posso admirar o homem e a grandeza

De suas nobres feitura,

Mas somente admirar;

Mais não póde excitar

Mesquinha criação de creaturas.

Vamos por essa incosta

Subindo. — Eu gôsto do alto das montanhas,

Dos picos das erguidas serranias,

O avaro á terra mãe abra as intranhas,

Cave oiro e crimes, com que incurte os dias

Seus e dos seus, e a sombra da virtude

Acabe de varrer da face d'ella.

Mas o que, em paz commigo e co'a existencia,

Ainda ama a innocencia,

Inda se apraz co'a natureza bella,

A seus quadros surri, com seus dons gosa,

Oh! esse venha ao cume do alto monte,

Venha estender a vista saudosa

Pelo valle que á falda lhe verdeja,

A messe que loureja;

E a despenhada fonte  
Que vai garrula e trepida saltando  
Té que se junta em cava pederneira.  
D'onde sai, o arco d'Iris imitando  
Na espadana da férvida cachoeira.  
Venha na solidão -- e o só dos montes  
É mais só que nenhum, -- o silencioso  
Mais augusto, solemne e magestoso!  
    Venha na solidão  
Comsigo conversar, fallar um'hora  
    Com o seu coração.  
—Quantos ha que annos longos hão vivido  
C'os outros sempre, sempre c'os de fóra  
Sem viverem comsigo nem um dia,  
    Nem um momento só!  
Tenhanos d'elles dó;  
Viver não... têm apenas existido.  
    Tua meiga companhia  
É doce, Elysa; e sempre na minha alma  
Foi teu brando fallar — e quantas vezes! —  
Celeste orvalho que-abrandou a calma  
De paixões, que adoçou o agro a revezes:  
Porêm a minha solidão querida,  
De vez em quando, lá quando alma o pede,  
Oh! não m'a tirem que é tirar-me a vida.  
Agora conversemos: eu ignoro  
A arte das vans palavras que bem soam;  
    Oíço-as, e não demoro  
No ouvido os sons que de per si se escoam.

O sol declina; — temos largamente  
 Hoje philosophado.  
 Na viva flor da idade e da saude  
 Nem de todos seria accreditado  
 Que tam suavemente  
 Em austeras conversas de virtude  
 Nos fôsse o tempo. — Crê-me, Elysa amavel,  
 Tem muito mais prazeres a amizade  
 E mais doces que amor:  
 Para todos os sexos, toda a idade,  
 Em todo o tempo a mesma, sempre affavel,  
 Sem o cancro roedor  
 Do ciume voraz que no mais puro  
 D'amor, no mais seguro  
 Suas raizes venenosas lança,  
 E co'a mais branda flor  
 Seus mordentes espinhos lhes intrança.

Detestemos, Elysa, essa funesta  
 Paixão brutal que a tudo e em tudo damna,  
 Da virtude a tyranna:  
 Não nos illuda a tam commum cegueira;  
 Detesta o crime quem amor detesta.  
 Crimes! — vê a amizade prazenteira,  
 Que nenhuns tem; — e amor, ai! quantos, quantos  
 Honras perdidas, thalamos violados,  
 Os vinculos mais sanctos  
 Dos homens e de Deus, da natureza,  
 Da propria natureza — espedaçados

Por esse amor, que sua tocha accesa  
Do vivo fogo traz do averno immundo  
Para de crimes abraçar o mundo.

Honesto, justo, sancto, consagrado,  
Nada respeita: — o sangue, o altar em meio  
De seus desejos não é termo ou freio;

    Não ha pomo vedado

    No Eden da virtude

    Que a mão perversa e rude

Tocar não ouse, — árvore da vida

    Que dos gryphos mordida,

Em peçonha de morte não converta,

E a seiva salutar já corrompida

Em lethal beneficio não perverta.

    Lembra-te aquella historia

Que ingenuo o povo em seus trabalhos canta,

    E de longa memoria

    Entre elles perpetuada,

É singella legenda de uma sancta,

Que por brutal amor sacrificada,

    Desvalida virtude,

Só do crime escapou no seio á morte?

    Eu a canção magoada

    Em verso menos rude,

Mais moldado verti, dei novo córte

Ao vestido antiquissimo, á simpleza

    Que ha seculos lhe deu

De nossos bons maiores a rudeza.

—Serenos está o ceo,  
Tranquillo o vento, a calma descahida ;  
E, pois que não te infada  
A singella toada  
Do bardo alahude que sem arte soa  
E a rhyrna desgarrada  
Da popular canção rustico intoa,—  
Aqui t'a cantarei, ouve : e se ao pranto  
Te commover a saudosa endeixa,  
Na selvagem bonina,  
Na campainha agreste d'esse mato  
Arrociá-lo deixa ;  
São lagrymas sinceras, propria fonte  
Para regar as innocentes flores  
Que arte não sabem nem conhecem arte ;  
Flores como os meus versos não variados  
De refinadas côres,  
Em que alma só e coração tem parte,  
Não por classica musica modulados  
Ao graduado som de grega lyra,  
De cithara romana.  
A minha é melodia que só mana  
Dos intimos accordes só do peito ;  
Nem ha corda que fira  
Em meu alahude rustico  
Tom menos natural, mais contrafeito.  
  
Em suberbos canaes, alto impedrados  
Por ingenhoso hydraulico,

Vão d'arte subjugados  
Os caudaes da torrente conduzindo  
Riquezas de preciosa mercancia:  
E o arroio, que serpeia entre pedrinhas  
Pela relva macia,  
Bordado em-tôrno sinuosamente,  
Que póde elle levar  
Em sua doce e trépida corrente?  
— Alguma folha de silvestre rosa  
Que, ingenua divagando,  
Pastorinha formosa  
Lhe foi acaso á margem desfolhando.



## ADOZINDA

---

### Cantiga Primeira

No, I'll not weep:  
I have full cause of weeping; but this heart  
Shall break into an hundred thousand flaws  
Or ere I'll weep.

SHAKSPEARE.

#### I

Onde vas tam alva e linda,  
Mas tam triste e pensativa  
Pura, celeste Adozinda,  
Da côr da singella rosa  
Que nasceu ao-pé do rio?

Tam ingenua, tam formosa  
Como a flor, das flores brio  
Que em serena madrugada  
Abre o seio descuidada  
A doce manhan d'Abril!  
— Roupas de seda que leva  
Alvas de neve que cega  
Como os picos do Gerez  
Quando em Janeiro lhe neva.  
Cinto côr de violeta  
Que á sombra desabrochou;  
Cintura mais delicada  
Nunca outro cinto apertou.  
Anneis louros do cabelo  
Como o sol resplandecentes  
Folgam soltos; dá-lh'o vento,  
Dá no veo ligeiro e bello,  
Veo por suas mãos bordado,  
De um sancto ermitão fadado  
Que vinha da Palestina;  
Passou pelo povoado,  
Foi-se direito ao castello  
Pediú pousada, e l'ha deram  
Porque intercede a menina:  
Que o pae suberbo e descrido,  
— 'N'essa gente peregrina,  
Disse, quem sabe o que vem?'  
— Mas pede Adozinda bella,  
Tal virtude e formosura,

Quem lh'o hade negar a ella?  
Não póde o pae nem ninguem.

## II

Mas o outro dia á luz nada  
Houve quem visse Adozinda  
Debruçada em seu balcão  
Haver prática alongada  
Co'aquelle velho ermitão.  
Quem sabe o que lhe elle disse?  
— Ninguem no castello ouviu:  
Mas d'aquella occasião,  
A alegria lhe fugiu  
Dos olhos e do semblante:  
Ficou triste, sempre triste;  
Mas em seu rosto divino  
Fez-se formosa a tristeza.  
Como olhos d'amor quebrados  
Disseras os olhos d'ella;  
Mas não tem d'amor cuidados,  
Que a ningnem conhece a bella.

## III

Qual semente arrebatada  
Da flor de vergel mimoso  
Pelos furacões do Outomno,  
Vai no incôsto pedregoso

Cahir de serra escalvada;  
Vem Abril, e a seu bafejo  
Brota e nasce a linda flor,  
De ninguem vista ou sabida,  
Nem de damas cubiçada  
Nem de pastores colhida,  
E o vento da solidão  
Lhe bebe o perfume em vão.

## IV

Quinze annos tem Adozinda;  
E desd'a vez que o romeiro  
Do saio pardo e grosseiro  
Lhe fallou ao seu balcão,  
Faz tres para o San-João.

## V

E Adozinda sempre triste  
Vai sosinha pelo eirado  
Pelo jardim, pelo prado;  
Nem ja a divertem flores  
Em que punha o seu cuidado.  
Pelos sombrios verdores  
De sua espessa coutada  
Vaga á toa e derramada,  
Como a novilha perdida,  
Como a ovelha desgarrada

A quem o tenro filhinho  
Lobo do mato levou :  
— Desfaz-se a mãe em balidos,  
Que de ninguém são ouvidos,  
E o filhinho não tornou !

## VI

Que tem Adozinda bella  
Que em tal desconsólo a traz ?  
Serão saudades do pae  
Que anda co'os Mouros á guerra  
Por defender sua terra  
Mais a sancta lei de Deus ?  
Tres annos ha que se foi ;  
E dous filhos que levou,  
A cadaqual sua espada  
Com juramento intregou  
De lh'a tornarem lavada  
No sangue mouro descrido :  
E assim cada um jurou.  
Fizeram gente em suas villas ;  
(Que preito muitas lhe dão) .  
E guiaram seu pendão  
Para terras de Moirama.  
Ja vejo chorar donzellas,  
Vejo carpir muita dama,  
Que onde chega Dom Sisnando,  
Com sua espada portugueza

Não ha lanças nem rodellas  
Que sirvam para defesa.

## VII

Mas não são do pae saudades,  
Que sempre a lidar com armas  
Como ellas duro se fez;  
Mais lhe importam do que a filha  
Seus ginetes, seu arnez.  
E até — quem diria tal! —  
Quando a mãe, por diverti-la,  
Lhe falla do pae ausente  
E lhe diz que hade voltar,  
Parece que se lhe sente  
O coração apertar.  
— Suspira em silencio Auzenda,  
Auzenda tam bella ainda  
Que ao-pé da bella Adozinda  
Mais irman que mãe parece  
De filha tam môça e linda.  
Suspira em silencio a triste,  
Porque suspira não diz:  
— ‘Filha amante de seu pae  
Conceder-me o ceo não quiz!’  
— Ai! que sem razão se chora!  
— Ai! Auzenda malfadada,  
Tem de vir minguada hora  
Que á filhinha desgraçada  
Darás mais razão que agora.

## VIII

Que tropel que vai nos paços  
De Landim ao-pé dos rios !  
Sons de festa e sons de guerra  
Em seus muros e alta tôrre ?  
Geme a ponte, treme a terra  
C'o peso d'homens armados.  
Cavallos acobertados  
Trotam ligeiros ; — e corre  
O alferes que tremolando  
Vai guião de roxa cruz . . .  
Ja chegado é Dom Sisnando.  
Entre os cavalleiros todos  
Sua armadura reluz :  
E o pennacho fluctuante  
Das plumas alvas de neve  
Sôbre o elmo rutilante  
De longe a vista percebe.

## IX

— 'Portas do castello, abri-vos,  
Correi, pagens e donzellas,  
Que é chegado meu senhor,  
Meu espôso e meu amor !'  
Auzenda bradava e corre.  
Portas se abrem, soam vivas,  
E o echo da antiga tôrre

Com o som festivo acordou.  
— 'Viva, viva Dom Sisnando!'  
E o tropel que dobra e cresce,  
E ás portas que chega o bando  
Dos guerreiros triumphantes.  
Do corcel suberbo desce  
E aos braços anhelantes  
Da cara espôsa voou.  
Doce amor que os apertou  
Não lhes deixou mais sentidos  
Que para se ver unidos,  
Ajuntar-se peito a peito,  
E em laço tam brando e estreito  
Longa saudade afogar.  
A Auzenda gotteja o pranto,  
Pranto que é todo alegria;  
E o rosto que nunca infia  
Do esforçado lidador.  
Tambem sentiu — mais que a dor  
Póde o gôso! — descuidada  
Uma lagryma sensivel  
De seus olhos escapada.

## X

Mas as lagrymas de gôsto,  
Como as de mágoa, teem fim;  
Dom Sisnando inchuga o rosto,  
E tomando a mão á espôsa:

— ‘D’onde vem, lhe diz, senhora,  
Que a joia mais preciosa  
Não vejo d’estes meus paços,  
D’onde vem que aos meus abraços  
Minha filha ?..’ A filha bella,  
Pasmada, trémula, a um lado,  
O rosto ao chão inclinado,  
Parecia humilde estrella  
Que ao primeiro raio vivo  
Do sol que no alvor reluz  
Não fica, não, menos bella,  
Porém pállida e sem luz.

## XI

Tres annos ja são passados  
Que Dom Sisnando a não via,  
N’essa joven, linda dama  
Sua filha não conhecia.  
— ‘Ei-la aqui, senhor,’ dizia  
A mãe, que d’um braço a trava,  
‘Ei-la aqui.’ — Os olhos crava  
O pae na formosa filha,  
E de assombro e maravilha  
Mudo, estatico ficou.  
Cora Adozinda, suspira,  
E — ‘Pae!’ disse em voz tremente  
Submissa... —; languidamente  
Ajoelha, osculo frio

Na paterna mão imprime :  
Pranto que atelli reprime,  
Corre agora em sôlto rio.  
—‘Que tens tu, filha querida,  
Que assim choras tam carpida?  
É teu pae, que hade querer-te,  
Que hade amar-te como eu te amo.’  
E tomou-a nos seus braços,  
E a levanta Auzenda bella.  
Pasma o pae, suspira ella;  
E a custo os doces abraços  
De pae, de filha se deram.

## XII

Pouco alegre a companhia  
Entrou nos paços brilhantes;  
E os atabales soantes  
Pregoaram festa e alegria  
No Castello de Landim.

## Cantiga Segunda

But yet thou art my flesh, my blood, my daughter

SHAKSPEARE.

### I

Oh! que alegrias que vão  
Pelos paços de Landim!  
Que magnificos banquetes,  
Que sumptuoso festim!  
Juncto ao valente campeão,  
A' cabeceira da mesa  
Ficou a bella Adozinda.  
A tam celeste belleza  
Estão todos admirando;  
E o imbevecido Sisnando  
Não se farta de abraçá-la,  
De beijar filha tam linda.

Auzenda de gôsto chora,  
E abençoa a feliz hora  
Em que tanto amor nasceu.  
— 'Inda bem' diz 'que a rudeza  
De tanto lidar com armas  
A' innocencia, á belleza  
Da amada filha cedeu!'  
Ella as caricias paternas  
Ja não ousa de esquivar-se;  
Cora, mas deixa abraçar-se;  
Ve-se que tantos affagos  
A repugnancia venceram  
Da timidez natural,  
— Ou, se outra causa fatal,  
Mais incuberta ella tinha...  
Ao menos lh'a adormeceram.

## II

Ja de exquisitos manjares  
Os convivas saciados,  
De folias e cantares  
Pagens, donzellas cançados,  
E dos brindes amiudados  
Finda a primeira alegria,  
Doce repouso pedia  
Quanto ésta noite em Landim  
Velou em baile e festim.  
A seus nobres aposentos

Adozinda retirada,  
Com permissão outorgada  
— A custo — do pae, se foi.  
Auzenda, em grave cortêjo  
De suas damas rodeada  
Deixou ha muito o festêjo,  
E em seu camarim deitada  
Espera o momento anciosa  
Em que a sós a amante e a espôsa  
Nos braços de Dom Sisnando  
Se hãode em breve confundir.

## III

Como um tapete mimoso,  
Juncto ao paço de Landim  
Se estende jardim formoso,  
De boninas a relvado  
Da verde gramma e de flores :  
Remata em bosque frondoso  
Cujos opacos verdores  
Eternas sombras acoitam.  
— De pesados sentimentos  
Oppresso o peito fremente,  
A respirar livremente  
O ar puro da noite fria  
Entrou insensivelmente  
Dom Sisnando em seu vergel.  
Jamais tam rico docel

De azul bordado d'estrellas  
Se estendeu por sôbre a terra  
Do estio nas noites bellas.

## IV

Alta a lua vai no ceo,  
E as sombras leves e raras  
Não impedem ás florinhas,  
Não tolhem ás aguas claras  
De brilhar co'a luz nocturna,  
Menos resplendente e fúlgida,  
Porêm mais suave e placida,  
Mais amavel que a diurna.  
Manso o vento, que murmura  
Entre as folhas brandamente,  
Convida suavemente  
A respirar, a bebê-la,  
Essa fresca viração,  
Das flores exalação,  
Tam doce como o bafejo  
De dous amantes queridos  
Quando por amor unidos  
Se dão mútuo e doce bejo.

## V

Na feiticeira belleza  
Da noite, do ceo, das flores

Várias d'aroma e de côres,  
Sisnando todo imbebido,  
No seio da natureza  
Do resto do orbe esquecido,  
Pouco a pouco a agitação  
D'alma lhe foi abrandando,  
E o pesado coração  
Do affôgo desappertando :  
Ja póde gemer, — suspira,  
E como que se lhe tira  
Um pêso de sôbre o peito,  
Que a suspirar foi desfeito.

## VI

Porque geme, porque aneia  
Dom Sisnando, o lidador ?  
Sisnando, o triumphador,  
Cujo alto pendão campeia  
Victorioso e senhor  
Por tanta suberba ameia  
De nunca \_entrado \_castello,  
De jamais vencida tôrre !  
— Dôr que\_lhe nasce no peito  
É dor que no peito morre ;  
Ancia que\_lhe\_ralla a vida  
Não é para ser sabida.  
— E desde quando ? ha tam pouco  
Feliz e ditoso ainda,

Com tanta alegria e júbilo  
Festejada sua vinda!...  
Vassallos, espôsa, filha...  
Filha!... A filha é tam formosa!  
Oh! essa Adozinda bella  
Nos olhos incantadores  
Tem com que matar d'amores  
A metade dos humanos!  
Não, não é peito sensível  
Peito que lhe resistir:  
Mas o pae!... não é possível.

## VII

Não é, não é. -- Mas Sisnando,  
Sem saber onde caminha,  
Melancholico e pesado,  
Insensível foi entrando  
Pelo bosque immaranhado  
Que ao jardim avizinha:  
E o silencio, que o seguiu,  
Que no espesso coito habita,  
Nem um verde ramo agita,  
Nem uma folha buliu.  
- A' toa por entre as árvores  
Sem seguir carreiro ou trilho,  
Nem guiado d'um só brilho  
De froixa estrella que entrasse  
Por tam medonha espessura,

Ora lento e vagaroso,  
Ora os passos apressura,  
Ja por caminho fragoso,  
Ja por vereda macia,  
Té que n'um claro onde os troncos  
Escasseiam de repente,  
E onde pallido e tremente  
Seu reflexo a lua infia,  
Sem o saber, foi parar.

## VIII

Agreste, não feio é o sitio,  
Medonho, horrivel de ver;  
Porêm tem a natureza  
Horrores que são belleza,  
Tristezas que dão prazer,  
Mão d'arte alli não chegou;  
A virginal aspereza  
Ficou em toda a rudeza  
Que a criação lhe deixou.  
De um lado, choupos anciãos  
Seus ramos lobregos pendem,  
E o vivo seixo fendem  
Crespas raizes nodosas  
Das soveiras annosas  
Que as cortiças remendadas  
Têm dos estios lascadas  
A pedaços a cahir.

— Do outro, altivos rochedos,  
Como do ceo pendurados,  
Diffundem pallidos medos  
Que em funda gruta acoitados  
De espectros a povoaram.

— Di-lo toda a vizinhança,  
Que ou são sombras de finados,  
Ou de negras bruxas más  
Alli ha nocturna dança.

— Redobra do sítio o pavor  
Um jôrro alto que despenha  
Saltando de penha em penha,  
E os echos em deredor  
Vai temeroso accordando.  
Este unico som d'horror  
Á callada solidão  
Da mudez quebra o condão.

— Sisnando, o ardido Sisnando,  
O do forte coração,  
Sentiu soçobrar lhe o ânimo :  
Uma voz dentro do peito  
Lhe diz que não passe ávante ;  
Mas outra voz mais possante,  
Outra voz que é voz do fado,  
Voz que ao mortal desgraçado  
Não deixa fôrça ou razão,  
Lhe brada : *Persiste, segue...*

— Ai!do que a ella se intregue,  
Que se intrega á perdição !

## IX

No seixo cavada grutta  
Tem escassa entrada aberta,  
Quasi de todo cuberta  
De festões d'hera lustrosa  
Que cingindo a rocha bruta  
Pende em grinalda ramosa.  
Entre as folhas, que meneia  
Ligeiro sôpro de vento,  
Viu Sisnando—e alma lhe anceia —  
Um lampejar vago, incerto  
De luz fraca, — ouve um accento  
De voz doce mas gemente,  
Voz que se ouve que está perto,  
Que intoa suavemente  
Uma angelica harmonia,  
Tam triste que faz chorar!  
E ésta voz assim dizia  
Em seu languido cantar :

—‘Anjos do ceo, acudi-me,  
Valei-me, sanctos do ceo,  
Que me rouba mais que a vida  
Quem so a vida me deu.

‘Sancto ermitão, que me deste  
Aquella esperança ainda  
Que a desgraçada Adozinda

Viria a ser venturosa  
Apóz de longo penar . . .  
Sorte que vieste  
Sôbre mim deitar,  
Sorte desastrosa  
Vem ver começar.

‘Anjos do ceo, acudi-me,  
Valei-me, sanctos do ceo,  
Que me rouba mais que a vida  
Quem só a vida me deu.

Mas ah! tam negro crime,  
Tam horrida paixão  
D’um pae no coração . . .  
D’um pae . . . — Como é possivel!  
Não, não, não hade entrar.’

## X

—‘Pois treme, infeliz, e sabe  
Que essa horrorosa paixão  
Aqui n’este coração . . .’  
Sisnando, a quem ja não cabe  
No peito a angústia, o tormento  
De tam criminoso amor,  
N’estas vozes de terror  
Rompendo, a caverna entrou.

## XI

Oh que pavoroso instante !  
Os anjos todos cubriram  
Seus rostos co'a aza brilhante ;  
Sem vento os troncos d'emtôrno  
A ramagem sacudiram ;  
A lua no ceo mais pallida  
Como de susto infiou  
E para traz da montanha  
Foi correndo, e se eclipsou.

## XII

Quem hade a filha chorar  
Que está nos braços paternos !  
Oh! quem se hade horrorizar  
Dos beijos doces e ternos  
Que o amor... — Que amor é esse  
De ouvir tam medonho horror  
O proprio inferno estremece,  
E só lá... ha tal amor!

## XIII

Oh! como heide eu cantar  
Se no peito a voz me treme !  
Historia que é de chorar,  
Quem a diz não canta, geme.  
— Só não gemia Adozinda,  
Que toda morta, gelada,

Sancto Deus! — mais bella ainda  
Na viva rocha, estirada  
Como um cadaver ficou.

## XIV

E o pae ousou levantá-la,  
E apertar juncto a seu peito  
Aquella morta belleza!  
— Repugnou a natureza;  
E, da paixão a despeito,  
De si a affasta, vacilla...  
O anjo da sua guarda  
Inda um momento o resguarda...  
Mas ha na terra ou no ceu  
Fôrça maior que a paixão,  
Que subjugue um coração  
Que d'amor indoudeceu?  
Se a ha, não lhe acudiu Deus,  
Venceram peccados seus.  
Lembrou-lhe fugir... ficou:  
Sim, lembrou-lhe a salvação...  
E á sua condemnação  
O infeliz se votou.

## XV

Geme, chora ; altos soluços  
Do peito lhe véem bradando ;  
Porêm fugir de Adozinda  
Não póde o triste Sisnando.

Ella accorda, e em voz sumida :  
— ‘Piedade, senhor, piedade ! . . .  
Só pôde dizer : perdida  
Nos echos da soledade  
Vai soando e murmurando  
A voz triste e condoida.  
Ouve-a elle ; e o coração  
No peito lhe estremeceu ;  
Na execranda pretensão  
Recúa, — mas não cedeu.

## XVI

Palavras que lh'elle disse,  
Respostas que lh'ella deu,  
Oh ! não as contarei eu,  
Não as contará ninguém . . .  
Quiz que lh'ella promettesse  
(E a terra alli não se abriu  
Quando tal a um pae ouviu !)  
Que para a noite seguinte,  
Quando tudo em paz jazesse  
Em seu leito o recebesse . . .

## XVII

Chora a infeliz, chora, geme,  
De horror e de pasmo treme :  
Insta o perigo imminente,

A esperança na demora...  
Com voz cortada e gemente :  
— ‘Senhor, não insteis agora,  
Deixae-me cobrar alento,  
E ámanhan responderei.’  
— ‘Pois solemne juramento  
Farás de que...’ — ‘Sim, farei ..’  
— ‘Que ámanhan, antes que o dia  
Do horisonte desappareça,  
Darás resposta final.  
E ai de ti, ai do mortal  
A quem ousasses!... — Pereça  
O infeliz n’esse momento :  
Só a morte, só o inferno  
De meu cru resentimento  
O poderiam salvar.’

## Cantiga Terceira

*I must a tale unfold whose lightest word  
Will harrow up thy soul ; freeze thy blood ;  
Make thy two eyes, like stars, start from their spheres.*

SHAKESPEARE.

### I

Que mau fado, que hora má,  
Oh ! qual agoirada estrella  
Levou Adozinda bella  
A' fadada grutta escura ?  
Que foi ella fazer lá ?  
No mais denso da espessura,  
A tão aziagas horas,  
Só, alta noite, a deshoras,  
Sem donzella ou escudeiro,  
Como o pedia a decencia,  
Sem levar mais companheiro

Que sua debil innocencia,  
Que seu joven coração !

## II

Quem o sabe ? — No castello  
Nem a propria mãe, que a adora,  
Que pela filha querida  
Dera tudo, dera a vida . . .  
Nem a propria mãe sabê-lo !  
E como é que Auzenda ignora,  
Por que incanto ou maravilha,  
Que ao pino da meia noite  
Todos os dias a filha  
O escuro parque atravessa,  
E tenteando a treva espessa  
Vai sosinha áquella grutta  
Que no mais claro do dia  
Ninguem a entrar ousaria ?  
-- Mas vai ; não o sabe Auzenda :  
N'este segredo fatal  
Coisa sobrenatural,  
Coisa medonha, tremenda  
Ha por certo . . . oh ! que inda mal !

## III

Desde aquella madrugada  
Que Adozinda em seu balcão

Fallou c'o velho ermitão,  
De noite á grutta fadada  
Sempre vai. Sibille o vento  
No bosque medonho e feio,  
A's nuvens o pardo seio  
Rasgue horrisono trovão,  
Nada teme; a passo lento,  
Só, para alli se incaminha  
E em rezas, em penitencia  
Horas longas jaz sosinha.  
Talvez d'aquelle romeiro,  
Por salutar providencia,  
Seu fado lhe foi preditto;  
Talvez lhe fôsse prescrito.  
Por tam sancto conselheiro  
Que passasse em oração  
N'aquellas medonhas fragas  
Certas horas aziagas  
Em que a fatal conjuncção  
D'um astro seu inimigo  
Maior fizesse o perigo  
Da terrivel maldicção  
Que a persegue, — ella innocente! —  
Que tam injusta cahiu  
N'aquella votada frente...  
Mas diz que não ha condão  
Peior que o da maldicção!  
E quantas não attrahiu  
Sôbre a familia inculpada

A soberba despiedada  
D'esse orgulhoso Sisnando?  
Quantas vezes o infeliz,  
C'os filhinhos expirando,  
A' porta do seu castello  
Se viu gemendo e chorando,  
E o desalmado senhor  
Essa gentalha atrevida  
Escorrassar a mandou!  
Taes peccados não guaidou  
Para os punir na outra vida  
O supremo Arbitrador.

## IV

Mas ja despontava o dia,  
Que tam alegre hoje vem,  
Tam risonho parecia,  
Que não dissera ninguem  
Senão que traz alegria:  
—E tantas, tam negras mágoas,  
Nunca as trouxe o sol nascente  
Desde que assoma no oriente  
E se sepulta nas aguas.  
Toda a noite longa, immensa,  
Auzenda velou chorando,  
De suas lagrymas regando  
O leito viuvo e só;  
A ninguem sua dor intensa

A desgraçada confia :  
Ninguém da triste ouve dó,  
Que do espôso em companhia  
Todo o castello a julgou.  
Porêm a noite passou,  
E porfim, do novo dia  
Ja o alvor vinha raiando,  
Sem apparecer Sisnando.

## V

É a manhan ;—tenue ainda a luz,  
Mas ve-se que é madrugada.  
Auzenda ainda acordada  
Sente abrirem-lhe com tento  
A porta do aposento,  
E entrar... —‘Será elle?... Oh vem!  
És tu, suspirado espôso?!  
Disse ella em timida voz :  
Não lhe responde ninguém.  
Um suspiro doloroso  
Lhe dissipou a illusão.  
Oh quem se hade inganar  
Com aquelle suspirar !  
É Adozinda, — voaram  
Do maternal coração  
Toda a mágoa e dissabores ;  
E os sentidos que ficaram  
Foi para amargar as dores  
Que n'aquelle *ai* a assaltaram.

## VI

—‘Filha, filha... a ésta hora!  
Que succedeu?... que tens tu?’  
Callada Adozinha chora.

—‘Ai, não me chameis filha!’  
Rompe em fim, a soluçar,  
Nadando n’um mar de pranto,  
Pasma, terror, maravilha,  
Susto, medo, horror, espanto  
No peito da triste Auzenda  
Em confusão estupenda  
De tropel foram quebrar.  
— Que será? — E esse tyranno  
De todo o socêgo humano,  
*Divida*, o monstro fatal,  
Que até nos deixa a esperança  
Para que do incerto mal  
Seja maior a pujança,  
Venha mais fino o punhal  
Quando n’alma se nos crava,  
Esse do peito lhe trava,  
E ao cruel padecimento  
Dobra angústias e tormento.

## VII

Adozinda, ajoelhada  
Juneto ao leito onde convulsa

Jaz a mãe attribulada,  
Do coração, que lhe pulsa  
Como se fôra quebrar,  
Traz d'amargo pranto um rio,  
Que dos olhos vem a fio  
As maternas mãos banhar;  
As mãos que ella aperta e beja,  
E que o pranto que gotteja  
Ja não sentem derramar.

## VIII

Volve a ti, mãe desgraçada,  
Volve, que o morrer agora  
Tammanha ventura fôra  
Que da sorte despiedada  
Concedido não será.  
Vem ouvir tua sentença  
De morte... peor que morte,  
Vergonha horrorosa, offensa...  
E de quem!... de teu consorte,  
Do pae monstro, monstro espôso...  
Ai! para o tormento odioso,  
Para tammanha afflicção  
Não tem força o coração.

## IX

Tudo lhe conta Adozinda,  
Tudo... tudo—interrompendo

A horrorosa narração  
 Ora as lagrymas fervendo,  
 Ora os soluços rompendo  
 Do rasgado coração,  
 Ora os labios descorados  
 De pejo e terror gelados,  
 Sem podêr nem balbuciar  
 O que é fôrça revelar.

## X

—‘Irás’ disse Auzenda emfim,  
 E a voz, que treme, assegura :  
 ‘Irás, a teu...’ — *pae* não disse,  
 E um som rouco lhe murmura  
 Nos labios onde a meiguice,  
 Onde a maternal ternura  
 Procuram em vão sorrir :  
 ‘Irás filha, a Dom Sisnando  
 E lhe dirás que...’

—‘Senhora !’

Interrompe ella chorando  
 —‘Que’ torna a mãe ‘quando a hora  
 Da meia-noite soar,  
 Em teu quarto o hasde esperar.  
 Não temas, filha, não tremas,  
 Não chores, minha Adozinda,  
 Querida filha, não gemas,  
 Que hasde ser feliz ainda.  
 No angustiado seio

Guardemos inda a esperança :  
Do ceu mandada me veio  
Uma ditosa lembrança  
Que nos poderá salvar.  
No teu leito d'ouro fino  
Sou eú que me heide ir deitar ;  
Tua camiza de hollanda  
A meu corpo heide lançar :  
E quando elle nos seus braços  
Ter Adozinda julgar . . .  
Ah ! que o ceu hade abençoar  
Este ingano virtuoso,  
E a ser pae, a ser espôso  
Dom Sísando ha le voltar.'

## XI

O dia em rezas passaram  
Em devotas orações;  
Mas quando as trevas poisaram  
Sôbre as muralhas da tôrre,  
Voltaram as afflicções :  
E o tempo — que leve corre  
Para todos os viventes —  
Só áquellas innocentes  
Accintoso parecia  
Que da ampulheta fadada  
Bago por bago espremia  
Cada hora minguada.

## XII

Emfim meia noite soa :  
Dom Sisnando, aguilhoado  
Do torpe amor—do peccado,  
Impaciente ao prazo voa  
Que elle d'amor julga dado.  
Como louco, arrebatado  
Corre ao leito de Adozinda,  
Cego bêja a face linda,  
Que decerto não é d'ella,  
Mas que não é menos bella ;  
Ao convulso peito aperta  
Aquelle peito formoso . . .  
—Desgraçado, é tempo ainda,  
Do cruel sonho desperta,  
Que ao precipicio horroroso  
Ja te vai a despenhar! . . .

## XIII

Dom Sisnando é criminoso  
Quanto o podia ficar ;  
Do intento abominoso  
Nada resta consummar.  
Ja tristemente acordou  
De seu delirio fatal,  
E sorrindo amargamente,  
Á infeliz assim fallou :

—‘E era por isto... innocente!  
Que tanto se recatava  
Tua virtude fingida?  
Ah! essa alma corrompida  
Mais do que teu corpo estava.  
E tu ...’

— Não pôde ouvir mais  
A triste mãe; não lhe soffrem  
As intranhas maternas  
Ouvir a filha adorada  
De tal modo calumniada,  
E por quem, e em que momento!  
C’um suffocado lamento,  
Que do peito rebentando  
Trouxe aos labios alma a vida,  
Quebra o silencio: —‘Ah, Sisnando!  
Ah, senhor, mattae-me embora;  
A desgraçada sou eu.’  
E a terra n’aquella hora  
Rasgada não soverteu  
O infeliz, que meio morto,  
No abysmo do crime absorto,  
D’este golpe inesperado  
Á violencia cedeu!

## XIV

Silencio largo, mortal  
Foi a unica expressão

Que por longa duração  
 N' aquelle estado fatal  
 Entre esses dous foi ouvida.  
 Porêm no perdido peito  
 De Sisnando attribulado  
 Foi a vergonha vencida  
 Pelo irritado despeito:  
 Dos remorsos avexado,  
 Porêm mais pungido ainda  
 De seu crime mallogrado,  
 Brada em cholera abrazado:  
 —'Pereça a filha descrida  
 Que deshonorou seu...'

— *Pae não,*

*Pae não* ousa proferir.  
 A palavra, suspendida  
 Por fria, pesada mão  
 De remorso insubjugado,  
 Lhe voltou ao coração  
 A lacerar-lh'o, a vingar-se  
 Da mal-soffrida oppressão.

## XV

—'Ouvi-me, senhor: culpada  
 Sou eu só...' a triste espôsa  
 Lhe diz; mas não ouve nada  
 Aquella alma furiosa,  
 Ja n'este mundo rallada

De quanta pena horrorosa  
No inferno está guardada  
Para crimes como o seu.

## XVI

Parte, corre; — o brado horrivel  
Por todo o castello soa  
Tam medonho como troa  
Medonho trovão d'outomno.  
Despertos do brando somno  
Todos são: — ordens que deu  
São taes, que de horror tremeu  
A gente absorta e pasmada.  
Tristemente obedecendo,  
Co'a face ao chão inclinada  
Se vão a medo, e mal crendo  
Que não seja sonho vão  
O que ouvindo e vendo estão.

## XVII

Do castello para um lado  
Uma antiga tôrre havia  
Cercada de largos fossos,  
Que é memoria haver fundado  
Um rei mouro que vivia  
Ha muito, de quando os nossos  
Mourisca gente regia.  
Alli uma espôsa sua,  
Que elle achou ser-lhe infiel,

Sette annos e mais um dia  
Fechada a teve o cruel,  
Sozinha, a grilhões e nua;  
E só pão sêcco lhe dava,  
Mas agua não consentia  
Que nunca ninguem lh'a desse  
Para que á sêde morresse.  
Valeu-lhe quem tudo póde,  
Que ao infeliz sempre accode:  
Vinha-lhe orvalho do ceo,  
De que os sette annos bebeu.  
E emfim o septimo anno  
De tal milagre vencido  
Foi o proprio rei tyranno,  
Que a liberdade lhe deu,  
E do crime commettido,  
Se o havia, se esqueceu.

## XVIII

Para ésta tôrre deserta,  
No verão ao sol exposta,  
Que abrasado a queima e tosta,  
No rigor do hinverno aberta  
A chuvas, á ventania,  
Sisnando — quem tal diria!  
Mandou a filhinha linda,  
Que alli fechada gemesse,  
A virtuosa\_Adozinda! . . .

E ai de quem agua lhe desse,  
Lhe desse vestido ou cama,  
Que da sêde á morte crua  
— Qual o mouro a sua dama —  
Alli quer que morra nua,  
De todos desamparada,  
De seu pae amaldiçoada,  
Só da triste mãe chorada!

## XIX

Sem dar somente um gemido,  
Sem se carpir nem queixar,  
Como a ovelhinha tremente  
Que sem dar nem um balido  
Se deixa á morte levar,  
Vai Adozinda innocente  
Para aquella feia tôrre.  
Pranto que furtivo corre  
De quantos olhos a viam  
A aconpanha tristemente.  
E o pae! . . . Ancias que o remorde  
Ninguem as sabe nem vê.  
N'um aposento incerrado,  
Onde nem ao mais privado  
Concedido é metter pé,  
Só ficou, só permanece:  
Só! — antes acompanhado  
De quem os seus não esquece,  
Do remorso, — do peccado.



## Cantiga Quarta

You do me wrong, to take me out o'the grave : —  
Thou art a scul of bliss : but I am bound  
Upon a wheel of fire, that mine own tears  
Do scald like molten lead.

SHAKSPEARE.

### 1

Sette annos e um dia  
Foi a sentença cruel  
Que Adozinda cumpriria  
N'aquella tôrre fechada.  
E o tyranno bem sabía  
Que nem tres dias somente  
Viver podia a innocente  
Com a sêde, a denudez.  
Uma semana é passada  
Passado é um mez e outro mez,

Anno e annos decorreram;  
E os sette annos feneceram  
Sem que Adozinda formosa  
Em tal mingua percesse,  
Sem que ao menos desmer'cesse  
Em seu rosto uma só rosa.

## II

Veio um dia — n'esse dia  
O captiveiro acabava —  
No mais alto o sol ardia  
E a terra toda abrasava,  
Na tôrre uma voz se ouvia,  
(E é ésta a primeira vez)  
Era uma voz que pedia,  
Que supplicava piedade:  
—'Uma sêde, uma só d'agua,  
Uma só por compaixão,  
Que me abraço n'esta fragua,  
Que me estalla o coração.'

## III

A voz de Adozinda bella  
Todos clara conheceram;  
C'os olhos na alta janella  
De toda a parte correram:  
—'Vive, inda vive!' bradavam,  
'A innocente! vinde ve-la.'  
E uns aos outros recontavam

Das virtudes, da paciencia  
D'aquelle anjo d'innocencia  
Que, ha muito, morta julgavam.  
— Outra vez se torna a ouvir  
O mesmo clamor sahir  
Da torreada prisão:  
— 'Uma sêde, uma só d'agua,  
Uma só por compaixão,  
Que me abraso n'esta fragua,  
Que me estalla o coração!'

## IV

A todos se commoveu  
O mais intimo do peito,  
Mas não ousam a affrontar  
Do pae o sevo despeito.  
— 'Tem paciencia, anjo do ceu!'  
Com lagrymas responderam,  
'Que ja não póde tardar  
O pae que te vem soltar.  
Os sette annos decorreram,  
O dia está a acabar;  
Soffre mais este momento,  
Que hoje acaba o teu tormento.'

## V

--'Oh! como heide eu supportar,  
Amigos meus da minha alma,  
Se a vida sinto acabar,

Sinto abrasar-me da calma!  
Sette annos me accudiu Deus,  
Que por milagre vivi,  
Dava-me orvalho dos ceos,  
De que sette annos bebi.  
Do estio ardentes queimores  
No meu corpo os não senti,  
Do inverno os frios rigores  
Tambem esses não tremi.  
Mas ha tres dias que a mão  
Do Senhor me abandonou.  
Tudo, tudo me faltou . . .  
Oh! tende de mim piedade!  
Uma sêde, uma só d'agua,  
Uma só por compaixão,  
Que me abraço n'esta fragua,  
Que me estalla o coração!  
— De novo alto chôro ergueram,  
Lastimado pranto gemem;  
Mas de seu tyranno tremem,  
Só a chorar se atreveram.

## VI

Soa a nova no castello,  
Vai correndo em derredor,  
De que porfim fôra ouvido  
Aquelle anjo soffredor  
Soltar queixoso gemido,  
Piedade emfim supplicar.

Só a Auzenda, que expirando  
No leito da morte jaz,  
Para que morresse em paz  
Vão a notícia occultando.  
Mas soube tudo Sisnando,  
E no duro coração  
Ja vacilla a crueldade,  
Ja vislumbra a compaixão :  
Dos seccos olhos covados,  
Que inspiravam medo e espanto,  
Como que da mão tocados  
D'algum anjo punidor,  
Salta repentino o pranto,  
Qual onda que estalla em flor  
Sôbre o penedo ourissado.  
Todo em lagrymas sanguineas  
O infeliz debulhado,  
Para aquella infausta tôrre  
Com incerto passo corre  
Em altos gritos bradando :  
—'Agua ! trazei agua, vinde,  
Accudi á desgraçada,  
A uma filha malfadada  
Que por mãos de seu pae morre !'

## VII

Assim correndo e gritando  
Chegava á horrivel prisão  
Em que gemia Adozinda :

—'Filha, filha, é tempo ainda;  
Perdão, ó filha, perdão  
Para este algoz. . '—Cortou-lhe  
O excesso da paixão  
Lingua e força; a voz quebrou-lhe,  
E por morto cai no chão.

## VIII

Oh! que povo se ajuntava  
No castello de Landim!  
E com que horror que elle olhava  
Para aquelle triste fim  
De tammanho cavalleiro  
Tam ricco e grande senhor,  
Tam esforçado guerreiro!  
A Auzenda chega o rumor  
Do successo inesperado,  
Dá-lhe fôrça e vida amor;  
O fio meio cortado  
Da existencia lhe atou.  
Ei-la se ergue, e em mal firmado  
L'asso corre — e lá chegou.

## IX

E ja por ordem de Auzenda  
Co'a porta negra e tremenda  
Investem da tôrre erguida:  
Range o ferro, os gonzos gemem,  
Parece que ja rendida

Vai de todo; — á roda tremem,  
Do fundamento aluida  
A tórre, os solidos muros.  
Mas em vão de centenares  
Dos mais rijos braços duros  
Se movem os instrumentos  
Que em muralhas mais valentes  
De castellos regulares,  
De mais solidos cimentos  
Têm a miudo triumphado.

## X

Parece incanto: — será?  
O povo maravilhado  
Ja por tal, tremendo, o dá.  
Cessam todos, incantado  
É o negro portão ferrado. .  
E o povo desanimado  
Da impreza desiste ja.

## XI

Arreda, arreda, infanções,  
Cavalleiros, dae logar,  
Com licença, nobre dama,  
Que ahi vem um sancto ermitão:  
Com as suas orações  
Este incanto hade quebrar,

Ou, se do demonio é trama,  
Com o seu bento condão  
Elle o hade desmanchar.  
— Ei-lo chega : — este semblante  
Não é aqui desconhecido . . .  
Ésta barba, este vestido . . .  
É elle o mesmo ermitão  
Que a noite de San'João  
(Não ha dez annos ainda)  
No castello pernoitou,  
— Que Sisnando o maltrattou.  
Mas, por a bella Adozinda  
Pedir muito, lá ficou.

## XII

Com a cabeça cuberta  
Do seu agudo capuz,  
Os olhos de côr incerta,  
Pasmados, fixos . . . e a luz  
Que d'elles sai é tam viva  
Que a espaços da vista priva  
Quem de perto os quer fitar !  
As mãos cruzadas no peito,  
Vagaroso seu andar,  
Tam pesado e de tal geito  
Que faz um echo tremendo  
Quando os passos vai movendo,  
E como que a terra e o ar,  
Com o pêso vão gemendo . . .

— Foi seu caminho direito  
Da tôrre á porta ferrada ;  
Sem attender a mais nada,  
Sem olhar nem para Auzenda,  
Que em lagrymas debulhada  
Supplices mãos lh'estendia.  
Chega á porta, e em voz horrenda  
—'Abre-te!' — disse. Estallou  
O ferro medonhamente,  
E a porta se escancarou,  
—Mas elle subitamente,  
Voltando se para a turba,  
Que alto alarido alevanta  
E em derredor se perturba,  
Com gesto que aos mais ousados  
Todo o ânimo quebranta,  
—'Immudecei !' lhes bradou.  
Ficaram todos callados ;  
E — *immudecei* — revibrou  
De echos em echos dobrados  
Pelo castello e jardim,  
Pelos soutos ao redor,  
Pelos campos dilatados  
Que a Dom Sisnando obedecem  
E por senhor reconhecem  
Ao ricco-homem de Landim.  
—Depois estendendo a mão  
Ao lugar onde jazia  
Por morto no frio chão

O desgraçado Sisnando,  
Éstas palavras dizia  
Que em ouco som vão soando:

—‘Eu te esconjuro,  
Alma perdida,  
Volta-te á vida!

‘Que o teu peccado,  
Abominado  
Do proprio inferno,  
Só tem perdão  
Com longa vida  
De penitencia,  
De contrição,  
Que a alma perdida  
Salve do inferno,  
Da maldicção.

‘Eu te esconjuro,  
Alma perdida,  
Volta te á vida!

‘O anjo celeste  
Na hora última  
Te perdoou,  
E ao Pae Eterno  
A tua victima  
Por ti rogou

'Lazaro immundo,  
N'esta grande hora  
Volve-te á vida,  
Vem, surge fóra!'

## XIII

Em pé está Dom Sisnando :  
Vivo está, morto parece,  
Tam negro veo lh'innoitece  
O verde-pallido rosto,  
Onde o seu sêllo ja pôsto  
Tinha o archanjo da morte.

## XIV

De joelhos o ermitão,  
Com a cabeça cuberta,  
Á porta da tôrre aberta  
Faz breve e baixa oração.  
Eis violento repellão  
A terra, tremendo, deu,  
E d'alto abaixo a muralha  
Largamente se fendeu.  
Viram todos claramente  
O interior patente  
Em que jazia Adozinda,  
D'onde ha poucas horas inda  
Sua voz se ouviu clamar,

E por uma sêde d'agua  
Ao seu algoz supplicar.

## XV

N'um leito de frescas rosas,  
Que aromas do ceu recendem,  
Morta Adozinda jazia:  
Suas feições mais formosas.  
Mais angelicas resplendem.  
Uma suave harmonia  
Tam brandamente soava,  
Que ao coração parecia  
Que por piedade o affagava  
A quem saudoso gemia.  
—A alva frente, não tocada  
Pela mão da morte livida,  
De lirios do ceu coroada  
Brilhava com luz tam vivida  
Que parecia toucada  
De puros raios do sol.  
As mãos postas sôbre o peito  
Para o ceo se alevantavam,  
E como que d'alma justa  
Para a morada apontavam.

## XVI

Oh! que vista, oh! que momento  
Para a triste mãe! — Faltava  
Só este último tormento.

A malfadada cuidava  
Que nenhum padecimento  
Para gemer lhe sobrava!  
Era este.—E a dor ignora,  
Não sabe o que é padecer  
Quem o filhinho que adora  
Não viu ainda morrer...

## XVII

Levantou-se o ermitão  
E bradou:—‘Ajoelhemos,  
E a mão de Deus adoremos.’  
—Submissa resignação  
Póde a voz tolher á dor,  
Não tira do coração  
Seu espinho pungidor,  
Que em silencio é mais cruel,  
Rasga mais, e na ferida  
Mais acre derrama o fel.  
A paciencia soffrida  
Da triste Auzenda cedeu;  
Não exclamou, não gemeu,  
E em tributo de respeito  
Sua mágoa fechou no peito.

## XVIII

E Sisnando?— O desgraçado  
No pó da terra humilhado,  
Só se lhe conhece a vida

Na agitação comprimida  
Do convulso soluçar.

## XIX

Para a ermida do castello  
Emfim o corpo levaram  
E n'um cofre d'ouro fino  
Como reliquia o guardaram.  
— Muito a não carpiu Auzenda,  
Que a morte compadecida  
Cedo a libertou da vida.  
Porêm a longa existencia  
De remorso e penitencia  
Sisnando foi condemnado :  
Cuberto de horror e opprobrio  
Cumpriu seu mesquinho fado ;  
Onde ? — Ninguem mais o soube.  
Do castello aquella noite  
Com o ermitão se sumiu :  
Munca mais d'elle se ouviu.  
Mas á meia noite em ponto  
Na capella de Landim  
Se ficou sempre escutando  
Gemer uma voz medonha,  
Que pede perdão bradando :  
E essa voz diziam todos  
Que era a voz de Dom Sisuando.

I

BERNAL-FRANCEZ



Este romance é tirado de uma das mais conhecidas e provavelmente mais antigas xácaras que o povo canta. Sua contextura simples mas forte, a scena tão dramatica com que abre, o fecho sublime com que termina dão-lhe todos os characteres de poesia primitiva e grande de um povo heroico, de uma gente que tomava as coisas da vida ao serio, como a nossa era. Estou que é originariamente portuguez: não apparece em nenhum dos romances castelhanos, nem na vasta collecção de Ochoa. — O texto, como o conservou a tradição oral dos povos, da-lo-hei no lugar competente, segundo lh'o talhei no prefacio d'este volume <sup>1</sup>, e demandava o systema da minha compilação: e ahi se vejam as conjecturas que tenho feito sôbre ésta preciosa reliquia da nossa poesia popular.

Vld. ROMANCEIRO, liv. II, part. 1, no tom. II, pag. 135.

Mr. Southey, o famoso poeta e historiadór inglez, tendo lido a Adozinda e o Bernal, quando os publiquei a primeira vez em Londres em 1828, escrevia ao meu amigo Mr. Adamson, o biographo de Camões: 'que estes eram dois monumentos de mais remota antiguidade talvez do que nenhuma d'aquellas canções irlandezas que elle até alli tivera na conta de serem os vestigios mais antigos de toda a poesia popular das nações do-oeste da Europa.'

Communicando-me ésta reflexão, tam lisongeira para um collector entusiasta de antigualhas, mandou-me o Sr. Adamson a traducção ingleza que pela primeira vez agora sai impressa, e o leitor achará logo adiante do texto portuguez<sup>1</sup>.

No verão de 1840, quando apromptei para a presente edição ésta parte do volume, dediquei o Bernal Francez a uma joven se-

<sup>1</sup> Vid. loc. cit. a nova traducção por M. Adamson, LUSITANIA ILLUSTRAT., part. II. Newcastle 1846. Ésta segunda versão ingleza vem a pag 142 do referido II vol. no ROMANCEIRO. E a pag. 151 ibid. a traducção castelhana do Sr. Isidoro Gil, ja tam conhecida e apreciada entre nós.

nhora que juntava a outras admiraveis qualidades a de possuir, no mais eminente grau que ainda incontrei, o sentimento do bello, do grande, do verdadeiro nas artes. Este romancinho era o seu valido d'entre todas as minhas escreveduras poeticas: consagrei-lh'o... Hoje é um monumento! bem pobre e mesquinho para memoria de tanta saudade!

Todavia o seu desejo e impenho era que eu fizesse uma verdadeira epopea, e me deixasse d'estas coisas que nunca podiam passar de *bonitinhas*. A perda de D. Sebastião em Africa era o assumpto que me dava: dizia — e dizia bem — que devia ser o reverso da medalha dos *Lusiadas*, e que podia ser o mais popular e nacional de todos os poemas portuguezes depois d'aquelle. Ponho isto aqui para commentario dos versos que se seguem, e que alias não seriam entendidos.

15 de Outubro d' 1842.



## A ADELIA

Tu queres, amiga, que eu deixe  
Minha harpa no choço do monte,  
Que nem sempre me chore e queixe,  
Que seja poeta . . . a cantar !  
Que da brava inculta deveza  
Me não fique pasmado á fonte  
A admirar só a natureza,  
Sem um brado de glória alçar !  
Na escarpada selvatica brenha  
Não se colhem senão rudes flores,  
Bem o sei — crescem-lhe hirtas na grenha,

São singellas  
 De fôlha e de côres,  
 Não se toucam as bellas  
 Com ellas:  
 Não se infeitem jardins de formosas  
 Com musquetas bravias e rosas!

— 'Vê o nobre, magnifico traço<sup>1</sup>  
 Do regrado edificio de Homero,  
 Do mavioso Virgílio, do Tasso!  
 (Dizes tu, maga musa d'amor)  
 'E ora terno e mavioso, ora fero,  
 Ja sublime, ja doce — o cantor  
 De Ignez bella, feio Adamastor.  
 Como erguendo, campea, a alta frente  
 Sôbre todos os vates do Pindo!  
 — Vejo, oh! vejo, que ésta alma ardente  
 Ja nos voos andou seguindo  
 Essas aguias mais remontadas. . .  
 Hoje é abelha, ahí anda zumbiando  
 Por entre agras, singellas flores,  
 Desalinhasdas:  
 Mas são flores que nascem na serra  
 Onde todo o seu mundo se incerra,  
 Porque ahí tem — o seu bem — seus amores.

Bemfica, 12 de maio de 1840.

<sup>1</sup> Vid a introdução ante, pag 93.

## **BERNAL-FRANCEZ**

### **I**

Ao mar se foi D. Ramiro,  
Galé formosa levava ;  
Seu pendão terror dos Mouros  
N'alta poppa tremolava.

Oh que adeus na despedida !  
De saudades vai rallado ;  
Com tantos annos de amores,  
Não tem um de desposado.

Nem ha dama em toda a Hespanha  
Tam bella como é Violante ;  
Não a houvera egual no mundo  
Se ella fôra mais constante.

Bate o mar na barbacan  
Do castello alevantado,  
Só a vela <sup>1</sup> na alta tôrre  
Não cede ao somno pesado.

Tudo o mais repousa e dorme,  
Tudo é silencio ao redor ;  
Dobra o recato nas portas  
Com a ausencia do senhor.

Mas a certa hora da noite  
Se vê luz n'uma setteira,  
E logo cruzar por perto  
Leve barca aventureira.

Muitas noites que passaram,  
Manso esteja ou bravo o mar,  
A mesma luz, á mesma hora,  
A mesma barca a passar.

E isto ignora o bom Rodrigo,  
Que tam fiel prometteu  
De guardar a seu senhor  
Juramento que lhe deu?

Sabera, não sabera :  
Mas a c'ravella ligeira,  
Que aopé da torre varada  
Jazia alli na ribeira.

1 Vigia

Uma noite escura e feia  
Na praia menos se achou...  
Quem n'ella foi não se sabe,  
Mas onde foi não tornou.

E o farol que no alto luz  
A' mesma hora a brilhar...  
Só a barca aventureira  
Não foi vista hoje passar.

E d'um lado aopé da rocha  
Havia um falso postigo:  
Só o sabem D. Ramiro,  
Violante e o fiel Rodrigo.

Mas alta noite, horas mortas,  
Gente que o postigo entrava,  
E á porta de Violante  
Manso bater se escutava.

—'Quem bate á minha porta,  
Quem bate, oh! quem 'stá ahi?  
—'Sou Bernal-francez, senhora,  
Vossa porta a amor abri.'

Ao descer do leito d'ouro  
A fina hollanda rasgou,  
Ao abrir mansinho a porta  
A luz que se lhe apagou:

Pela mão tremente o toma,  
Ao seu apposento o guia :  
—‘Como treme, amor querido,  
Esta mão, como está fria!’

E com osculos ardentes  
E no seio palpitante,  
Que lhe aquece as frias mãos  
A namorada Violante.

—‘De longe vens?—‘De mui longe.’  
—‘Bravo estava o mar?—‘Tremendo.’  
—‘Armado vens!’— Não responde.  
Vai-lhe as armas desprendendo.

Em pura essencia de rosas  
O amado corpo banhou,  
E em seu leito regallado  
A par de si o deitou.

—‘Meia noite ja é dada  
Sem para mim te voltares,  
Que tens tu, queridô amante,  
Que me incobres teus pezares?’

‘Se temes de meus irmãos,  
Elles não virão aqui;  
Se de meu cunhado temes,  
Não é homem para ti.

‘Meus criados e vassallos  
Por essa tôrre a dormir,  
Nem de nosso amor suspeitam,  
Nem o podem descobrir.

‘Se de meu marido temes,  
A longes terras andou :  
Por lá o detenham Mouros,  
Saúdædes ca não deixou.’

—‘Eu não temo os teus criados,  
Meus criados tambem são :  
Irmãos nem cunhado temo,  
São meus cunhados e irmão.

De teu marido não temo  
Nem tenho de que temer...  
Aqui está aopé de ti,  
‘Tu é que deves tremer.’

## II

E o sol ja no oriente erguido  
Da tôrre ameias dourava ;  
Violante mais bella que elle  
Para a morte caminhava :

Alva tella aspera e dura  
Veste o corpo delicado,  
Por cintura rijo esparto  
Em grosseiro laço atado.

Choram pagens e donzellas,  
Que a piedade o crime esquece;  
O proprio offendido espôso  
Com tal vista se internece.

Dá signal a campa triste,  
O algoz o cutello affia . . .  
—‘Meu senhor mereço a morte’  
A malfadada dizia,

‘De Joelhos, D. Ramiro,  
Humilde perdão vos peço,  
Perdoae-me por piedade . . .  
A morte não, que a mereço :

‘Da affronta que vos hei feito  
Por minha triste cegueira,  
Dae-me quitação co'a morte  
N' ésta hora derradeira :

‘Mas só eu sou criminosa  
Do agravo que vos fiz,  
Não tireis, senhor, vingança  
D'esse misero, infeliz . . .’

Talvez ia perdoar-lhe  
O espôso compadecido...  
Renovou-se-lhe o odio todo,  
D'aquelle rôgo offendido:

O semblante roxo d'ira  
Para não vê-la torceu  
E co'a esquerda mão alçada  
O fatal accêno deu.

Sôbre o collo crystallino,  
Desmaiado, e inda tam bello,  
De golpe tremendo e subito  
Cai o terrivel cutello.

## III

Oh! que procissão que sai  
Da antiga porta da tôrre!  
Que gente que acode a vê-la,  
Que povo que triste corre!

Tochas de pallida cera  
Nas trevas da noite escura  
Vão dando luz baça e triste,  
Luz que guia á sepultura:

Cubertos com seus capuzes  
Rezam frades ao-redor,  
A dobrar desintoados  
Os sinos causam terror...

Duas noites são passadas,  
Já não ha luz na setteira,  
Mas passando e repassando  
Anda a barca aventureira.

Linda barca tam ligeira  
Que nenhum mar soçobrou,  
O farol que te guiava,  
Ja não luz, ja se apagou.

A tua linda Violante,  
O teu incanto tam bello,  
Teve por ti feia morte,  
Crua morte de cutello.

Na egreja de San'Gil  
Ouves a campa a dobrar?  
Ves essas tochas ao longe?  
Ella que vai a interrar.

Ja se fez o interramento,  
Ja cahiu a louza fria,  
Só na egreja solitaria  
Um cavalleiro se via;

Vestido de dó tam negro,  
E mais negro o coração,  
Sôbre a fresca sepultura  
De rôjo se atira ao chão:

— ‘Abre-te, ó campa sagrada,  
Abre-te a um infeliz! . . .  
Seremos na morte unidos,  
Ja que em vida o ceu não quiz.

‘Abre-te, ó campa sagrada,  
Que escondes tal formosura,  
Esconde tambem meu crime  
Com a sua desventura.

‘Vida que eu viver não quero,  
Vida que eu só tinha n’ella,  
Recebe-a, ó campa sagrada,  
Que não posso já soffrê-la.’

E o pranto de correr,  
E os soluços de estallar,  
E a mão que leva á espada  
Para allí se traspassar.

Mas a mão gelou no punho  
Voz que da campa se erguia,  
Voz que ainda é suave e doce,  
Mas tam medonha e tam fria,

Do sepulchro tão cortada,  
Que as carnes lhe arripia  
E a vida deixou parada :

— ‘Vive, vive, cavalleiro,  
Vive tu, que eu ja vivi ;  
Morte que me deu meu crime,  
Fui eu só que a mereci.

‘Ai n'este gêlo da campa,  
Onde tudo é frio horror,  
Só da existencia conservo  
Meu remorso e meu amor !

‘Braços com que te abraçava  
Ja não teem vigor em si ;  
Cobre a terra humida e dura  
Os olhos com que te vi ;

‘Bôcca com que te beijava  
Ja não tem sabor em si ;  
Coração com que te amava . . .  
Ai ! só n'esse não morri !

‘Vive, vive, cavalleiro,  
Vive, vive e sê ditoso ;  
E aprende em meu triste fado  
A ser pae e a ser-espôso.

‘Donzella com quem casares  
Chama-lhe tambem Violante;  
Não amará mais do que eu...  
Mas — que seja mais constante!

‘Filhas que d’ella tiveres  
Ensina-as melhor que a mim.  
Que se não percam por homens  
Como eú me perdi por ti.’

## VERSÃO INGLEZA

## I

See, Don Ramiro's galley speeds  
    Across the heavy seas,  
His pennant which the moor so dreads  
    Now flutters in the breeze.

Oh! when he went, his heart was moved  
    With grief that would not hide...  
To part with her he long had loved  
    Though lately called his bride!

Spain's loveliest maids or royal queen  
    In chains could not compare  
With Violaute, had she been  
    True as her form was fair.

Against the castle's flanking tower  
    Wild beats the surging deep,  
And there a watch at midnight hour  
    Would not submit to sleep:

All else lulled by the breaker's jar  
    In slumber calm reposed,  
And as its lord was distant far  
    His castle gates were closed.

But lo! a bark at dead of night  
    Alone doth swiftly glide  
Beneath the tower from whence a light  
    Shines glimmering on the tide.

And many a darksome night the bark,  
As falls that hour, returns;  
Through wind and wave it's path to mark  
The signal torch-light burns.

Roderigo, rouse thee up from sleep;  
The oath which thou didst swear  
To thy good lord, how canst thou keep  
When strangers come so near!

For knowest thou not, where softest swell  
The waves around thy strand,  
Whith sail unstretched, a caravel  
Remains upon the sand?

Ah! in a stormy night and dark  
It reckless left the shore;  
Who was it's pilot none could mark  
But it came back no more.

Yet at the hour, the guiding light  
On high began to burn,  
'Twas vain—no eye observed, this night,  
The little bark return.

Far down the rugged rock that spread  
Its masses round the tower,  
Was placed a secret gate which led  
To Violante's bower.

Within this postern, steps were heard  
At night approaching near,  
And on her door so firmly barred  
A knock aroused her ear;

1 Vid nota no fim.

—‘Oh! who can thus, unknown a ivance  
 And knock so boldly there?’—  
 —‘Tis Bernal, lady, thine of France:  
 He seeks thy smile to slare.’

From couch of gold she reached the floor  
 And rent her vestment gay,  
 And as she gently opened the door  
 It quenched her taper’s ray.

His clay cold hand she seized him by  
 And led him to her bower!  
 —‘Love, tremble not: within our sky  
 No clouds of sorrow lower.’

Then on her fair and glowings breast  
 That, heaving, throbb’d the more  
 She pressed his hands: and fondly kissed  
 His cold lip o’er and o’er.

—‘Far have you come!’—‘Yes very far.  
 —‘Rough was the raging sea?  
 —‘It was.’—‘Why come you armed for war?  
 Nay tell thy thoughts to me.’

She doffed his armour, and the dew  
 Of roses, scenting wide,  
 In liquid drops she o’er him threw  
 And laid him by her side.

—‘Twelve hours hath rung the castle bell;  
 To her, who loves thee, turn  
 Thy face, as thou wert wont, and tell  
 What gives thee cause to mourn.

Oh! if my brothers thou dost fear,  
 They will not come to me;  
 My husband's brother, were he here'  
 Can never cope with thee.

'My serfs and vassals, through the halls,  
 Will sleep till morning light;  
 'Nor can they deem that, in my walls,  
 I welcome such knight.

'My husband, fond of martial fray  
 To distant lands is gone,  
 And may the Moors prolong his stay  
 Regret here left he none.'

--They are my own, I need not fear  
 Those kneeling slaves of thine,  
 Nor brothers, for the badge they wear  
 Above their helms is mine.

'Nor do I dread thy husband's wrath;  
 Know... he reposes here,  
 Even by his lady, void of faith,  
 'Tis she who well may fear.'

## II

The sun dispelled morn's shadows dim,  
 And on the castle shone,  
 When Violante, more fair than him,  
 To meet her doom hath gone:

Her lovely form, a garment long  
 And coarse was wrapped around,  
 A knotted rope, like cable strong,  
 Her graceful person bound

And gushing tear drops blind the eye  
 Of page and maiden fair;  
 Nor are Ramiro's lashes dry  
 Fresh moisture glistens there

Pealed from the tower the signal bell,  
 The axe was lifted high  
 O'er Violante . . . Ere it fell  
 She saw her husband nigh.

—' My lord' she cried ' I merit death,  
 Yet on my bended knee,  
 Ere from my bosom part; my breath,  
 I pardon crave from thee.

' Tis not through blighted years to live  
 Lamenting o'er the past,  
 But my offense to thee, forgive,  
 This hour is now my last.

' O' me, for I have wronged thy bed,  
 Alone let vengeance light,  
 Nor wreck thy rage upon the head  
 Of Bernal, hapless knight.'

To grant her wish, Ramiro's breast  
 With rising pity burned,  
 But when she urged her last request,  
 His former hate returned.

Dark lowered his brow, fierce flashed his eye,  
As when his faulchion brave  
Repelled the foe, — his left hand high  
The fatal signal gave

Then on that neck of grace and love,  
Whose blue veins shining tell  
The pureness of the skin above,  
The heads man's weapon fell.

## III

Forth from the castle's ancient gate,  
A dread procession slow  
Advanced, who mourned the hapless fate  
That laid such beauty low.

Above them many a waxen torch,  
In darkness of the night,  
Shed to the chapel's gothic porch  
A dim and mournful light.

And hooded closely many a friar  
Sung prayers the bier around,  
The massy bells within the spire  
Rung forth an awful sound.

Two nights had passed, no torch's ray  
Illumed the restless tide,  
But fleetly o'er the castle bay  
Again the skiff did glide.

Swift bark, thy pilot braved the wrath  
 Of ocean's wildest war,  
 But knows not how the damp of death  
 Has quenched his leanding star.

Alas the fair whose beauty lured  
 His path across the wave,  
 The headman's stroke for him endured  
 To fill a bloody grave.

Wi hin the chapel of Saint Gil  
 Intombed she slumbers low;  
 Sec, distant torches burning still . . .  
 Hark, bells are pealing slow!

All now is past — lies o'er the dead  
 The cold sepulchral stone;  
 And, see: a knight doth ceaseless tread  
 The echoing aisles alone.

His robes are black, but woe doth shroud  
 His heart in darker gloom;  
 And lo he stretches, sobbing loud,  
 His form upon her tomb.

—'Oh! open, grave, my heart is riven,  
 I taste delight no more,  
 Let death unite us now, whom heaven  
 In life asunder tore.

'And her who calmly sleeps beneath  
 Again to me reveal,  
 That by her side, I may, in death,  
 My crime with her conceal.

'It is not, torn with inward strife,  
 My wish to linger on,  
 And live, when shet, the very life  
 Of all my hopes, is gone.'

Then fell his tears ; his hands were clasped  
 And moanings of despair  
 Burst from his heart, his blade he grasped  
 To still the conflict there.

But why inactive did he stand ?  
 A voice unearthly rose  
 Out of the tomb, and stayed his hand  
 Till on the hilt it froze.

Like hollow gusts in winter drear,  
 That sound, appalling, came  
 So deep and sudden o'er his ear,  
 It deathlike thrilled his frame.

—'Live, cavalier, though I no more  
 Survive, let life be thine,  
 Since for my crime the stroke I bore  
 The fault alone was mine.

'Cold horror dwells beneath this stone,  
 And all I knew above  
 Of glowing life from me is gone,  
 Except remorse and love.

'The arms shall clasp thy neck no more  
 Whose shape thou oft hast praised.  
 The eyes with earth are covered o'er—  
 That kindly on thee gazed.

'The mouth whose lips did revel free  
    Of thine, is senseless now;  
But that fond heart which beat for thee  
    Death cannot chill its glow.

'Live, live, Sir Knight; a soul lik thine  
    To honour should aspire;  
Oh! learn to be, from fate like mine,  
    A husband and a sire.

'And name the maiden after me  
    Whose heart shall thee adore:  
Than I, more faultless she may be,  
    But cannot love thee more

'And oh! instruct her daughters young  
    That love may never sway  
Their hearts to ill—think woe I flung  
    For thee my life away.'

III

NOITE DE SAN'JOÃO



Este romance é e não é da minha simples composição. Estavam-me na saudosa memoria as vagas reminiscencias d'aquelles cantares tam graciosos com que, na minha infancia, ouvia o povo do Minho festejar a abençoada noite de San'João; estavam-me as fogueiras e as alcachofas de Lisboa a arder tambem na imaginação: e eu era muito longe de Portugal, e muito esperançado de me ver n'elle cedo: aqui está como e quando fiz ésta cantiga.

Foi em San'Miguel, as antenas dos nossos navios ja levantadas para sahir a expedição; — soltámo-las ao vento d'ahi a horas... Isto escrevia-se na quinta do meu velho amigo, o Sr. José Leite, cavalheiro dos mais distinctos, e velho o mais amavel que proluziu o archipelago dos Açores.

Tambem alli estavam, para inspirar o poeta, uns olhos pretos de quinze annos,

que promettiam arder ainda tanta noite de San'João, fazer queimar tanta alcachofa por sua conta!... Já os cubriu a terra.

Faz hoje dez annos que aquillo foi; e ainda não invelheci bastante para o esquecer.

O romance é tam feito dos ditos e cantares do povo, que nem uma idea nem talvez um verso inteiro tenha que seja bem e todo meu. Por este motivo, principalmente lhe dei logar aqui.

Li-boa, 23 de Junho de 1842.

---

Na collecção ja citada, a LUSITANIA ILLUSTRATA, part. II, pelo Sr. J. Adamson appareceu a traducção ingleza d'este romance, que vai transcripta no appendice ao LIVRO II do presente ROMANCEIRO.

Sabe-se tambem de uma versão em Italiano, e de outra em Allemão, que não chegámos a ver ainda.

Abril, 16 — 1853.

OS EDITORES.

## NOITE DE SAN'JOÃO

Té os moiros da Moirama  
Festejam a San'João:  
San'João, San'João, San'João  
Dae-me peras do vosso balcão

CANTIG. POPUL.

I

—'Meia noite já é dada,  
San'João, meu San'João,  
N'esta noite abençoada  
Ouvi a minha oração!

'Ouvi-me, sancto bemdito,  
Ouvi a minha oração,  
Com ser eu moira nascida  
E vós um sancto christão:

‘Que eu já deixei a Mafoma  
E a sua lei do alkorão,  
E só quero a vós, meu sancto,  
Sancto do meu Dom João.

## II

‘Como eu queimo ésta alcachofa  
Em vossa fogueira benta,  
Amor queime a saudade  
Que no peito me rebenta.

‘Como arde esta alcachofa  
Na vossa fogueira benta,  
Assim arda a negra barba  
Do moiro que me atormenta.

‘Como ésta fogueira abrasa  
A minha alcachofa benta,  
Ao meu cavalleiro abra-se  
A chamma de anor violenta.

## III

‘Sacudi do alto do ceo  
Vossa capella de flores,  
Que n’este ramo queimado  
Renasçam por meus amores.

Orvalhadas milagrosas  
Que saram de tantas dores,  
N'este coração, meu sancto,  
Acalmem os meus ardores.

San'João, meu San'João,  
Sancto de tantos primores,  
N'esta noite abençoada,  
Oh! trazei-me os meus amores!'

## IV

Ja se apagava a fogueira,  
Ja se acabava a oração,  
Ainda está de joelhos  
A moira no seu balcão.

Os olhos tinha alongados,  
Batia-lhe o coração:  
Muita fe tem aquella alma,  
Grande é sua devoção!

Ouviu-a o sancto bemditto:  
Que, por sua intercessão,  
D'aquelle extasi acordava  
Nos braços de Dom João.



IV

O ANJO E A PRINCEZA



O célebre êrro commettido pelos Setenta na traducção do v. 2 do cap. vi do GENESIS deu um poema inteiro a Thomaz Moore, '*Os Amores dos Anjos—The Loves of the Angels*' E d'este partiu o pallido reflexo da 'Chute d'un Ange' que apenas animam as bellas pinturas de paizagem feitas do vivo e natural, e como de mão que as copiou nos proprios sitios: em tudo o mais o poema de Lamartine é inferior ao do Anacreonte d'Irlanda.

Hoje lêmos na Vulgata:—'Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchrae, acceperunt sibi uxores ex omnibus quas elegerant.

O Padre Antonio Pereira verteu:— 'Ven-

do os filhos de Deus, que as filhas dos homens eram fermosas, tomávão por suas mulheres as que d'entrellas lhes agradáião mais.'

O Padre João Ferreira d'Almeida assim: — 'Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram fermosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.'

Mas os Settenta não tinham intendido assim o texto hebraico, e em vez de — *filhos de Deus*, traduziram — *anjos de Deus* (עֲלֵי אֲנֵלִים וְעֲלֵי אֱלֹהִים); êrro, que ajudado pelos commentos poeticos de Philon, e pelas ficções do apocrypho livro de Enoch, accendeu as imaginações-meio pagans de Tertuliano, de Lactancio, e até de San'Clemente-Alexandrino. Seja ditto com o devido respeito a estes Padres da Igreja: nem Hesiodo nem Ovidio estenderam fábula alguma do polytheismo por maiores desvarios do que elles poetizaram acêrca d'esta ficção. Rejeitou-a todavia a maior parte dos Sanctos Padres. Deplorou-a como absurdo San'João Chrysostomo, stigmatizou-a de loucura San'Cy-

rillo. Segundo elles as palavras—*filhos de Deus*—querem dizer:—os *descendentes de Seth por Enos*, porque foram os primeiros que invocaram o nome do Senhor. Assim por estoutras palavras—*as filhas dos homens*—devemos intender:—*as filhas da corrupta raça de Cain*. E' opinião seguida sem disputa, na egreja catholica e em quasi todas as outras, desde Sancto Thomaz até hoje.

O TARGUM DE ONKELOS, que é a mais antiga das paraphrases chaldaicas, e a versão de Symacho traduziram—*os filhos dos nobres ou grandes*; a versão samaritana diz—*os filhos dos juizes*.

E parece que a palavra hebraica, *Elohim*, admite todas éstas tam desvairadas interpretações.

Seja como for, d'aquelle desvio de texto e de imaginação nasceu muita poesia para os escriptores mysticos dos judeus e dos christãos primitivos e dos gnosticos e de todas essas seitas do Oriente, e porfim, em nossos dias, para os poemas de dois vates,

ambos christianissimos hoje, ambos eminentemente catholicos — o francez talvez agora um tanto menos, — o inglez muito mais, principalmente depois d'essa ultima sua obra philologo orthodoxa.

Eu porêem não quiz fazer mais do que uma 'lenda-romance' como a comporia um menestrel da idade-media em cujas coplas os donairosos sonhos da mythologia, assim como os severos mysterios da crença, tomavam sempre os habitos sociaes do seu tempo. Jupiter era Dom Jupiter, rei de coroa na cabeça e barbas até á cinta, rodeado de condes e de pagens, servido por nobres donzellas de espartilho e toucas altas; San'-Miguel e o proprio Lucifer dois cavalleiros de lança em punho e escudo imbraçado, justando em mui leal batalha n'essas nuvens, com Legiões e Potestades por mantenedores do campo; — o Olympo era um castello fendal, e o ceo uma roca-forte. Em summa, sem princezas e cavalleiros não havia poesia para elles, nem a podia haver, porque essa era a vida que elles conheciam,

o bello e sublime da vida que concebiam.

Por isto o tom biblico d'esta lenda ou legenda necessariamente é modificado e predominado do ar cavalheresco ou romantico, proprio de um cultor da Gaya-Sciencia. Veja-se no Cancioneiro de Rezende como, ainda no seculo xv, o nosso João Rodrigues de-Sa-e-Menezes traduzia — não tanto do latim para portuguez, quanto do romano para romance, a epistola de Laodamia. Veja-se como o proprio Sa-de-Miranda na egloga iv recconta as classicas aventuras de Cupido e Psychis, — verdadeira fonte tambem da muito romantica e trovada historia da carochinha, *A Bella e a Fera*, que toda a gente sabe — ou soube quando era pequeno.

O fio da minha legenda é muito singelo. Era uma vez a filha de um rei, môça, linda, e unica herdeira do throno. Fugia das diversões e grandezas da côrte para se intregar á meditação na soledade. Adoece mortalmente emquanto el-rei seu pae anda á guerra. Volta elle triumphante e vem-n'a

achar na derradeira agonia. O seu mal não o intendem os physicos. Lembra-lhes se será alguma secreta paixão d'amor. Elrei está prompto a tomar para genro seja quem for, comtanto que lhe viva a filha. Nem assim. Morre a pobre da princeza, e morre de mal d'amores. Mas como não havia de ser, se a sua fatal paixão é por um espirito — um gnomo, um sylpho, um anjo — quem sabe o quê! — talvez outro Bertrand que se apoderou d'esta Rosalia. — Ao menos, escapámos de segundo Roberto-diabo, porque a boa da infanta era de consciencia, e morreu antes d'isso.

E d'ahi, quem sabe? seria anjo bom o que ella amava. Segundo San'Basilio, *de vera virginitate*, não pôde ser; segundo Tertuliano e San'Clemente-Alexandrino ja se viu que podia ser.

Cambridge, 3 de outubro de 1842.

Á ILLUSTRÍSSIMA E EXCELLENTÍSSIMA SENHORA

MARQUEZA DE FRONTEIRA

E'sta len-la-romance foi escripta no seu album, Minha-Senhora, para cumprir uma promessa feita ha tanto tempo, e por cujo desimpenho tam retardado V. Ex.<sup>a</sup> teve a bondade de nunca ralhar commigo. Dedico lh'a agora que sai impressa; e é a primeira vez na vida que offereço versos ou prosas minhas a pessoa que podesse imaginar devê-lo á sua qualidade e grandeza. Será provavelmente a última, emquanto não

fizer mais proselytos e imitadores o espirito verdadeiramente nobre e as maneiras verdadeiramente fidalgas que me obrigam a quebrar n'esta occasião o meu proposito tam firme e tam necessario n'esta terra.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Criado e fiel captivo

ALMEIDA-GARRETT

Can polide, 20 de Outubro 1842.

## O ANJO E A PRINCEZA

... Waft me hence to thy own sphere,  
Thy heaven or—ay, even *that* wit thee.

MOORE, LOVES OF THE ANGELS.

Oh que choros vão no paço  
Oh que luttos, que tristeza!  
Morre, morre a cada instante  
A nossa linda princeza.

Os physicos não se intendem,  
Vão-se uns e outros véem;  
Mas o mal que ella padece  
Não lh'o descobre ninguem.

Nos olhos que se lhe inturvam,  
Ja treme a luz derradeira.  
Reso o officio da agonia  
Negro monge á cabeceira.

Se inda chegará a tempo  
D'essas guerras d'além-mar  
O bom do rei, que inda possa  
A sua filha abraçar!

A filha que elle ama tanto,  
Unica filha querida,  
A menina dos seus olhos,  
Bordão da cansada vida!

Pois chegou. Tanto captivo,  
Tanto despôjo que traz!...  
Com victorias o inganava  
Fortuna, que acinte o faz.

Pelas portas de palacio  
O real cortêjo entrava,  
Olha o rei a um lado e outro,  
Nem uma voz o acclamava...

Pela filha, que não via,  
Não se atreve a perguntar,  
Mas ao quarto da princeza  
Foi direito sem parar :

— 'Minha filha, minha filha!  
Que tens tu, filha querida?'  
E ella abria os olhos turvos  
Que ja não teem quasi vida...

‘Ametade do meu reino,  
Da minha c’roa real,  
A quem salvar a princeza,  
Quem acertar c’o este mal.’

A éstas palavras do pae  
Meneia a pallida frente,  
Como quem diz: — ‘Não o entendem,  
Nem cura o meu mal consente.’

— ‘São pezares .. não se sabe...’  
Responde o physico-mor,  
‘Outro mal lhe não descubro...  
Só se for o mal d’amor.’

Um rubor desfallecido  
Assomou na face ler.ta  
Que já do suor da morte  
Se cobria macilenta.;

Os olhos, que no pae tinha  
Cravados desde que o viu,  
Com mostras de pêjo e medo  
Para a terra os descahiu.

— ‘Não tenhas, filha, receio,  
Levanta os olhos, querida ;  
Seja quem for, será teu:  
Jurei-o por tua vida,

‘Seja elle ou ricco ou pobre,  
Seja fidalgo ou peão,  
Desde já por genro o tómo,  
E aqui lhe dou tua mão.’

Como quem o último esforço  
De doce mágoa fazia,  
Com ineffavel brandura  
Os olhos ao pae erguia;

Suave, longo suspiro  
D’entre os labios lhe fugiu. .  
Era a vida que passava,  
Que sem dor se despediu.

Foram para a amortalhar,  
No peito um signal lhe achavam  
De letras que ninguem leu,  
Que estranhas fórmãs tomavam.

Sette sabios são chamados  
Para haver de as deciphrar :  
Cada-um sette linguas sabe,  
Não n’as podem soletrar.

Só o mais velho dos sette,  
Que andára na Palestina,  
Disse : — ‘ Outras letras como éstas  
Eu já vi n’uma ruina,

‘Junto dos cedros do Libano,  
Ja meio entre a terra e os ceos,  
Do tempo que ás filhas do homem  
Fallavam anjos de Deus.

‘Mas le-las não sei nem posso :  
Nem que soubesse, o fizera :  
Segredos são d’outro mundo  
Que, n’este, Deus não tolera.’

No alto d’aquelle monte  
Um alto cedro nasceu ;  
Ou anjos o semearam,  
Ou foram aves do ceo,

Que ali cresceu de repente,  
De uma noite para um dia ;  
E outro igual em todo o reino  
Como aquelle não havia :

Foi a noite que a princeza  
Alli veio a sepultar :  
Era um sitio seu querido  
Donde sohia de estar,

Aonde horas esquecidas,  
Sósinha, de quando em quando,  
Com as estrellas do ceo  
Parecia estar fallando ;

E onde, uma noite sem lua  
Que as estrellas mais brilhavam,  
Houve quem visse nos ares  
Umas roupas que alvejavam,

E descer a pouco e pouco,  
E aopé da infanta parar  
Um vulto... visão... ou sombra...  
Mas sombra de luz sem par :

E foi desd'aquella noite  
Que a não viu mais rir ninguém.  
Anjo era o que lhe fallava...  
Mas se de Deus... ou de quem?... .

V

O CHAPIM D'ELREI OU PARRAS VERDES



Foi verdadeiramente reconstruída esta xá-cara dos fragmentos soltos da composição popular antiga, como hoje se reconstruiria das pedras cahidas de uma tórre velha, — não exactamente o mesmo edificio, porque o cimento, e algum inchume novo aqui ou alli, seria mister impregar — mas quasi a mesma coisa ; na fôrma e nos materiaes a mesmissima.

Vieram-me de Evora os fragmentos por intervenção do Sr. Rivara, o habil e zeloso bibliothecario d'aquella cidade: são parte em prosa, parte em verso, estado em que alguns d'estes fósseis se desinterram ás vezes. Verifiquei depois que pelas vizinhanças de Lisboa se incontravam na mesma fôrma e quasi os mesmos.

Deixei-lhe com mais seguridade o titulo de xácara que trazem muitos outros de nossos romances populares, porque effectivamente creio que quadra mais aos d'esta especie de narrativa que é feita dramaticamente pelos dizeres de um e outro dos seus personagens, enquanto o poeta pouco ou nada diz epicamente elle mesmo.

Nós temos, se me não ingano, no genero narrativo popular as tres especies, romance, xácara, soláo: no romance predomina a fórma epica, conta e canta principalmente o poeta; na xácara prevalece a fórma dramatica, diz o poeta pouco, ás vezes nada—fallam os seus personagens muito: o soláo é mais plangente e mais lyrico, lamenta mais do que reconta o facto, tem menos dialogo e mais carpir; ás vezes, como no soláo da Ama em Bernardim Ribeiro, não ha senão o lamento de uma só pessoa que vai alludindo a certos successos, mas que os não conta.

Apezar do que levo ditto no principio d'estas linhas, como não posso negar que

ha bastante do meu cimento no ligar e assentar das pedras velhas, e ellas eram tam poucas e tam sôltas, escrupulisei de pôr ésta peça no II livro do ROMANCEIRO paraque me não accusassem de macaquear as imposturas de Macpherson ou de Fr. Bernardo de Brito.

A anecdota, que eu deixei religiosamente como a refere o povo, parece dever ter sido algum facto que realmente acontecesse: — como, quando e aonde? Não pude encontrar vestigio. É o que diz o pobre do conde, scismando:

O chapim aqui o tenho,

O chapim bem n'ô topei:

mas cujo é, e a que pé serve, só se voltar do outro mundo o dito rei para no-lo dizer.

Lisboa, 27 de Março de 1843.

---

No appendice ao II livro do ROMANCEIRO achará o leitor a versão ingleza d'esta xá-cara, publicada pelo Sr. Adamson na sua LUSITANIA ILLUSTRADA, part. II.

Abril, 17 — 1853.



## O CHAPIM D'ELREI

ou

### PARRAS VERDES

#### I

Verdes parras tem a vinha,  
Riccas uvas n'ella achei,  
Tam maduras, tam coradas . .  
Estão dizendo 'comei!'

—'Quero saber quem n'as guarda;  
Ide, mordomo, e sabei :'  
Disse o rei ao seu mordomo.  
Mas porque o dizia o rei ?

Porque viu n'aquelle monte  
— E como elle o viu não sei —  
Essa donna imparedada,  
Não se sabe por que lei,

Que por seu mal é condessa,  
Condessa de Valderey :  
Antes ser pobre e villan,  
Antes pela minha fei'!

Verdes parras tem a vinha :  
Uvas que lhe vira el-rei  
Tam maduras, tão coradas,  
Estão dizendo 'comei!'

## II

Veio o mordomo do monte :  
— 'Boas novas, senhor rei !  
A vinha anda bem guardada,  
Mas eu sempre lá entrei.

'O dono foi-se a outras terras,  
Quando volverá não sei ;  
A porta é velha, e a porteira  
Com chave de ouro a tentei.

'Serve a chave á maravilha,  
Tudo porfim ajustei :  
Ésta noite á meia-noite  
Comvosco á vendima irei.'

1 Fe, fee, fei. Vid. nota no fim.

—'Valeis um reino, mordomo,  
Grandes mercês vos farei :  
Ésta noite á meia-noite  
Riccas uvas comerei.'

---

A vinha tem parras verdes,  
Madura a uva lhe achei ;  
E tam madura, tam bella,  
Que está dizendo 'comei !'

## III

Ao pino da meia-noite  
Foi mordomo e foi o rei :  
Doblas que deram á velha,  
Um conto que nem eu sei.

—'Mordomo ficae á porta,  
Á porta que eu entrarei ;  
Não me saltem cães na vinha  
Em quanto eu vendimarei.'

A porteira o que lhe importa  
É a dá-me que te darei . . .  
No camarim da condessa  
Veis agora entrar o rei.

Levava um candil acceso;  
Era de prata, sabeis:  
Não ha senão prata e oiro  
Na casa de Valderey.

---

Da vinha as parras são verdes  
As uvas maduras sei,  
São tão coradas, tão bellas...  
D'ellas — quando comerei!

## IV

No camarim da condessa  
Tudo andava á mesma lei,  
Era o ceo d'aquelle anjo:  
Que mais vos diga não sei.

Riccas sedas de Millão,  
Toalhas de Courteney...  
Tremia o rei — se era susto,  
Se era de gôsto não sei.

Cortinas de seda verde  
Vai ergo não erguerei...  
Tal clarão lhe deu na vista,  
Como não cahiu não sei.

Era uma tal formosura . . .  
Ora que mais vos direi ?  
Outro primor como aquelle  
Não vistes nem eu verei.

---

Verdes parras tem a vinha,  
Ricas uvas lhe avistei,  
Tam formosas, tam maduras,  
Estão dizendo 'comei !'

## V

Dormia tam descansada  
Como eu no ceo dormirei  
Quando for tam innocente . . .  
Jesus! se eu lá chegarei !

De joelhos toda a noite  
Alli fica o bom do rei,  
Pasmado a olhar para ella  
Sem bulir nem mão nem pei<sup>1</sup>.

E dizia: — 'Senhor Deus !  
Perdoae-me o que já pequei,  
Mas este anjo de innocencia  
Não sou eu que offenderei.

---

1 Pé, pee, pei. Vid. nota no fim.

Tem verdes parras a vinha;  
 Lindas uvas que eu lhe achei,  
 Tenho medo que me travem...  
 D'ellas, ai! não comerei.

## VI

Ja vinha arraiando o dia,  
 E elle, como vos contei,  
 Ouve apitar o mordono...  
 —‘Jesus, senhor, me vale!’

Era o signal ajustado  
 — Vindo o conde, apitarei—  
 Deixou cahir as cortinas  
 Dizendo: —‘Não vendimei!’

---

Lindas parras tem a vinha,  
 Bellas uvas n'ella achei;  
 Mas doeu-me a consciencia,  
 Das uvas não comerei.

## VII

Deita a correr com tal pressa  
 Que voava o bom do rei:  
 —‘Ai que perdi um chapim...’  
 —‘Tomae, que um meu vos darei:

‘Mas nem um instane mais,  
Que o conde ja avistei  
Descendo d'aquella altura;  
Se nos colherá não sei. . .’

Era o medo do mordomo :  
Outro era o medo do rei.  
Qual d'elles tinha razão  
Agora vo-lo direi.

---

Parras verdes viu na vinha,  
Uvas maduras de lei ;  
Foi travo da consciencia,  
Diz : — ‘D'ellas não comerei.’

## VIII

Chega o conde á sua tôrre,  
O conde de Valderey,  
Topou n'um chapim bordado . .  
Como ficou não direi.

Vai-se ao quarto da condessa  
— ‘Morrerá, mattá-la-hei.’  
Viu-a dormir tam serena :  
— ‘Jesus ! não sei que farei !’

Corre a casa ao derredor :

— ‘Deus me tenha em sua lei,  
Que ou ésta mulher é bruxa  
Ou eu c’o chapim sonhei !

‘O chapim aqui o tenho,  
O chapim bem n’o topei . . .  
Mas que durma assim tão manso  
Quem tal fez, não n’o crerei.’

Entrou a scismar n’aquillo :  
— ‘Valha-me Deus ! que farei ?  
Por menos fica homem doudo :  
E eu como o não ficarei ?’

---

Minha vinha tão guardada !  
Uvas que n’ella deixei  
Não é fructa que se conte . . .  
Da que me falta não sei.’

## IX

Foi-se fechar no mais alto  
Da tôrre de Valderey :  
— ‘Não quero comer do pão,  
Nem do vinho beberei ;

‘Minhas barbas e cabellos  
Tambem mais os não farei,  
Que ésta verdade não saiba  
D'aquí me não tirarei.’

---

Verdes parras d'essa vinha,  
Uvas que eu não comerei,  
Ficae-vos sêccas embora,  
Que eu já'gora--morrerei

## X

Por tres dias e tres noites  
Que se guarda aquella lei;  
Clama a triste da condessa:  
—‘Ao seu mal que lhe farei!’

De quem foi ella valer-se?  
Agora vo-lo direi.  
Foi lastimar-se a innocente...  
Onde iria?— ao proprio rei.

—‘Ide, condessa, ide embora,  
Que eu remedio lhe darei;  
O segredo do seu mal  
Sei-o eu... Se o saberei?’

‘Palavra de cavalleiro  
 Em lealdade vos darei,  
 Que ou elle hade ser quem era,  
 Ou eu, quem sou, não serei.’

—

As verdes parras da vinha,  
 As uvas que eu cubicei,  
 Ellas a travar-me n'alma...  
 E mais d'ellas não provei!

## XI

Fôra d'alli a condessa,  
 Não tardou em ir o rei:  
 —‘Quero ouvir o que elles dizem,  
 A ésta porta escutarei.’

Ouviu uma voz celeste  
 Como tal nunca ouvirei,  
 Cantando em doce toada  
 Este triste vireley:

—‘Já fui vinha bem cuidada,  
 Bem querida, bem trattada:  
 Como eu medrei!  
 Ora não sou nem serei:  
 O porquê não sei  
 Nem n'ó saberei!’

Com as lagrimas nos olhos  
Foi d'alli o bom do rei :  
—'Ouçamos agora o outro,  
E o que sabe, saberei!'

—'Minha vinha tam guardada!  
Quando n'ella entrei  
Rastos do ladrão achei ;  
Se me elle roubou não sei :  
Como o saberei?'

Era o conde a lastimar-se.  
Surrindo dizia o rei  
(Se era de si ou do conde  
Que elle se ria não sei):

—'Eu fui que na vinha entrei,  
Rastos de ladrão deixei,  
Parras verdes levantei,  
    uvas bellas  
    N'ellas—vi:  
E assim Deus me salve a mim  
    Como d'ellas  
    Não comil!'

## XII

A porta tinha uma fresta :  
Tirou o chapim do pei<sup>1</sup>,  
Atirou-lh'o para dentro,  
Disse-lhe: — ' Vêde e sabeí.'

Do mais que alli succedeu  
Para que vos contarei?  
O conde' soube a verdade,  
E o rei soube — ser rei.

---

Verdes parras tem a vinha,  
Ricas uvas lá deixei:  
Quem m'a guardou foi o medo...  
De Deus e da sua lei.

1 Vid. nota no fim.

VI

ROSALINDA



É verdadeiramente sublime, tem toda a frescura viçosa das imagens da poesia primitiva, a com que termina este romance. Tudo o que ha de asqueroso n'uma sepultura desaparece do tumulo em que amor desfolhou os seus goivos: alli não ha corrupção nem vermes: uma bella árvore, um rosal florido reproduzem em 'novas e mudadas fórmãs' os corpos de dois amantes. A vida não acabou, mudou só; e nem mudou tanto, que a vegetal seiva d'esses ramos não ferva ainda do mesmo ardor que ja animou aquelle sangue. Tendem umas para as outras as apaixonadas vergontees; cortam-n'as e ellas recrescem, e vão-se abraçar como duas palmeiras namoradas.

Sente-se aqui o BELLO, sente-o qualquer porque é bello devéras. Assim se popularizou ésta imagem e fez a volta da Europa, que a

achamos nos romances e solãos de quantos povos entraram na grande commuhão romano-celtica, romano-theutonica, ou celto-theutonica: — talvez seja o modo mais exacto de dizer, este último.

O romance *Prence Robert*, publicado por Sir Walter Scott, da tradição oral das raiaes d'Escocia <sup>1</sup>, remata com éstas coplas:

The tane was buried in Marie's kirk  
 The tother in Marie's quair;  
 And out o' the tane there spring a birk,  
 And out o' the tother a brier.

And thae twa met, and thae twa plat,  
 The birk but and the brier;  
 And by that ye may very weel ken  
 They were twa lovers dear.

Cito éstas coplas escocezas por serem as que mais se parecem com as do nosso romance: ha muitos outros parallelismos, mais ou menos approximados, nos romanceiros e cancioneiros de quasi todas as linguas. Não é possivel descobrir hoje onde nasceu a idea original; no portuguez é onde ella está

<sup>1</sup> *Minstrelsy of the Scottish border etc.* by Sir Walter Scott, mihl, ed. de Paris 1838 -- 2 vol. pag. 125.

mais lindamente expressada e com mais 'sentimento.' Na famosa historia de Dom Tristam, apontada a este proposito por Sir W. Scott, occorre a mesma imagem.

*'Ores veitil que de la tumba de Tristam yssait une belle ronce verte et feuilleuse, qui aleoit par la chapelle, et descendoit le bout de la ronce sur la tumba d'Isseult, et entroit dedans.'* Tres vezes cortaram a milagrosa planta, mas, continua o bom do historiador, Rusticien de Puise, *le lendemain estoit aussi belle comme elle avoit cydevant été, et ce miracle estoit sur Tristam et sur Ysseult à tout jamais advenir.'*

É um ponto luminoso para as indagações philologicas na historia das linguas modernas — ou da sua poesia, que é a mesma coisa. É para mais ainda; porque a historia do homem, por aqui a hade começar a estudar quem verdadeiramente a quizer saber.

Eu fiz este romance de tres fragmentos diversos, tam fragmentos que nenhum d'elles per si se intendia bem. O primeiro appareceu me inserido no de Eginaldo, Reginaldo

— ou Girinaldo, como diz em muitas partes o povo. O segundo e terceiro involtos com o de Claralinda ou Clara-lindes, que os castelhanos chamam *Clara-niña*, e ao romance o do conde Claros.

No logar competente do cancionero darei esses romances que hoje tenho restituídos pela collação de outros fragmentos e de melhores cópias que depois me vieram<sup>1</sup>.

Campolide, 8 de Setembro 1843.

---

Tambem na LUSITANIA ILLUSTRATA vem a traducção ingleza d'este romance que vai copiada no appendice á II parte do LIVRO II do NOSSO ROMANCEIRO.

Aqui damos agora o bello estudo e versão franceza de M. Edouard Fournier sôbre a Rosalinda, que se publicou em Paris em 1852.

Abril, 16-1853.

OS EDITORES

<sup>1</sup> Vej. no livro II, part. I, o romance XIII, *Claralinda*, pag. 219 do 2.º vol.; e na parte. II, o romance XVIII, *Conde Nillo*, pag. 19 do 3.º vol.; ibid. o romance XX a *Peregrina*, pag. 35, etc.

## ROSALINDA

Era por manhã de maio,  
Quando as aves a piar,  
As árvores e as flores,  
Tudo se anda a namorar;

Era por manhã de maio,  
Á fresca riba de mar,  
Quando a infanta Rosalinda  
Alli se estava a tocar.

Trazem das flores vermelhas,  
Das brancas para a infeitar;  
Tam lindas flores como ella  
Não n'as poderam achar:

Que é Rosalinda mais linda  
Que a rosa, que o nenuphar,  
Mais pura que a açucena  
Que a manhan abre a chorar.

Passava o conde almirante  
Na sua galé do mar;  
Tantos remos tem por banda  
Que se não podem contar;

Captivos que a vão remando  
A Moirama os foi tomar;  
D'elles são grandes; senhores,  
D'elles de sangue real:

Que não ha moiro seguro  
Entre Ceuta e Gilbraltar  
Mal sai o condé almirante  
Na sua galé do mar.

Oh que tam linda galera,  
Que tam certo é seu remar!  
Mais lindo capitão leva,  
Mais certo no marear.

—‘Dizei-me, o conde almirante  
Da vossa galé do mar,  
Se os captivos que tomais  
Todos los fazeis remar?’

—‘Dizei-me, a bella infanta,  
Linda rosa sem igual,  
Se os escravos que lá tendes  
Todos vos sabem tocar?’

—‘Cortez sois, Dom Almirante :  
Sem responder, perguntar !’  
—‘Responder, responderei,  
Mas não vos heisde infadar :

Captivos tenho de todos,  
Mais bastos que um aduar ;  
Uns que mareiam as velas,  
Outros no banco a remar :

As captivas que são lindas  
Na poppa vão a dançar,  
Tecendo alfombras de flores  
Para o senhor se deitar.’

—‘Respondeis, respondo eu,’  
Que é boa lei de pagar :  
Tenho escravos para tudo,  
Que fazem o meu mandar ;

‘D’elles para me vestir,  
D’elles para me tocar...  
Para um só tenho outro imprêgo,  
Mas está por captivar...’

—‘Captivo está, tam captivo  
Que se não quer resgatar.  
Rema, a terra a terra, moiros,  
Voga certo, e a varar!’

Ja se foi a Rosalinda  
Com o almirante a folgar:  
Fazem sombra as lorangeiras,  
Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa  
A nenhum bem sem dezar,  
Faz que um monteiro d’elrei  
Por alli venha a passar.

—‘Oh monteiro, do que viste,  
Monteiro, não vás contar:  
Dou-te tantas bolsas de oiro  
Quantas tu possas levar.’

Tudo o que viu o monteiro  
A elrei o foi contar,  
A casa da estudaria  
Onde elrei stava a estudar.

—‘Se á puridade o disseras,  
Tença te havia de dar:  
Quem taes novas dá tam alto,  
Alto hade ir... a inforçar.

‘Arma, arma, meus archeiros  
Sem charamellas tocar!  
Cavalleiros e piões,  
Tudo á tapada a cercar.’

Inda não é meio dia,  
Começa a campa a dobrar;  
Inda não é meia noite,  
Vão ambos a degollar.

Ao tope de ave-marias  
Foram ambos a interrar:  
A infanta no altar mor,  
Elle á porta principal.

Na cova da Rosalinda  
Nasce uma árvore real,  
E na cova do almirante  
Nasceu um lindo rosal.

Elrei, assim que tal soube,  
Mandou-os logo cortar,  
E que os fizessem em lenha  
Para no lume queimar.

Cortados e recortados,  
Tornavam a rebentar:  
E o vento que os incostava,  
E elles iam-se abraçar.

Elrei, quando tal ouviu,  
Nunca mais pôde fallar;  
A Rainha, que tal soube,  
Cahia logo mortal.

— ‘Não me chamem mais rainha,  
Rainha de Portugal...  
Apartei dous innocentes  
Que Deus queria juntar!’

## ÉTUDES SUR LA ROSALINDA

Les rapports entre la littérature française et la littérature portugaise, au moyen-âge, furent plus grands et plus directs que l'éloignement des deux pays ne le donnerait à penser. M. Raynouard a été des premiers à le remarquer; il ne s'est même pas borné à une simple constatation du fait, il l'a appuyé de toutes sortes de preuves. Afin même de montrer complètement combien la langue portugaise se rapprochait de la langue romane, il a été jusqu'à traduire dans la langue des troubadours, une petite pièce du Camoëns<sup>1</sup>. Épreuve triomphante! car à quelques syllabes près, les deux pièces, l'original et la traduction, se sont trouvés les mêmes. Il n'y a pas plus complète identité contre les *Noei* en patois bourguignon et la très facile traduction française que tout le monde peut en faire. Qu'on en juge par la seconde des deux strophes :

### PORTUGAIS

Melhor deve ser  
N'este aventurar  
Ver e não guardar  
Que guardar e ver.  
Ver e defender  
Muito bom seria,  
Mas quem poderia?

### LANGUE DES TROUBADOURS

Melhor deu esser  
En est aventurar  
Vezer e no guardar  
Que guardar e vezer.  
Vezer e defender  
Molt bon seria,  
Mas qui poiria?

<sup>1</sup> *Poésie des Troubadours*, tom. VI, pag. 385.

Dans tout cela, je le répète, il n'y a pas une syllabe qui ne soit sœur de celle qui la traduit.

Les mots qui servaient à désigner les diverses sortes de pièces de poésie étaient les mêmes pour les poètes portugais et pour les poètes de la langue romane. Ceux-ci, par exemple, avaient le *lai* qui correspondait directement au *leod* allemand et au *laoi* des Irlandais; ceux-là, Portugais et Espagnols, avaient le *loa*. La même chose sous le même mot. Une autre espèce de poème s'appelait *dict* chez les trouvères, et les Portugais le connaissaient aussi sous un nom presque pareil. Dans la *Carta del marquès de Santillana*<sup>1</sup>, se lit cette phrase par laquelle se trouvent indiqués ces *dicts* en langue porlugaise: 'Cantigas serranas, e *dicires* Portugueses e Gallegos.' Pour exprimer la rime dans toute sa primitivité native, mais mélodieuse, nous avons le mot *assonnance* qui est resté, et le verbe *assonner* qui n'a malheureusement pas eu le même sort. Les Espagnols et les Portugais avaient de même le verbe *asonar* qu'ils étendaient jusqu'au sens de l'expression '*mettre en musique*'<sup>1</sup>. Enfin, il n'est pas jusqu'au mot *troubadour* qui ne se retrouve à peine modifié dans la langue portugaise. Tantôt c'est *trobar*, tantôt c'est *trobador*. Le premier de ces mots se trouve dans ce

<sup>1</sup> Ap. Sanchez, tom 1, pag. LVIII.

vers des *Fragments de hum Cancioneiro inedito*<sup>1</sup> :

Et por que m'ora quitey de trobar,

et le second, aux fol. 91 et 101 du même recueil.

Ces similitudes ne se retrouvent pas seulement dans les idiômes, mais encore dans le génie des deux nations. On voit par les œuvres qu'ont laissées leurs poètes que toutes deux puisent aux mêmes sources et se renvoient mutuellement l'inspiration. Mais elle vient surtout des troubadours, il faut bien le dire ; et quand nous avons appris que le roi de Portugal Diniz prit pour maître en l'art des vers le troubadour de Cahors, Aymeric d'Ebrard, qui lui apprit à faire même des vers provençaux, et qui reçut en récompense l'archevêché de Lisbonne où il fonda la fameuse université transportée en 1308 à Coïmbre ; nous n'avons pas été surpris. À cette époque déjà, tous les bons maîtres venaient de France.

Pour preuve de la communauté d'inspiration des poètes portugais et des troubadours, nous citerons deux exemples. Une chanson portugaise

<sup>1</sup> Le manuscrit du *Cancioneiro* date du xiii<sup>e</sup> siècle et les pièces qu'il contient semblent plus anciennes. Il a été publié à Paris en 1823 par Sir Ch. Stuart of Rothsay et tiré seulement à 25 exemplaires, dont aucun n'a été mis dans le commerce. Vid. à nous ed. de Sr. Varnhagen, Madrid 1851.

que nous lisons au fol. 78 du recueil rarissime cité tout-à-l'heure sera le premier. On la trouva ainsi traduite dans les *Prolégomènes de l'Histoire de la Poésie scandinave*, par M. Edelestand Du Méril<sup>1</sup>.

‘Par Dieu ! ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

‘Vous me semblez si belle, ó dame, que jamais je n'en vis d'aussi belle et je vous dis une grande vérité, telle que je n'en sais pas de plus vraie. Par Dieu, ó dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

‘Et Dieu, qui vous tient en sa puissance, vous combla si généreusement de ses dons, qu'il n'est rien au monde qui puisse ajouter à votre mérite. Par Dieu, ó dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

‘En vous créant, Madame, sa puissance montra tout ce qu'il était capable de réunir en une dame de mérite, de beauté et d'esprit. Par Dieu, ó

<sup>1</sup> Pag. 339, note 1.

dame Leonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

‘Comme brille le bon rubis au milieu des perles, vous brillez entre toutes celles que j’ai jamais vues, et c’est pour moi qui suis épris de tant d’amour que Dieu vous a créée. Par Dieu, dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.’

Notre second exemple sera ce chant charmant de la Rosalinda. M. de Almeida-Garrett, avec ce tact exquis et cet haut goût archéologique qui le placent à la tête des poètes les mieux inspirés et en même temps les plus érudits du Portugal, a retrouvé dans les vieilles traditions du peuple lusitain, et reconstruit d’après trois différents fragments, les meilleures variantes de ce chant depuis si longtemps populaire. Le poète se trouve à chaque vers de cette chanson telle qu’il l’a rétablie, et l’érudit à chaque ligne de l’introduction historique dont il l’a fait précéder. Jamais en n’a mieux prouvé que dans cette préface savante, les rapports poétiques qui existèrent au moyen-âge entre les races du midi et celles du nord. Où M. Garrett trouve-t-il, en effet, le premier germe de la poétique image qui couronne la ballade portugaise? Dans les chants écossais, dans la romance du *Prince Robert*, telle que la

tradition orale l'avait transmise a Walter-Scott pour son *Minstrelsy of the scottish border* etc.<sup>1</sup>; ou bien encore dans cette fameuse histoire de Tristram et de la belle Iseult, par Rusticien de Pise, dont il cite, d'après Walter-Scott, de trop courts fragments. . .

Ces détails miraculeux de l'histoire d'Iseult se retrouvent dans les dernières strophes de la *Rosalinda*<sup>2</sup>. On le verra, du reste, par la traduction complète que nous en avons tentée. Elle est en vers souvent inélégants et mal rimés, mais exacts, je crois, et serrant du plus près qu'il est possible la strophe portugaise, bien que dans un rythme différent. Pour nous excuser des rimes insuffisantes et des mots vieillissés, nous dirons que s'ils sont de mise quelque part, c'est dans un chant populaire, et nous alléguerons, à qui ne nous le pardonnerait pas, l'enthousiasme du morose Alceste pour cette vieille chanson du *roi Henri*, qui cependant est pleine de ces mêmes défauts. Ce qu'il dit pour les excuser devra nous justifier nous-même, et c'est l'un des vers que Molière lui prête que nous servira d'épigraphe.

1 Vid. ante, pag. 161 d'este 1 tomo do ROMANCEIRO.

2 Vid. ibid ; e tomo 11 do MINSTRELSY etc. de Sir. W. Scott.

# ROSALINDA

## BALLADE PORTUGAISE

La rime n'este pas riche et le style en est vieux 1

MOLIÈRE, *Misanthrope*

C'était un matin de mai  
Quand l'oiseau dans la nuée,  
L'arbre au bois, la fleur au pré,  
Chantent l'amour réveillée.

C'était un matin de mai,  
Quand Rosalinda l'infante  
Sur le rivage embaumé  
Peignait sa tête charmante.

Blanches fleurs on lui portait,  
Rouges fleurs avec leur branche ;  
Mais en grâce elle passait  
Et la fleur rouge et la blanche.

Mieux que celle des épis,  
Mieux que la rose nouvelle,  
Le nénuphar et le lis  
La belle infante était belle.

Le comte amiral passait  
Avec sa galère sombre  
Mainte rame s'y pressait  
Tant, qu'on n'en sait pas le nombre.

1 Note pour la traduction

Les captifs ses noirs ramcurs  
 Il les prit au pays More.  
 Tous, ils sont de grands seigneurs,  
 Ou du sang royal encore.

Depuis Ceuta, pas un port  
 Qui ne redoute la guerre  
 Quand le comte amiral sort  
 Avec sa noire galère.

Voyez, comme elle fend l'eau  
 Comme on y rame en mesure !  
 Que son capitaine est beau,  
 Que sa main est forte et sûre !

— 'Dites moi, comte amiral,  
 Pour ces captifs, votre price,  
 Le labeur, est- il égal?  
 Rament-ils tous, sous la brise?

— 'Vous que je vois se mirer,  
 Belle infante, fleur d'élite,  
 Savent ils, tous vous parler  
 Ces es-laves, votre suite?'

— 'L'amiral est peu gaïant,  
 Pour réponse une demande!  
 Qu'il parle, il se peut pourtant  
 Que sa réponse on lui rende.'

— 'Ainsi qu'un chef d'Acouar,  
 J'ai bien des captifs, madame,  
 Du travail tous ont leur part,  
 L'un manœuvre et l'autre rame.

‘Les captives au beau front  
 Dansent , effenillant la rose,  
 Et de fleurs jonchent le pont,  
 Pour que leur maître y repose.

—‘Vous répondez, je vous dois  
 Comte, égale politesse:  
 J’ai, dociles à ma voix,  
 Esclaves de toute espèce.

‘L’uo est là pour m’atourner  
 Et cet autre me fait brave (belle).  
 Un emploi reste à donner,  
 Où manque encor un esclave...

—‘Cet esclave il est trouvé,  
 Il défend qu’on le libère;  
 Il ne veut qu’être arrivé,  
 Ramez vite, allons à terre!

Et Rosalinda partit:  
 Et le comte est avec elle,  
 Les fleurs leur prêtent un lit,  
 L’oranger sa verte ombelle.

Mais le sort, — ’cest là sa loi—  
 Ne veut qu’un bien sans mal vicie  
 Là, passe un veneur, du roi...  
 C’est ce destin qui l’amène.

—‘De tout ce qui tu vis là  
 Ne conte rien à personne,  
 Veneur, on te donnera  
 De l’or à payer un trône.

Mais ce que le veneur sait,  
Près du roi vite il s'en vante,  
Qui dans son palais était,  
Et qui pensait à l'infante.

— 'En honneur dis chaque mot  
Tu recevras récompense  
Mais qui dit haut, ira haut,  
C'est-à-dire à la potence.'

'Vite, archers, vite clairons,  
Sonnez, comme pour combattre  
Nobles, cavaliers, piétons  
Vite, allons la forêt battre.

Midi n'était pas frappé  
Que soune un glas mortuaire,  
Minuit n'avait pas tinté  
Que leur tête était par terre.

Quand l'Angelus vint après  
Dans leur fosse on les emporte,  
Elle au maître-autel, lui près  
Des marches de la grand' porte.

Voilà qu'au premier tombeau  
Nait un noble et puissant arbre,  
Quand un rosier grand et beau  
Pousse auprès du second marbre.

— 'Ça qu'on les lie en fagot  
Pour en faire de la cendre,'  
Cria le vieux roi, sitôt  
Que la chose il put apprendre.

Mais on eut beau les raser,  
Chacuu à l'envi reponssc;  
Même, ils semblent se baiser  
Sous la bise qui les pousse.

Au roi l'on a révélé  
Cete aventure inouïe.  
Depuis, il n'a plus parlé;  
La reine est évanouïe.

D'elle on a pu retenir  
Ces mots: 'Je ne suis plus reine!  
Dieu voulait les réunir,  
Nous avons rompu leur chaîne!'



VII

MIRAGAIA



E' a terceira vez que se imprime o romance MIRAGAIA ; só agora porém vai restituído ao seu devido logar n'este primeiro livro do ROMANCEIRO. Publicou-se primeiramente no 'Jornal das Bellas-artes <sup>1</sup>,' foi logo vertido em Inglez não sei por quem, e não me lembra em que publicação appareceu, nem o acho.

Traduziu-o em Francez um curioso <sup>2</sup>; e não me metto a apreciar a que elle modestamente chama 'imitação'-do meu romance ; dou-a em appendice.

Tambem sei que existe uma versão castelhana pelo Sr. Isidoro Gil, o mesmo que n'este idioma traduzira o BERNAL-FRANCEZ. Creio que se publicou em um jornal de Madrid, mas não a vi nunca.

Eu, quando dei esta bagatella aos Srs. editores do 'Jornal das Bellas-artes' para encherem algum vão que lhes sobrasse n'aquella sua linda e elegante publicação,

1 Jornal das Bellas-artes, Lisboa 1845, vol. 1.

2 Mr. Zanole que fol depois, em 1818-1819, addido á legação franceza na China.

escrevi, a um canto do proprio rascunho original que não tive paciencia de copiár, as seguintes palavras :

‘Este romance é a verdadeira reconstrução de um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da historia ‘rezada’ ainda hoje repeltida por velhas e barbeiros do logar. O conde D. Pedro e os chronistas velhos tambem fabulam cada um a seu modo sôbre a legenda. O auctor, ou, mais exactamente, o recopilador, seguiu muito pontualmente a nãrrativa oral do povo, e sôbre tudo quiz ser fiel ao stylo, modos e tom de contar e cantar d’elle ; sem o què, é sua íntima persuasão que se não pôde restituir a perda nacionalidade á nossa litteratura.’

O postscriptum, servindo de nota ao commento, sahiu impresso no referido jornal, e foi ampliado com algumas observações por extremo lisongeiras dos Srs. editores, a quem muito desejei auxiliar como elles mereciam por sua gentil imprêza, que era a

mais bella e das mais uteis que se teem commettido em Portugal.

Devo ao seu favor, não só o terem adornado a minha MIRAGAIA com as lindas gravuras em madeira que todos admiraram, mas o permittirem que se fizesse com ellas a pequena edição em separado com que quiz brindar alguns amigos, apaixonados, como eu, de nossas antigualhas populares.

Era uma folha avulsa do meu ROMANCEIRO, e n'elle vai reposta agora que se offerece tempo e logar conveniente.

Foi das primeiras coisas d'este genero em que trabalhei: e é a mais antiga reminiscencia de poesia popular que me ficou da infancia, porque eu abri os olhos á primeira luz da razão nos proprios sitios em que se passam as principaes scenas d'este romance. Dos cinco aos dez annos de idade vivi com meus paes n'uma pequena quinta, chamada 'O Castello' que tinhamos á quem Doiro, e que se diz tirar esse nome das ruinas que alli jazem do castello mourisco.

Na ermida da quinta se venerava uma

imagem antiquissima da Nossa-Senhora com a mesma invocação 'do Castello' e com a sua legenda popular tambem, segundo o costume.

Com os olhos tapados eu iria ainda hoje achar todos esses sitios marcados pela tradição. Muita vez brinquei na fonte do rei Ramiro, cuja agua é deliciosa comeffeito; e tenho idea de me ter custado caro, outra vez, o imitar, com uma gaita da feira de San'Miguel, os toques da bozina de S. M. Leoneza, impoleirando me, como elle, n'um resto de muralha velha do castello d'elrei Alboazar: o que meu pae desapprovou com tam significante energia, que ainda hoje me lembra tambem.

Assim ólho para ésta pobre MIRAGAIA como para um brinco meu de criança que me apparecesse agora; e quero lhe — que mal ha n'isso? — quero-lhe como a tal. Não a julguem tambem por mais, que o não vale.

Lisboa, 24 de Janeiro 1847.

## MIRAGAIA

---

### Cantiga Primeira

Noite escura tam formosa,  
Linda noite sem luar,  
As tuas estrellas de oiro  
Quem n'as poderá contar!

Quantas folhas ha no bosque,  
Areias quantas no mar?...  
Em tantas lettras se escreve  
O que Deus mandou guardar.

Mas guai do homem que se fia  
N'essas lettras deciphrar!  
Que a ler no livro de Deus  
Nem anjo pode atinar,

Bem ledo está Dom Ramiro  
Com sua dama a folgar;  
Um perro bruxo judio  
Foi causa de elle a roubar.

Disse-lhe que pelos astros  
Bem lhe podia afirmar  
Que Zahara, a flor da belleza,  
Lhe devia de tocar.

E o rei veio de cilada  
D'alêm do Doiro passar,  
E furtou a linda moira,  
A irman d'Alboazar.

A Milhor, que é terra sua  
E está na beira do mar,  
Se acolheu com sua dama...  
Do mais não sabe cuidar.

Chora a triste da rainha,  
Não se pode consolar;  
Deixa-la por essa moira,  
Deixa-la com tal dezar!

E a noite é escura cerrada,  
Noite negra sem luar...  
Ella sósinha ao balcão  
Assim se estava a queixar:

—Rei Ramiro, rei Ramiro,  
Rei de muito mau pezar,  
Em que te errei d'alma ou corpo,  
Que fiz para tal penar?

‘Diz que é formosa essa moira,  
Que te soube infeitiçar...  
Mas tu dizias-me d'antes  
Que eu era bella sem par.

‘Que é môça, na flor da vida...  
Eu, se ainda bem sei contar,  
Ha tres que tinha vinte annos,  
Fi-los depois de casar.

‘Diz que tem os olhos pretos,  
D'estes que sabem mandar...  
Os meus são azues, coitados!  
Não sabem senão chorar.

‘Zahara, que é flor, lhe chamam,  
A mim, Gaia . . . Que acertar!  
Eu fiquei sem alegria,  
Ella a flor não torna a achar.

‘Oh! quem podéra ser homem,  
Vestir armas, cavalgar,  
Que eu me fôra ja direita  
A esse moiro Alboazar...

Palavras não eram ditas,  
Os olhos foi a abaixar,  
Muitos vultos acercados  
Ao palacio viu estar;

—‘Peronella, Peronella,  
Criada do meu mandar,  
Que vultos serão aquelles  
Que por alli vejo andar?’

Peronella não responde;  
Que havia de ella fallar?  
Ricas peitas de oiro e joias  
A tinham feito callar.

A rainha que se erguia  
Por sua gente a bradar,  
Sette moiros cavalleiros  
A foram logo cercar;

Soltam prégas de um turbante,  
A bôcca lhe vão tapar:  
Tres a tomaram nos braços...  
Nem mais um ai pôde dar.

Criados da sua casa  
Nenhum veio a seu chamar;  
Ou peitados ou captivos  
Não n'a podem resgatar.

São sette os moiros que entraram  
Sette os estão a aguardar;  
Não fallam nem uns nem outros .  
E prestes a cavalgar!

Só um, que de arção a toma,  
Parece aos outros mandar...  
Junctos junctos, certos certos,  
Galopa a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite  
Vão correndo sem cessar,  
Pelos montes trote largo,  
Por valles a desfilhar.

Nos ribeiros — peito n'agua,  
Chape, chape, a vadear!  
Nas defesas dos vallados  
Up! salto — e a galgar!

Vai o dia alvorocendo,  
Estão á beira do mar,  
Que rio é este tão fundo  
Que n'elle vem desaguar?

A bôcca ja tinha livre,  
Mas não acerta a fallar  
A pasmada da rainha...  
Cuida ainda de sonhar!

—‘Rio Doiro, rio Doiro,  
Rio de mau navegar,  
Dize-me, essas tuas aguas  
Adonde as fostes buscar ;

‘Dir-te-hei a perola fina  
Aonde eu a fui roubar.  
Ribeiras correm ao rio  
O rio corre a la mar.

‘Quem me roubou minha joia,  
Sua joia lhe fui roubar...’  
O moiro que assim cantava,  
Gaia que o estava a mirar...

Quanto o mais mirares, Gaia,  
Mais formoso o hasde achar.  
—‘Que de barcos que alli véem!’  
—‘Barcos que nos véem buscar.’  
—‘Que lindo castello aquelle!’  
—‘É o do moiro Alboazar.’

## Cantiga Segunda

Rei Ramiro, rei Ramiro,  
Rei de muito mau pezar,  
Ruins fadas te fadaram,  
Má sina te foram dar.

Do que tens não fazer conta,  
O que não tens cubiçar!...  
Zahara, a flor dos teus cuidados,  
Ja te não dá que pensar.

A rainha que era tua,  
Que não soubeste guardar,  
Agora morto de zelos  
Do moiro a queres cobrar.

Oh! que barcos são aquelles  
Doiro acima a navegar?  
A noite escura cerrada,  
E elles mansinho a remar!

Cozeram-se com a terra,  
Lá se foram incostar;  
Entre os ramos dos salgueiros,  
Mal se podem divisar.

Um homem saltou na praia:  
Onde irá n'aquelle andar?  
Leva bordão e esclavina,  
Nas contas vai a rezar.

Inda a névoa tolda o rio,  
O sol ja vem a rasgar,  
Pela incosta do castello  
Vai um romeiro a cantar:

—'Sanctiago de Galliza,  
Longe fica o vosso altar:  
Peregrino que lá chegue  
Não sabe se ha de voltar.'

Na incosta do castello  
Uma fonte está a manar;  
Donzella que está na fonte  
Pôs-se o romeiro a escutar.

A donzella está na fonte,  
A jarra cheia a deitar:  
—'Bemditto sejais, romeiro  
E o vosso doce cantar!

‘Por éstas terras de moiros  
E’ maravilha de azar,  
Ouvir cantigas tam sanctas,  
Cantigas do meu criar.

‘Sette padres as cantavam  
A’ roda de um bento altar;  
Outros sette respondiam  
No côro do salmear,

‘Entre véspera e completas,  
E os sinos a repicar.  
Ai triste da minha vida  
Que os não oiço já tocar!

‘E as rezas d’estes moiros  
Ao démo as quizera eu dar.’  
Ouvireis ora o romeiro  
Resposta que lhe foi dar :

— Deus vos mantenha, donzella,  
E o vosso cortex fallar :  
Por éstas terras de moiros  
Quem tal soubera de achar!

‘Por vossa tenção, donzella,  
Uma reza heide rezar  
Aqui aopé d’esta fonte,  
Que não posso mais andar.

Oh! que fresca está a fonte,  
Oh! que sêde de mattar!  
Que Deus vos salve, donzella,  
Se aqui me deixais sentar.'

— 'Sente-se o bom do romeiro,  
Assente-se a descansar.  
Fresca é a fonte, doce a agua,  
Tem virtude singular :

D'outra não bebe a rainha  
Que aqui m'a manda buscar  
Por manhazinha bem cêdo,  
Antes de o sol aquentar.'

— Doce agua deve de ser,  
De virtude singular :  
Dae-me vós uma vez d'ella,  
Que me quero consolar.'

— 'Beba o peregrino, beba  
Por ésta fonte real,  
Cântara de prata virgem,  
'Tem mais valor que oiro tal.'

— 'Dona Gaia que diria,  
Que faria Alboazar  
Se visse o pobre romeiro  
Beber da fonte real?...'

— ‘Inda era noite fechada  
Meu senhor foi a caçar :  
Maus javardos o detenham,  
Que é bem ruim de aturar !

‘Minha senhora, coitada,  
Essa não tem que fallar :  
Quem ja teve fontes de oiro  
Prata não sabe zelar.’

— ‘Pois um recado, donzella,  
Agora lhe heisde levar ;  
Que o romeiro christão  
Lhe deseja de fallar.

‘Da parte de um que é ja morto,  
Que morreu por seu pezar,  
Que á hora de sua morte  
Este annel lhe quiz mandar.’

Tirou o annel do dedo  
E na jarra o foi deitar :  
— ‘Quando ella beber da agua  
No annel hade attentar.’

Foi-se d’alli a donzella,  
Ia morta por fallar . . .  
— ‘Anda ca, ó Peronella,  
Criada de mau mandar.

‘Tua ama morrendo á sêde  
E tu na fonte a folgar?’  
—‘Folgar não folguei, senhora,  
Mas deixei-me adormentar,

‘Que a moira vida que eu levo  
Ja não n’a posso aturar.  
Ai terra da minha terra,  
Ai Milhor da beira-mar !

‘Aquella sim que era vida,  
Aquillo que era folgar !  
E em sancto temor de Deus :  
Não aqui n’este peccar !’

—‘Cal-te, cal-te, Peronella,  
Não me queiras attentar ;  
Que eu a viver entre moiros  
Me não vim por meu gostar.

‘Mas ja tenho perdoado  
A quem lá me foi roubar ;  
Que antes escrava contente,  
Do que rainha a chorar.

‘Forte christandade aquella,  
Bom era aquelle reinar !  
Viver so, desamparada,  
Ver a moira em meu logar !..’

Lembrava-lhe a sua offensa,  
Está-lhe o sangue a queimar :  
Na agua fria da fonte  
A sêde quiz apagar.

A fonte de prata virgem  
A' bôcca foi a levar,  
As ricas pedras do annel  
No fundo viu a brilhar.

— 'Jesus seja co'a minha alma!  
Feitiços me querem dar...  
O fogo a arder dentro n'aguá,  
E ella fria de nevar!'

— 'Senhora, co'esses feitiços  
Me tomára eu imbruxar!  
Foi um bemdito romeiro  
Que á fonte fui encontrar,

'Que ahi deitou esse annel  
Para prova singular  
De um recado que vos trouxe,  
Com que muito heisde folgar.'

— 'Venha ja esse romeiro  
Que lhe quero já fallar :  
Embaixador deve ser  
Quem traz presente real.'



### Cantiga Terceira

— ‘Por Deus vos digo, romeiro  
Que vos queirais levantar ;  
Minhas mãos não são reliquias,  
Basta de tanto bejar!’

O romeiro não se erguia,  
As mãos não lhe quer largar :  
Os bejos uns sôbre os outros,  
Que era um nunca acabar.

Ia a infadar-se a rainha,  
Viu que entrava a soluçar,  
E as lagrymas, quatro e quatro,  
Nas mãos sentia rollar :

— ‘Que tem o bom do romeiro,  
Que lhe dá tanto pezar ?  
Diga-me las suas penas  
Se lh’as posso alliviar.’

—‘Minhas penas não são minhas,  
Que aos mortos morre o penar;  
Mas a vida que eu perdi  
Em vós podia encontrar.

‘Minhas penas não são minhas,  
Senão vossas, mal pezar!  
Que uma rainha christan  
Feita moira vim achar...’

—‘Romeiro, não tomeis cuita  
Por quem se não quer cuitar:  
Do que fui ja me não lembro,  
O que sou não me é dezar.

‘Deus terá dó da minha alma,  
Que meu não foi o peccar;  
E a esse traidor Ramiro  
As contas lhe hade tomar.’

—‘Pois não espereis, senhora,  
Por Deus, que póde tardar:  
Dom Ramiro aqui o tendes,  
Mandae-o ja castigar.’

Em pé está Dom Ramiro,  
Ja não ha que disfarçar:  
Aquellas barbas tam brancas  
Cahiram de um impuxar.

O bordão e a esclavina  
A terra foram parar ;  
Não ha ver mais gentilezas  
De meneio e de trajar.

Quem viu olhos como aquelles  
Com que o ella está a mirar !  
Quem passou ja transes d'alma  
Como ella está a passar ?

Um tremor que não é mêdo,  
Um sorriso de infiar,  
Vergonha que não é pejo,  
Faces que ardem sem corar . . .

Tudo isso tem no semblante,  
Tudo lhe está a assomar  
Como ondas que vão e vêm  
Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem,  
Da mulher é o seu manjar :  
Assim perdoa elle e vive,  
Ella não -- que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro  
E o derradeiro pensar  
Que entre tantos pensamentos,  
Em Gaia estão a pullar :

Logo depois a vaidade,  
O gôsto de triumphar  
N'um coração que foi seu,  
Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe  
C'os seus no monte a caçar,  
Ella só n'aquella tôrre...  
Prudencia e dissimular!

Abre a bôcca a um sorriso  
Doce e triste—de mattar!  
Tempéra a chamma dos olhos,  
Abafa-a por mais queimar.

Pôs na voz aquelle incanto  
Que, ou minta ou não, é fatal;  
E com o inferno no seio,  
Falla o ceo no seu fallar.

Ja os amargos queixumes  
Se imbrandecem no chorar,  
E em sua propria justiça  
Com arte finge affrouxar.

Protesta a bôcca a verdade:  
—'Que não hade perdoar. .'  
Mas a verdade dos labios  
Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro  
Alli se estava a humilhar,  
Supplica, roga, promette...  
Ella parece hesitar.

Senão quando, uma bozina  
Se ouviu ao longe tocar...  
A rainha mal podia  
O seu prazer disfarçar :

—‘Escondei vos, Dom Ramiro,  
Que é chegado Alboazar,  
Depressa n’este aposento..  
Ou ja me vereis mattar.’

Mal a chave deu tres voltas,  
Na manga a foi resguardar;  
Mal tirou a mão da cotta,  
Que o rei moiro vinha a entrar :

—‘Tristes novas, minha Gaia,  
Novas de muito pezar!  
Primeira vez em tres annos  
Que me succede este azar!...

‘Toquei a minha bozina  
Ás portas, antes de entrar,  
E não correste ás ameias  
Para me ver e saudar !

‘Muito mal fizeste, amiga,  
Em tam mal me costumar;  
Não sei agora o que fazes  
Em me querer emendar...’

No coração da rainha  
Batalha se estão a dar  
Os mais estranhos affectos  
Que nunca se hãode encontrar:

O que foi, o que é agora...  
E a ambição de reinar...  
O amor que tem ao moiro,  
E o gôsto de se vingar...

Venceu amor e vingança:  
Deviam de triumphar,  
Que era em peito de mulher  
Que a batalha se foi dar.

‘Novas tenho e grandes novas,  
Amigo para vos dar:  
Tomae ésta chave e abride,  
Vereis se são de pezar.’

Com que ância elle abriu a porta,  
Vista que foi encontrar!...  
Palavras que alli disseram,  
Não n’as saberei contar:

Que foi um bramir de ventos,  
Um bater d'aguas no mar,  
Um confundir ceo e terra,  
Querer-se o mundo acabar.

Vereis porfim o rei moiro  
Que sentença veio a dar :  
—'Perdeste a honra, christão ;  
Vida, quero-t'a deixar.

De uma vez, que me roubaste,  
Muito bem me fiz pagar :  
D'esta basta-me a vergonha  
Para de ti me vingar.'

Sentía-se elrei Ramiro  
Do despeito devorar ;  
Com ar constricto e affligido  
Assim lhe foi a fallar :

—'Grandes foram meus peccados,  
Poderoso Alboazar ;  
E taes que a mercê da vida  
De ti não posso acceitar :

'Eu não vim a teu castello  
Senão só por me intregar,  
Para receber a morte  
Que tu me quizeres dar ;

‘Que assim me foi ordenado  
Para minha alma salvar  
Por um sancto confessor  
A quem me fui confessar.

‘E mais me disse e mandou,  
E assim t’o quero rogar,  
Que, pois foi publica a offensa,  
Público seja o penar :

‘Que ahi n’essa praça d’armas  
Tua gente faças junctar ;  
Ahi deante de todos  
A vida quero acabar

‘Tangendo n’esta bozina,  
Tangendo até rebentar ;  
Que digam todos que isto virem,  
E lhes fique de alembrar :

«Grande foi o seu peccado,  
No mundo andou a soar ;  
Mas a sua penitencia  
Mais alto som veio a dar.»

Quizera-lhe o bom do moiro  
Por força alli perdoar ;  
Mas se a pêrra da rainha  
Jurou de á morte o levar !...

Veis na praça do castello,  
Toda a moirama a ajunctar ;  
Em pé no meio da turba  
Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,  
Toca rijo a bom tocar ;  
Por muitas leguas á roda  
Reboava o bozinar.

Se o ouvirão nas galés  
Que deixou a beira-mar ?  
Decerto ouviram, que um grito  
Tremendo se ouve soar . . .



### Cantiga Quarta

—'Sanctiago?... Cerra, cerra!  
Sanctiago, e a mattar!  
Abertas estão as portas  
Da tôrre de par em par.

Nem atalaia nos muros,  
Nem roldas para as velar ..  
Os moiros despercebidos  
Sentem-se logo apertar

De um tropel de leonezes  
Ja portas a dentro a entrar.  
Deixa a bozina Ramiro,  
Mão á espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,  
Sem mais pôr nem mais tirar,  
arte a cabeça até aos peitos  
Ao rei moiro Alboazar...

Ja tudo é morto ou captivo,  
Ja o castello está a queimar;  
Ás galés com seu despôjo  
Se foram logo a imbarcar.

—Voga, rema! d'alêm f oiro  
Á pressa, á pressa a passar,  
Que ja oiço alli na praia  
Cavallos a relinchar.

‘Bandeiras são de Leão  
Que lá vejo tremular  
Voga, voga, que alêm Doiro  
É terra nossa! . . . A remar !

‘D'aqui é moirama cerrada  
Até Coimbra e Thomar.  
Voga, rema, e d'alêm Doiro!  
D'aquem não ha que fiar.’

Á poppa vai Dom Ramiro  
De sua galé real  
Leva a rainha á direita,  
Como quem a quer honrar :

Ella, muda, os olhos baixos  
Leva n'agua . . . sem olhar,  
E como quem de outras vistas  
Se quer só desaffrontar.

Ou Dom Ramiro fingia  
Ou não vem n'isso a attentar ;  
Ja vão a meia corrente,  
Sem um para o outro fallar.

Ainda arde, inda fumega  
O alcaçar de Alboazar ;  
Gaia alevantou os olhos,  
Triste se pôs a mirar ;

As lagrymas, uma e uma,  
Lhe estavam a desfiar,  
Ao longo, longo das faces  
Correm... sem ella as chorar.

Olhou elrei para Gaia,  
Não se pôde mais callar ;  
Cuidava o bom do marido  
Que era remorso e pezar

Do mau termo atraídoado  
Que com elle fôra usar  
Quando o intregou ao moiro  
Tam só para se vingar.

Com voz internecida  
Assim lhe foi a fallar  
—‘Que tens Gaia... minha Gaia ?  
Ora pois! não mais chorar,

‘Que o feito é feito...’—‘E bem feito!’  
Tornou-lhe ella a soluçar,  
Rompendo agora n’uns prantos  
Que parecia estalar ;

‘E bem feito, rei Ramiro !  
Valente acção de pasmar !  
‘Á lei de bom cavalleiro,  
Para de um rei se contar !

A falsa fé o mattaste...  
Quem a vida te quiz dar !  
Á traição. . . que d’outro modo,  
Não es homem para tal.

‘Mattaste o mais bello moiro,  
Mais gentil, mais para amar  
Que entre moiros e christãos  
Nunca mais não terá par.

Perguntas-me porque choro!..  
Traidor rei que heide eu chorar ?  
Que o não tenho nos meus braços,  
Que a teu podêr vim parar.

‘Perguntas-me o que miro ?  
Traidor rei, que heide eu mirar ?  
As tórres d’aquelle alcaçar,  
Que ainda estão a fumegar.

‘Se eu fui alli tam ditosa,  
Se alli soube o que era amar,  
Se alli me fica alma e vida...  
Traidor rei, que heide eu mirar!’

—‘Pois *mira, Gaia!*’ E, dizendo,  
Da espada foi arrancar;  
‘*Mira, Gaia,* que esses olhos  
Não terão mais que mirar.’

Foi-lhe a cabeça de um talho;  
E com o pé, sem olhar,  
Borda fóra impuxa o corpo...  
O Doiro que os leve ao mar.

Do estranho caso inda agora  
Memoria está a durar;  
*Gaia* é o nome do castello  
Que alli *Gaia* fez queimar:

E d’além Doiro, essa praia  
Onde o barco ia a aproar  
Quando bradou — ‘*Mira, Gaia?*’  
O rei que a vai degollar,

Ainda hoje está dizendo  
Na tradição popular,  
Que o nome tem — MIRAGAIA  
D’aquelle fatal mirar.

**VERSÃO FRANCESA**

## I

Nuit sombre, mais si belle encor !  
Belle nuit, à travers ton ombre,  
Oh ! qui de tes étoiles d'or  
Pourra jamais compter le nombre ?

Compte-t'on les feuilles du bois ?  
Ou de la mer les grains des sables ?  
De l'Éternel telle est la voix  
Écrite en lettres innombrables.

Hélas ! dans ce livre divin  
Nul ne peut espérer de lire !  
Un ange l'essaierait en vain ;  
Son savoir n'y pourrait suffire

Dom Ramire, dans son palais  
Vivait heureux avec la reine,  
Un juif maudit troubla leur paix  
Et brisa leur tant douce chaîne.

Il prédit au roi, trop flatté  
Du beau destin qu'on lui dévoile,  
Que Zahara, fleur de beauté  
Serait à lui !... c'est son étoile !

Le roi, que l'amour tient au cœur,  
Va, plein du feu qui le dévore,  
D'Alboazar ravir la sœur  
Et fuit avec la belle Maure.

A' Milhor, lieu rempli d'attraits,  
Dont la mer baigne les rivages,  
Tous deux sans soucis, sans regrets  
Passaient leurs jours exempts d'orages.

La reine de ce coup affreux  
Gémit et pleure et pleure encore:  
Trahir ainsi ses chastes feux !  
La délaisser pour une Maure !

Triste et rêveuse, à son balcon,  
Seule, durant la nuit obscure,  
Victime d'un lâche abandon  
Elle succombe à sa blessure :

— 'Roi Ramire ! perfide roi,  
Pourquoi me causer cette peine ?  
Mon cœur a-t'il trahi sa foi ?  
Je t'aimais tant !... pourquoi ta haine ?

'On dit qu'elle a quelques attraits  
Cette Maure, cette infidèle ;  
Tu m'as pourtant, quand tu m'aimais,  
Dit cent fois que j'étais plus belle.

'On dit qu'elle a mille agréments,  
Qu'elle est jeune, à la fleur de l'âge.  
Moi, j'ai compté vingt trois printemps  
Après mon triste mariage.

'Ses yeux sont noirs ! ce sont des yeux  
Si beaux, si fiers, si pleins de charmes !  
Hélas ! les miens ne sont que bleus...  
Et puis toujours remplis de larmes !

'On nomme Zabara la *Fleur*...  
*Gaia* c'est le nom qu'on me donne !  
*Gaia* j'étais dans mon bonheur ;  
 Plus ne le suis—l'on m'abandonne !

'Oh ! que ne suis-je un homme, hélas !  
 Dans le transport qui me dévorc,  
 J'irais moi-même de ce pas  
 Trouver Alboazar le more.'

Elle achevait ces mots : soudain  
 Tournant ses regards vers la terre  
 Elle aperçoit dans le lointain  
 Des chevaux, des hommes de guerre.

— 'Peronelle, vois-tu là-bas  
 Ces armes qui brillent dans l'ombre ?  
 Regarde... ce sont des soldats ;  
 D'où viennent-ils ? quel est leur nombre ?

La suivante, d'un air surpris  
 Paraît écouter ce langage ;  
 Des joyaux, des bijoux de prix  
 De son silence étaient le gage.

Où sont ses autres serviteurs ?  
 En vain la reine les appelle  
 Sept cavaliers, malgré ses pleurs,  
 Bientôt se sont emparés d'elle.

De leurs turbans les plis soyex  
 Bandent ses yeux, ferment sa bouche ;  
 Et trois dans leurs bras vigoureux  
 La soulèvent d'un air farouche.

Ils sont entrés sept au palais ;  
 Sept autres en sentinelle.  
 Pas un mot. . tous semblent muets...  
 Et vite en selle !... ils sont en selle !

Un seul paraît les commander :  
 Sur son coursier il tient la reine...  
 — 'Allons !' dit-il 'il faut marcher !'  
 Tous au galop fendent la plaine.

Point de répit, point de repos,  
 Chacun stimule sa monture.  
 Ils courent par monts et par vaux,  
 Ils courent tant que la nuit dure.

Dans les torrents, poitrail dans l'eau  
 — A guè,' marchons ! que l'on avance !  
 Ailleurs, sur les flancs d'un côteau :  
 — Houp ! en avant ! que l'on s'élançe !

Le jour se lève radieux,  
 Ils sont près de la mer profonde.  
 Quel est ce fleuve sinueux ?  
 Qui vient s'engouffrer dans son onde ?

La reine ouvre ces yeux enfin,  
 Sa bouche est libre, elle respire :  
 Las ! elle songe à son destin  
 Et tout bas tristement soupire.

— 'Douro, fleuve, aux perfides eaux'  
 Qui de dangers sèmes ta course,  
 Ne veux-tu donc pas de tes flots,  
 Me révéler quelle est la source ?

'Je te dirai par quel moyen  
 Cette perle est en ma puissance:  
 A qui m'a dérobé mon bien  
 J'ai dérobé son espérance.

'C'est le sort qui le veut ainsi;  
 Tout suit cette pente secrète.  
 Par les eaux du torrent grossi,  
 Le fleuve dans la mer se jette.

Ainsi chantait le ravisseur,  
 Et Gaïa l'écoutait sans haine.  
 Bientôt de ton heureux vainqueur,  
 Gaïa, tu porteras la chaîne.

—'Mais que font ces barques sur l'eau?'  
 —'Elles viennent chercher la reine.'  
 —'Quel est ce superbe château?'  
 —'D'Alboazar c'est le domaine.'

## II

Roi Ramire, roi malheureux,  
 A ta naissance un noir génie  
 T'a jetté quelque sort fâcheux  
 Qui devait tourmenter ta vie.

Peu satisfait de ce qu'il-a,  
 À d'autres biens ton cœur aspire.  
 Ta fleur de beauté, Zahara,  
 Sur toi n'exerce plus d'empire,

La reine qu'on t'a vu chérir  
Et qui par toi fut délassée...  
Tu veux au more la ravir;  
C'est là maintenant ta pensée.

Quelle est cette barque qui fuit,  
Et du Douro va fendant l'onde?  
Le bruit des rames, de la nuit  
Trouble à peine la paix profonde.

Elle glisse sur les roseaux,  
Elle est déjà près du rivage;  
Les saules penchés sur les eaux  
La cachent sous leur vert feuillage.

Un homme s'élançe soudain;  
D'un bond il a touché la terre,  
Il tient un bourdon d'une main,  
Et de l'autre porte un rosaire.

Bientôt le soleil du matin  
Répand sa clarté sur la rive.  
Près du castel un pèlerin  
Fait entendre sa voix plaintive.

—'Saint de Galice, qu'à genoux  
Le pauvre pèlerin implore,  
Pour arriver au rendez-vous.  
Que ton antel est loin encore!

Au pied de la tour du palais  
Coule une source claire et vive:  
Une jeune fille est auprès,  
Elle est là, debout et pensive.

Elle écoutait d'un air rêveur  
L'eau tombant de sa coupe pleine;  
—'Oh! votre voix, bon voyageur,  
M'a causé la plus douce peine.

'Sur cette terre de maudits'  
C'est pour moi bien grande merveille  
D'entendre ces chants du pays,  
Qui jadis frappaient mon oreille.

'Sept prêtres, autour de l'autel,  
Chantaient alors cette prière,  
Sept autres au chant solennel  
Répondaient d'une voix austère.

'Le chœur entier psalmodiait,  
Tous priaient d'une âme fervente;  
Et la cloche retentissait  
Portant au ciel sa voix bruyante

'Ce son qui vibrait dans les airs,  
Que ne puis-je l'entendre encore?  
Que ne puis-je au fond des enfers  
Étouffer tous les chants du more!

—'Que le bon Dieu veille sur vous!  
Qu'il vous bénisse, jouvencelle!  
Une telle langage semble doux  
Où règne en maître l'infidèle,

'Je veux prier pour vous, hélas!  
Je souffre et me soutiens à peine,  
Il faut que s'arrêtent mes pas  
Près de cette claire fontaine.

'Ah! qu'on est bien! quelle fraîcheur!  
Comme cette eau me semble belle!  
Laissez asseoir le voyageur;  
Dieu vous le rendra, jouvencelle.'

—'Asseyez-vous, bon pèlerin,  
—'Asseyez-vous sur cette pierre;  
L'eau qui coule dans ce bassin  
Est douce et fraîche, et désaltère.

'La reine en boit à son réveil;  
J'en viens chercher avant l'aurore;  
Je viens, avant que le soleil  
Ne l'ait pu réchauffer encore.'

—'Cette eau si pure doit avoir  
Une vertu particulière.  
Ah! pour juger de son pouvoir,  
Donnez-m'en, je vous prie, un verre.'

—'Buvez, buvez, bon pèlerin,  
À la fontaine du roi more.  
Tenez; ce vase d'argent fin  
Vaut de l'or. . . il vaut mieux encore.'

—'Mais que dirait votre seigneur?  
Que dirait Gaïa, votre reine;  
S'ils voyaient l'humble voyageur  
Boire à la royale fontaine?'

—'Alboazar, avant le jour,  
A quitté ce lieu solitaire.  
Il est dans les bois d'alentour,  
Aux sangliers faisant la guerre.

Ma maîtresse de ce trésor  
 Ne peut se montrer soucieuse:  
 Pour qui posséda vases d'or,  
 Cette coupe est peu précieuse.'

— 'De grace! Encore une faveur!  
 Dites-lui, bonne jouvencelle,  
 Qu'un pauvre chrétien voyageur  
 Désire être conduit près d'elle.

'Dites-lui bien qu'un malheureux,  
 Mort de chagrin et de misère,  
 L'a de cet anneau précieux  
 Fait pour elle, dépositaire.'

Il tire de son doigt l'anneau,  
 Dans le fond du vase il le jette:  
 — Quand elle boira de cette eau  
 Sa surprise sera complète!

Mais la jeune fille a bientôt,  
 En courant, quitté la fontaine.  
 — 'Pourquoi ne pas venir plus tôt?'  
 Dit, d'un ton sévère, la reine,

'Joyeusement tu folâtrais,  
 Quand de soif mourrait ta maîtresse?  
 — Oh! non, tristement je songeais.  
 Car je songeais à ma jeunesse.

'Que mon destin me semble amer!  
 Ici, pour moi quelle existence!  
 Ó Milhor que baigne la mer,  
 Milbor, pays de mon enfance!

'Là, chaque jour est un plaisir,  
Gâiment se passe le bel âge;  
C'est là qu'à Dieu l'on peut offrir  
D'un saint amour le pur hommage!

— 'Tala-toi, Peronelle, tais-toi,  
Ne réveille pas ma souffrance:  
Tu sais bien que ce n'est pas moi  
Qui désirais cette existence.

'Mais à mou ravisseur enfin  
J'ai pardonné, rendu les armes.  
Esclave, je vis sans chagrin;  
Reine, je vivaïs dans les larmes.

'Ce vain titre était peu pour moi,  
Trop peu pour tromper ma disgrâce.  
Voir, auprès d'un époux sans foi,  
Une more occuper ma place!'

A ce souvenir, de rougeur  
Soudain son beau front se colore  
Puisse cette eau, par sa fraîcheur,  
Calmer la soif qui la dévore!

Elle prend le vase d'argent,  
Le porte à ses lèvres brûlantes.  
Et voit luire au même moment  
Del'anneau les pierres brillantes,

— 'C'est un sort, Jésus, mon sauveur!  
Que l'on veut jeter sur mon âme:  
Cette eau glace par sa fraîcheur,  
Et dans le fond c'est de la flamme.'

—'Voilà ce charme merveilleux  
 Qui me tenait loin de la reine.  
 C'est au pèlerin malheureux  
 Que j'ai vu près de la fontaine;

'C'est lui que dans le fond de l'eau  
 A voulu déposer ce gage:  
 De ses souhaits ce riche anneau  
 Devait servir de témoignage.'

—'Oh qu'il vienne ce voyageur,  
 Qu'il vienne ici! que je l'entende!  
 Car je veux voir l'ambassadeur  
 Qui m'apporte une telle offrande.'

### III

—'Ne baisez point ainsi ma main;  
 De grâce, je vous en conjure:  
 Cessez, cessez, bon pèlerin,  
 Et quittez cette humble posture.'

Mais le pèlerin à ses vœux  
 Résiste... il devient téméraire,  
 Et ses baisers vont, deux à deux,  
 Tomber sur cette main qu'il serre.

La reine a pâli cette fois,  
 Dans son cœur le courroux fermente.  
 Soudain, elle sent sur ses doigts  
 Couler une larme brûlante...

—‘Qui peut causer, bon pèlerin,  
La douleur que je vois paraître?  
Là, contez-moi votre chagrin;  
Je puis vous soulager peut-être.’

—‘Oh! non, ce n'est pas mon chagrin;  
La mort fait cesser la souffrance:  
Mais en vous j'espérais enfin  
Retrouver ma douce existence.

‘Oh! non; ce n'est pas mon destin,  
C'est la vôtre que je déplore:  
La compagne d'un roi chrétien  
Devenir celle d'un roi more!’

—‘Ah! ne me parlez pas ainsi!  
La pitié peut être indiscreète.  
Du présent je n'ai nul souci,  
Et du passé rien ne regrette.

‘Dieu m'accordera son pardon;  
Ce n'est pas moi qui fus coupable.  
De cette lâche trahison  
Ramire doit être comptable.

—‘Le ciel, jusqu'ici trop clément,  
Doit en effet punir ce traître.  
Ordonnez donc son châtement,  
Ramire à vos yeux va paraître.’

Ramire se lève soudain,  
Et laissant là toute imposture,  
De sa barbe de pèlerin  
Il a dépouillé sa figure.

Le bourdon qu'il tient dans sa main  
Près de là va rouler à terre;  
Et d'un geste plein de dédain,  
Il jette à ses pieds son rosaire.

Qui pourrait dire de quels yeux  
Le regardait la noble dame,  
Quels sentiments impétueux  
Troublaient en ce moment son âme?

Elle tremble, mais non de peur;  
Sans gaîté, sa bouche est riante:  
Elle est honteuse, sans pudeur;  
Elle pâlit... elle est brûlante.

On voit ces sentiments divers  
Se succéder sur son visage,  
Comme les flots, au sein des mers,  
Se heurter dans un jour d'orage.

A l'homme la vengeance plaît;  
Pour la femme c'est un délice;  
L'un pardonne, il est satisfait;  
L'autre veut qu'elle s'accomplisse.

Sous le poids de ce souvenir,  
Dont la reine a l'âme opprimée,  
Ce fut là son premier désir,  
Ce fut sa dernière pensée.

Et puis, pour elle quel honneur!  
Combien elle doit être vaine,  
De pouvoir triompher d'un cœur  
Qui ravient reprendre sa chaîne!

Mais dans les forêts d'alentour  
Chasse en ce moment le roi more,  
Elle est seule dans cette tour...  
Il faut se taire et feindre encore.

Elle sourit, mais tristement,  
De ce sourire qui fend l'âme,  
Et voilé seu regard charmant  
Pour mieux en tempérer la flamme.

De sa voix le son enchanteur  
Séduit par son pouvoir funeste;  
Et si l'enfer est dans son cœur,  
Sa parole est toute céleste.

Elle paraît près de fléchir,  
Ses pleurs ont calmé sa colère;  
Son âme feint de s'attendrir  
Et sa douleur est moins amère.

Elle répète, en sanglottant:  
— 'Pour pardonner, je suis trop fière.'  
Mais ses yeux, dans le même instant,  
Semble dire tout le contraire.

Dom Ramire est à ses genoux;  
D'une voix émue, il l'implore;  
Il veut désarmer son courroux;  
Il supplie... elle hésite encore.

Soudain, on entend retentir  
Le bruit du cor, là dans la plaine;  
La reine se sent tressaillir  
Bien plus de plaisir que de peine.

— 'C'est Alboazar, c'est le roi!  
 Dit-elle: 'cachez-vous, Ramire:  
 S'il vous voit, c'eu est fait de moi;  
 Fuyez, ou, sous vos yeux, j'expire.'

A peine elle a, d'un air troublé,  
 Fermé la porte, et par prudence,  
 Dans son sein déposé la clé,  
 Que vers elle le roi s'avance.

— 'Tristes nouvelles, je le vois,  
 Nouvelles de mauvais augure!  
 C'est du moins, la première fois  
 Que m'arrive cette aventure.

'Avant d'entrer dans cette cour,  
 J'ai sonné du cor dans la plaine,  
 Et sur les créneaux de la tour  
 Je n'ai pas vu venir la reine.

C'est mal à vous, ma chère enfant,  
 D'avoir manqué d'exactitude.  
 Me faudra-t-il donc maintenant  
 Renoncer à cette habitude?

Une horrible perplexité  
 A troublé l'esprit de la reine;  
 Son triste cœur flotte agité  
 Entre l'indulgence et la haine.

Le souvenir de ses beaux jours,  
 De l'ambition l'influence,  
 Ici, de nouvelles amours,  
 Là, le désir de la vengeance...

Bientôt la vengeance et l'amour  
L'auront emporté dans son âme.  
Ne devait-il pas, sans retour,  
Triompher dans un cœur de femme?

—'J'ai des nouvelles, en effet,  
Et d'étranges à vous apprendre.  
Entrez là, dans ce cabinet;  
Vous verrez de quoi vous surprendre.'

Alboazar ouvre en tremblant,  
Et recule, en voyant Ramire.  
Ce qui se dit dans cet instant,  
Point ne saurais vous le redire.

Ce fut comme un vent orageux,  
Comme une tempête sur l'onde,  
Comme si la terre et les cieux  
Luttaient pour abîmer le monde.

À la raison enfin rendu,  
Le roi prononce la sentence :  
—'Chrétien, ton honneur est perdu ;  
Je veux te laisser l'existence.

'J'ai dû me payer largement  
Du mal dont m'as fait victime ;  
Ta honte suffit maintenant  
Pour expier ton nouveau crime.'

Don Ramire sentait son cœur  
Gonflé de dépit et de rage ;  
D'un air contrit, plein de candeur,  
Il fait entendre ce langage :

— « Bien grand, hélas ! fut mon forfait !  
 Envers toi je fus trop coupable ;  
 Je ne veux pas d'un tel bienfait ;  
 La mort me semble préférable.

« C'est pour me mettre à ta merci,  
 Pour me livrer à ta vengeance  
 Que je suis venu seul ici ;  
 Non pour implorer ta clémence.

« C'est pour racheter mon erreur,  
 Sauver mon âme de l'abîme :  
 C'est l'ordre d'un saint confesseur  
 À qui j'ai confessé mon crime.

« Il faut, m'a-t-il dit justement,  
 Et c'est mon vœu, je te le jure,  
 Que public soit le châtement,  
 Puisque public fut l'injure.

« Ordonne ici de tes soldats  
 Que la troupe se réunisse,  
 Et que sous leurs yeux, mon trépas  
 Satisfasse enfin ta justice.

« Vite ! qu'ils entendent au loin  
 Le sou du cor qui les appelle ;  
 Que chacun, de ma mort témoin,  
 En garde un souvenir fidèle.

« Qu'on dise, en me voyant mourir :  
 — « Quelque bruit qu'ait fait, son offense,  
 « Un bruit plus fort va retentir,  
 « Et c'est celui de la vengeance ! »

Le roi touché de son remords,  
Lui veut conserver l'existence;  
Mais la reine a juré sa mort;  
Elle s'oppose à la clémence.

On voit les soldats accourir;  
Le chateau prend un air de fête;  
Ramire debout, sans pâlir,  
Regarde la mort qui s'apprête.

— 'Sonnez, trompettes et clairons,  
Et qu'au loin ce bruit retentisse!'  
Et l'écho, répétant ces sons,  
Annonçait l'heure du supplice:

On entendit près de la mer  
Ce bruit, d'un sinistre présage;  
Et soudain s'éleva dans l'air  
Un long cri, parti du rivage.

## IV

— 'De par tous les saints, en avant  
En avant, allons, du courage!  
Et bientôt la porte, en tombant,  
Aux assaillants ouvre passage.

Sur les créneaux point de soldats,  
Près des murs point de sentinelles;  
Rien ne peut arrêter leurs pas,  
Ils sont maîtres des infidèles.

Sur eux ils s'élancent soudain,  
 Comme des lions, pleins de rage.  
 Ramire prend un glaive en main,  
 Et par ses cris, les encourage.

D'un seul coup, d'un coup sûr et prompt,  
 Que rend terrible sa colère,  
 Du More il coupe en deux le front,  
 Et le jette sur la poussière.

Déjà tous sont morts ou captifs;  
 Du feu terrible est le ravage;  
 Et les valeureux sur les esquifs  
 Ont abandonné le rivage.

— 'Alerte! il faut quitter ces bords!  
 Allons, rameurs, plus de courage!  
 Alerte! et redoublez d'efforts;  
 J'entends des chevaux sur la plage.

'Ce drapeau, qui flotte là-bas,  
 De Léon c'est bien la bannière,  
 Allons rameurs, force de bras;  
 Véguez, voguons vers notre terre!

Ce pays au More est soumis;  
 Jusqu'à Coimbre il règne en maître.  
 Loin du Douro voguons, amis;  
 Je dois craindre ici quelque traître.

On voit Ramire s'avancer  
 Vers la poupe où se tient la reine,  
 À sa droite il la fait placer,  
 Comme marque d'honneur certaine

Sans même détourner les yeux  
D'un air pensif elle se lève,  
Son front est resté soucieux,  
Elle semble sortir d'un rêve.

Ramire parut n'en rien voir :  
C'était peut-être par prudence.  
A' ses côtés il va s'asseoir,  
Et tous deux gardent le silence.

Du malheureux Alboazar  
Le château brûlé e fume encore.  
Gaia jette un dernier regard  
Et voit le feu qui le dévore

A' ce spectacle douloureux  
Son cœur est brisé de souffrance.  
Des larmes coulent de ses yeux ;  
Elle pleure, mais en silence.

Ramire, d'un air attendri ,  
La contemple et ne peut se taire ;  
Il croyait, le pauvre mari,  
Que son remords était sincère.

Que c'était le seul souvenir  
De sa honteuse perfidie ;  
Qu'elle pleurait de repentir  
D'avoir au roi livré sa vie.

D'une voix pleine de douceur,  
Où se peint sa vive tendresse,  
Il dit : — 'Gaia, pourquoi ton cœur  
Garde-t-il encor sa tristesse ?

‘Calme, ma Gaia, ta douleur ;  
 Notre vengeance est satisfaite.’  
 Mais elle, redoublant ses pleurs :  
 — ‘Oh ! oui la vengeance est parfaite.

‘De ce grand coup applaudis-toi ;  
 Il mérite bien qu’on l’admire.  
 Il est vraiment digne d’un roi,  
 D’un cavalier tel que Ramire.

‘Tu viens de frapper un rival,  
 Qui t’avait offert l’existence :  
 N’est-ce pas un trait bien loyal,  
 Une noble et belle vengeance ?

‘Ta main a frappé, sans regret,  
 Le More le mieux fait pour plaire,  
 Des cavaliers le plus parfait  
 Que jamais ait porté la terre.

‘Tu demandes, perfide roi,  
 D’où me vient ma vive souffrance ?  
 Oh ! que n’est-il auprès de moi  
 Pour me soustraire à ta puissance !

‘Tu veux savoir où mes regards  
 Cherchent à s’arrêter encore ?  
 Contemple d’ici ces remparts,  
 Vois la flamme qui les dévore.

‘Là tout entière à mon bonheur,  
 De l’amour j’ai connu l’empire ;  
 C’est là que j’ai laissé mon cœur...  
 Comprends-tu bien ce que je mire ?

—'Contente donc alors tes yeux;  
*Mire, Gaia, mire*, infidèle.  
Et soudain d'un bras furieux,  
Il lève son glaive sur elle

Cédant à d'horribles transports,  
D'un seul coup, il tranche sa tête,  
Et du pied repousse le corps...  
Dans la mer le Douro le jette

De cet événement cruel  
Le souvenir se garde encore:  
Gaia, cest le nom du castel  
Qui fut l'asile du roi more.

A' ce cri que jette bien haut  
Le batier sur cette plage,  
*Mira Gaia!* tout aussitôt  
Se dresse une sanglante image.

Le peuple, dit-on, conserva  
De ce fait la trace fidèle;  
Et la place où *Gaia mira*  
MIRA-GAIA depuis s'appelle.

Lisbonne, 10 janvier 1847.



VIII

FOR BEM

**AS PÉGAS DE CINTRA**



Dou aqui logar a ésta composição que, moderna, como é, e minha, toda é feita de coisas populares e antigas. A anecdotia de-  
vêra ter sido celebrada pelos menestreis do tempo: não o foi, e eu procurei supprir o seu descuido. Não apparece pois em meu nome, senão no d'elles, embora de longe os rastreie.

Quando a primeira vez sahiu de minha carteira a presente ballada foi para se imprimir na ILLUSTRACÃO <sup>1</sup>, jornal que se publicava em Lisboa em 1845-46. Reimprimirei com ella aqui tambem a carta que então escrevi ao redactor d'aquelle jornal,

<sup>1</sup> ILLUSTRACÃO, vol. II, n.º 5, 1 de Agosto 1846.

porque devéras contêm a historia de sua composição.

Eis aqui a carta:

‘—Queria escrever-lhe um artigo, meu caro redactor, para a sua ILLUSTRAÇÃO, que realmente faz milagres no meio d’esta escacez de tudo, e d’estes impedimentos para tudo que characterizam a nossa boa terra. É promessa velha e que eu devia ter cumprido ha muito. Mas como, mas quando? E que hade um homem escrever que se leia — que se leia por damas bellas e elegantes cavalheiros — quando lhe anda intallado nos bicos da penna o fatal fio da politica, que a fez espirrar e esgravatear em tudo o mais?’

‘Com as leis das eleições, e as questões da fazenda, e as organisações ministeriaes, e não sei que mais coisas taes, foi-se me detodo a derradeira reminiscencia litteraria que ainda por cá havia. Tenho saudade d’ella, mas foi-se, ‘morreu pela patria!’

‘Não sei se morreu bem ou mal, se fez bem ou mal em morrer; mas é certo que remoru.

‘Eu porêm nunca prometti, que faltasse, a homem nenhum — nem a mulher, que mais é! O ponto está que me acceitem em pagamento aquillo que eu posso dar. Que, ás vezes, o máu pagador não é máu senão pelas absurdas e excessivas exigencias do crédor. Axioma de eterna verdade, especialmente quando applicado a tudo o que passa entre os representantes de nosso pae Adão e as representantas de nossa mãe Eva...

‘Passemos adeante. Quer, senhor redactor, acceitar-me, em pagamento da lettra de minha promessa, este papel que achei embrulhado entre mil rabiscos de projectos de lei, tenções de antos, notas ao orçamento e outras coisas galantes do mesmo genero?

‘Se quer aqui o tem, e disponha d’elle.

‘Deixe-me só dizer-lhe o que é, e como foi feito.

‘Estava eu em Cintra, foi em... Que importa lá quando foi? Basta saber que não era n’essa estação *fashionavel* em que a elegancia de Lisboa se vai infastiar classicamente

para o mais romantico sitio da terra. Era na primavera; passeavamos dois sós, ou quasi sós, n'aquelle Eden delicioso. Fomos ver o palacio; chegámos á sala das pégas. Pêgas são chocalheiras e linguarudas: eu detesto o bicho. . . e n'este tempo, estava-lhe com zanga de morte. . .

‘Abominavel bicho ! Isto ja lá vai ha muito tempo, meu caro redactor, e ainda me faz ferver o sangue. . .

‘Passemos adeante!

‘Perguntaram-me a explicação d'aquellas pégas da sala. contei a historia popular que é tam sabida. Acharam-lhe graça, pediram-me que a posesse em verso: fiz isto.

‘E isto que é ? Não sei. E' romance ou é apologo? E' fabula ou é cantiga? Nunca fui grande classificador d'essas coisas; que fará agora !

‘O que lhe sei dizer é que no seculo xvi a xvii, segundo consta do ‘Fidalgo aprendiz’ do nosso Francisco Manuel de Mello, se cantava em Portugal uma cantiga que começava assim como esta:

«Gavião, gavião branco,  
Vai ferido e vae voando,»

‘Nunca pude encontrar o resto, nem procurei muito por elle ; mas ingracei com este principio, e servi-me d’elle aqui. Acha mal feito ? Eu não.

‘Se soubesse, meu caro senhor, todas as circumstancias d’esta composição ! Se soubesse de certa pèga ou pègas que me perseguiram com seu malditto palrear, e me queriam, ainda em cima, assacar, a mim gavião, ellas pègas, as manhas que só ellas têm !

‘Mas ficou lograda a pèga e . . .

‘Adeus, meu amigo, outra vez, adeante ! O gavião, e sobretudo o gavião branco — note — é animal nobre, de especie, genero e até de familia differente da pèga.

‘Passe muito bem. Aqui estão os versos; eu vou salvar a patria.’

Julho, 22 -- 1846.’



## POR BEM

### As pêgas de Cintra

Gavião, gavião branco  
Vai ferido e vai voando;  
Mas não diz quem n'ó feriu,  
Gavião, gavião branco!

O gavião é callado,  
Vai ferido e vai voando;  
Assim fôra a negra pêga  
Que hade sempre andar palrando.

A pêga é negra e palreira,  
O que sabe vai contando...  
Muito palra, palra a pêga  
Que sempre hade estar palrando.

Mas quer Deus que os chocalheiros  
Guardem ás vezes, fallando,  
O segredo dos sisudos  
Que elles não guardam callando.

Era uma pêga no paço  
Que el-rei tomára caçando;  
Trazem-n'a as damas mimosa  
Com a estar sempre afagando.

Nos paços era de Cintra  
Onde estava el-rei poisando:  
A rainha e as suas damas  
No jardim andam folgando,

Entre assucenas e rosas,  
Entre os goivos trebelhando;  
Umás regavam as flores,  
Outras as vão apanhando;

E a minha pêga com ellas  
Sempre, sempre palreando.  
Vinha el-rei atraz de todos  
Com Dona Mécia fallando.

Era a mais formosa dama  
Que andava n'aquelle bando;  
No hombro de Dona Mécia,  
A pêga vinha poisando.

E zelosa parecia

Que os andava espreitando...  
Colhêra el-rei uma rosa,  
A Dona Mécia a ia dando,

Com um requêbro nos olhos

Tam namorado e tam brando...  
Inda bem, minha rainha,  
Que adiante te vais andando!

Pegou na rosa a donzella,

Disfarçada a está cheirando...  
Senão quando a negra pêga  
Que lh'a tira e vai voando.

Deu um grito Dona Mécia...

E a rainhá, voltando,  
Deu com os olhos em ambos...  
Ambos se estão delatando.

-- 'Foi por bem!' lhe disse o rei,  
Seu accôrdo recobrando:

— 'Foi por bem!' — 'Por bem' repete  
A pêga emtôrno voando.

— 'Por bem, por bem!' grasna a tonta,  
De má malicia cuidando  
Co'a chocalheira da lingua  
Andar o caso inredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros  
Guardem ás vezes fallando  
O segredo dos sisudos  
Que elles não guardam callando.

Riu-se a rainha da pêga,  
E ficou acreditando  
Que a innocencia do caso  
N'ella se estava provando.

Da pêga mexeriqueira,  
Do bem que fez, mal pensando,  
Nos reaes paços de Cintra  
A memoria está durando.

E eis-aqui, senhora, a historia  
Da pêga que ahi ves palrando,  
Da rosa que tem no bico,  
Da lettra que a está cercando.

A pêga é negra e palreira,  
O que sabe vai contando:  
Mas quer Deus que os chocalheiros  
Guardem segredo fallando.

O gavião, esse é outro;  
Vai ferido e vai voando:  
Mas não diz quem n'ó feriu...  
Gavião, gavião branco!

## **NOTAS**

.

.



## NOTAS

---

### A ADOZINDA

#### NOTA A

O romance em que lhe fallei n'uma das minhas ultimas cartas de Portugal..... pag 3.

A Adozinda foi começada em Campolide, ao pé de Lisboa, no verão de 1827, concluida na cadeia do Linoeiro no fim d'esse mesmo anno, e publicada em Londres no outomno de 1828, em 1 vol., 12.º, sem nome do auctor, e com a seguinte breve advertencia precedendo a carta ao sr. Duarte Lessa, que era o verdadeiro prefacio:

«ADVERTENCIA.— O auctor d'este romance, animado pelo lisongeiro favor que outras publicações suas teem merecido ao publico portuguez e a distinctos litteratos estrangeiros, imprehende esta nova publicação, cujo assumpto é tirado da antiquissima tradição popular e se refere aos mais remotos tempos e costumes de nossas epochas heroicas e maravilhosas. Espera elle que não desagradará aos amantes de um genero que

fez a colossal reputação de Sir Walter Scott, e restituiu á antiga Escocia — na republica das letras — o nome e independencia que ha tanto perdera na ordem politica.

«Aindaque em pouco habeis mãos, a lingua portugueza sahirá mais uma vez a próva singular de bisarria com as mais cultas e gabadas linguas da Europa: e será culpa do cavalleiro, não sua, se o premio da belleza e valentia lhe não fôr adjudicado por todo o juiz imparcial.» (*Nota da segunda edição.*)

#### NOTA B

Resummo da historia da lingua e da poesia portugueza que vem no 1 vol. do PARNASO-LUSITANO.... pag. 4.

Foi o meu primeiro ensaio de critica litteraria, e muito ha que devo ao publico reimprimi-lo, emendando-o e additando-o, como tanto precisa. E' trabalho que demanda porém o vagar de outros cuidados e uma serenidade de espirito que não tenho tido. Hei de fazê-lo e breve. (*Nota da terceira edição*)

#### NOTA C

Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos..... pag. 4.

A expressão é inexacta: os Toscanos houve-

ram os metros hendecasyllabos dos mesmos de quem nós os houvemos, dos trovadores. Vej. o Cancioneiro do Collegio dos Nobres. (*Nota da segunda edição.*)

## NOTA D

A lingua provençal, primeira culta da Europa, pag. 6.

Generalizaram ésta opinião no mundo os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard: eu duvido hoje muito d'ella, isto é, formulada d'este modo. Estou inclinado a crer que houve uma lingua romance, que teve por base o Romano-rustico fallado, e que geralmente predominou nos paizes de dominação wisigothica desde a extrema Aquitania até o que hoje é Algarve; e que esta lingua quasi latina é o commum tronco do Provençal que morreu á nascença, do Aragonez que não passou da infancia, do Portuguez e do Castelhana que chegaram a perfeita maturidade, e de outros mais obscuros dialectos cujo desenvolvimento as circumstancias politicas e topographicas annullaram. Nem julgo difficil demonstral-o; mas não é aqui o lugar, nem caberia no curto espaço de uma nota. (*Nota da segunda edição.*)

## NOTA E

Logo vieram esses trovadores de Provença... pag. 6.

A simples leitura dos nossos cancioneiros mos-

tra que aquella não era a poesia popular : os seus requebros, todos cortezãos e palacianos, desdizem da ruda singeleza e energica originalidade do trovar do povo. E comparados aquelles cantares de saraus com os fragmentos das xácaras e soláos que a tradição oral tem conservado, aindaque pervertidos e viciados como elles andam, vê-se que estes é que são a primitiva e legitima poesia nacional. (*Nota da segunda edição.*)

## NOTA F

As balladas de Bürger, os romances de Sir W. Scott..... pag. 7.

Vej. na collecção intitulada *Minstrelsy of the Scottish border* (cancioneiro das fronteiras da Scocia) a historia da renascença do genero popular na Gran Bretanha contada pelo mesmo W. Scott. (*Nota da segunda edição.*)

## NOTA G

Cancioneiro do Collegio dos Nobres..... pag. 11.

Ha tempos que se designa com este nome o Cancioneiro do tempo de el-rei D. Diniz que se guarda na livraria do que hoje é Escola Polytechnica, e era então Collegio dos Nobres. Copiou-o quando esteve ministro em Lisboa Sir

Charles (depois Lord) Stuart, e em Paris o imprimiu, 25 exemplares, creio eu, quando alli foi embaixador.

Descubriram-se, ha poucos annos, na Bibliotheca de Evora algumas folhas que faltavam no manuscripto de Lisboa, e com este additamento se reimprimiu em Madrid ultimamente pelo zeloso cuidado do Sr. Varnhagem, ministro do Brazil n'aquella côrte. (*Nota da terceira edição*).

## NOTA H

Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues,  
etc. .... pag. 11.

Estas e todas as reliquias duvidosas do nosso romance irão todavia no logar e livro competente da actual collecção. (*Nota da terceira edição*.)

## NOTA I

Aquelle romancesinho de Gaia e do rei Ram-  
ro ..... pag. 13.

E' um curioso e rarissimo exemplar, documento notavel da litteratura portugueza do seculo dezesette. Intitula-se Gaia, e é impresso no Porto em um folheto de 4.<sup>o</sup>, com 15 ou 20 paginas. Tenho hoje grande pena de não ter tirado

copiã inteira d'elle antes de o restituir ao meu amigo o Sr. Lessa, em cujo espólio deverã estar: mas nãõ pude obter mais noticias d'elle; e outro exemplar nãõ o vi nem sei de quem o visse. Começa com éstas duas oitavas que agora incontro, incompletas, entre os meus apontamentos. Todo o poema é na mesma rhyma.

## I

Cantemos de Ramiro rei d'Hispanha  
 E de el-rei Almançor de Berberia,  
 Quando por desventura tam estranha,  
 No mais de Hispanha entãõ mouros havia,  
 Com ânimo cruel, com cruel senha  
 Cadaqual ao outro pretendia  
 Privar de sua fama, honra e estado,  
 Com todas suas forças e cuidado.

## II

D'esse Ramiro digo, e esforçado,  
 Que d'este nome tres com elle hãõ sido,  
 D'aquelle que com Gaya foi casado  
 Por quem tantos trabalhos ha soffrido...

*(Nota da segunda ediçãõ).*

Possuo hoje um exemplar completo que devo ao obsequioso cuidado do Sr. N. M. de Sousa Moura, distincto e letrado official do nosso exercito, que, talvez por isso, nãõ occupa n'elle o logar que lhe pertence. *(Terceira ediçãõ.)*

## NOTA K

Adeante copio um dos mais curiosos (o do Bernal-francez)..... pag. 18.

O romance d'este nome na primeira edição da Adozinda em Londres ia inserto na presente carta: por melhor classificação vai agora separado. E o texto original, segundo o conservou a tradição dos povos, irá no lugar competente do *Romanceiro*, mas muito mais correcto e melhorado agora pela collação das diversas versões que tenho obtido. (*Nota da segunda edição.*)

## NOTA L

Este terreno è sancto : inda estás vendo  
Alli aquelles restos mal poupados. . . . pag. 25 e 26.

Em Campolide e nas alturas que avizinham o celebre aqueducto das *Aguaes livres* se encontram muitos restos de fortificações antigas e que parecem de diversas datas. O proprio nome de Campolide, abreviação de campo da lide, ficou a este sitio da batalha que alli se deu nas guerras da aclamação de D. João I. Vej. Próvas genealogic., Duarte Nun. e quasi todos os nossos historiadores. (*Nota da primeira edição.*)

## NOTA M

... Essas arcadas,  
Suberbas, elevadas..... pag. 26.

O aqueducto das *Aguas livres* é o mais nobre e util monumento de Lisboa: edificou-o D. João V, que nem sempre empregou tão bem os immensos cabedaes dos thesouros do estado, que então regorgitavam com o ouro das minas do Brazil e de outras possessões portuguezas. D. João V todavia amou, ao menos protegeu, as artes e as lettras; foi culpa não sua mas do seculo, se de tão mau gosto eram as lettras que protegeu: O crepusculo da nossa rehabilitação litteraria luziu em seu reinado. A isto alludem os versos :

Um rei que amou as artes, rei pacifico  
A quem amor fadou  
Que seu fôsse e das musas, etc.

Assim como alludem tambem a seus bem sabidos amores e espirito galanteador. D. João V tinha a ambição de querer imitar Luiz XIV, seu contemporaneo — até nas fraquezas. (*Nota da primeira edição.*)

## NOTA N

Lembra-te, aquella historia  
Que ingenuo o povo nos seus trabalhos canta, pag. 31.

E' a xácara ou lenda da *Silvaninha*, cujo texto

original vai no logar competente do *Romanceiro*.  
(*Nota da segunda edição.*)

## NOTA O

É singela legenda de uma santa,  
Que por brutal amor sacrificada,  
Desvalida virtude,  
Só de crime escapou no seio á morte..... pag. 31.

A tradição popular attribue esta nefanda aventura a um rei que se namorou da sua propria filha, como a antiga Myrrha se namorára de seu pae. — Provavelmente ambas as duas aneddotas teem seu fundamento historico na chronica escandalosa das familias de alguns regulos ou senhores das diversas epochas. O observador curioso notará o differente character de duas historias tam semelhantes, e colherá o essencial ponto em que o nosso *maravilhoso* moderno differe da antiga mythologia, não tanto nos nomes dos deuses e deusas e outros agentes sôbre, naturaes, mas principalmente no tom, na moralna sensibilidade, e n'um certo não sei quê de ternura e melancholia que nos mais rudes e imperfeitos ensaios da poesia nacional se acha sempre como principal e dominante côr do quadro. A differença não está em chamar ao sol Apollo, ao amor Cupido, á guerra Marte; sim na maneira de conceber, de pensar, de pintar, de moralisar

as mesmas idéas, as mesmas coisas por differente modo. (*Nota da primeira edição.*)

### NOTA P

Cantiga primeira..... pag. 35.

Na primeira edição chamavam-se cantos as quatro partes d'este romance. Era dar-lhe uma pretensão de epopea que o pobre não tinha. Demais, cantiga é o nome popular verdadeiro, e por isso lh'o mudei para elle. Os antigos menestres inglezes chamavam *fitts* — como quem diria *accessos* — os francezes *lays* — como quem diz *ramos* — ás diversas secções em que partiam os seus romances mais longos. A partição fazia-se por causa do canto: e *cantiga* «o que se póde cantar de uma vez» parece portanto o mais proprio nome. O Cancioneiro do Collegio-dos-Nobres diz *cantares*. (*Nota da segunda edição.*)

### NOTA Q

Come os picos do Gerez

Quando em janelro lhe neva..... pag. 36.

O Gerez é serra altissima na provincia do Minho, de alpestres alcantis, coberta de plantas alpinas de curiosissima *flora*; as summidades conservam quasi todo o anno resplandecentes massas de gêlo. Ha nas faldas da serra as famo-

sas aguas mineraes conhecidas pelo nome de  
Caldas do Gerez. (*Nota da primeira edição.*)

## NOTA R

Mas pede Adozinda bella,  
Tal vii tude e formosura,  
Quem lh'o hade negar a ella?  
Não pôde o pae nem ninguem..... pag. 36 37.

E' uma occurrencia muito commum nos romances populares, e de sincera belleza homerica, ésta de negar o senhor do castello a poisada ao peregrino, mas ceder depois ás intercessões da filha compadecida, donzella innocente e mal-fadada, que quasi sempre vem a ser victima de sua propria bondade. Assim na lenda tam sabida e tam nacional de Sancta Iria :

Pedia poisada,  
Meu pae lh'a negava ;  
Mas eu tanto fiz  
Que porfim entrava.

(*Nota da segunda edição.*)

## NOTA S

E guiarãam seu pendão  
Para terras de Moirama..... pag. 39.

Moirama, na phrase do povo, quer dizer terra de moiros. N'outro genero de poesia é certo que

não ficaria bem o vocabulo, mas n'este quadra.  
(*Nota da primeira edição.*)

### NOTA T

Que trepel que vai nos Paços  
De Landim aopé dos rios..... pag. 41.

Em minha imaginação puz a scena d'este romance em um dos sitios mais pittorescos da mais formosa provincia de Portugal, o Minho. Landim (haverá mais terras do mesmo nome; ésta é a que eu conheço) é uma povoação pequena em que houve, outro tempo, uma famosa casa e pingue possessão de Jesuitas: fica perto dos rios Ave e Vizella, que não longe d'ahi se juntam para correr unidos a desimbocar em Villado-Conde e perder-se no mar. (*Nota da primeira edição.*)

### NOTA U

(Que ou são sombras de finados,  
Ou de negras bruxas más  
Alli ha nocturna dança..... pag. 52.

Estas bôccas de cavernas, e outros recéssos — assim de bosques, montanhas e que taes, são em todos os paizes, pela imaginação do vulgo, povoados de entes mysteriosos e ás vezes malfazejos. Sombras de finados cantando seus hymnos terriveis, bruxas celebrando os torpes mysterios

do seu *sabbado*, são cosmopolitas. A nossa mythologia popular tem mais outra especie de entes sobrenaturaes, que é privativa nossa. — São as *moiras incantadas*, que nem são bruxas, duendes nem fadas, mas lindas e amaveis creaturas que se divertem a incantar, a excitar os desejos dos pobres mortaes — e ás vezes, tam boas são! a satisfazê-los.

Não é d'este logar o exame, que seria bem curioso, da mythologia nacional portugueza. Basta dizer, como o A. de D. Branca, que devemos explorar esta mina tam ricca, e tam pouco lavrada, de bellezas poeticas originaes e novas que, sem `emprestimo nem favor alheio, podêmos haver do nosso e de casa. (*Nota da primeira edição.*)

#### NOTA V

Se a ha, não lhe acudiu Deus,  
Venceram peccados seus..... pag. 56.

O povo é geralmente fatalista; e o nosso portuguez o mais fatalista que eu conheço. *Tinha de succeder, era coisa que o perseguia*, e outras que taes razões, são a explicação de todo o phenomeno estranho que os surprehende.

Aqui a cegueira da ignorancia leva pelo mesmo caminho que os desvarios da sciencia. A coisa é a mesma ao cabo: vaidade e presumpção humana. (*Nota da primeira edição.*)

## NOTA X

Mas diz que não ha condão  
Peior que o da maldicção..... pag. 61.

A maldicção do pae desacatado, ou do pobre maltratado, passam entre o povo por ser as mais terriveis e inevitaveis. Atéqui a moral de accôrdo com a crença vulgar. Mas a maldicção, hereditaria em seus effeitos, é outra parte d'este dogma popular que em verdade repugna.—É certo porêm que se é acaso, o acaso tem servido muito bem os fautores d'aquella crença. (*Nota da primeira edição.*)

## NOTA Y

Ah! essa alma corrompida  
Mais do que teu corpo estava..... pag. 69.

O leitor verá n'esta passagem, no conselho de Auzenda á filha, em muitos logares d'esta e da cantiga iv principalmente, quanto fiz por me conservar perto do romance primitivo, assim no pensamento como até na phrase e stylo, tanto quanto o permittia a decencia, e outras vezes a correção da phrase, e já tambem a indole do meu romance. (*Nota da primeira edição.*)

## NOTA Z

Sette annos e um dia  
 Foi a sentença cruel  
 Que Adozinda cumpriria..... pag. 75.

Sette annos e um dia é o periodo mysterioso de quasi todos os nossos contos de fadas, encantamentos e coisas semelhantes.

No mui galante romance do *Caçador* que é um dos mais queridos do povo, se diz :

Sette fadas me fadaram  
 Nos braços de mi' madrinha,  
 Que estivesse aqui sette annos,  
 Sette annos e mais um dia.

O numero sette é mysterioso em todos os povos, mas esta expressão algebrico-negromantica de  $7 + 1$  creio que é só portugueza. (*Nota da primeira edição.*)

E' de toda a peninsula. Vej. os romanceros castelhanos. (*Nota da segunda edição.*)

## NOTA AA

Arreda, arreda, infanções,  
 Cavalleiros, dae logar..... pag. 81.

Veja o glossario de Santa Rosa para ampla explicação do que eram *infanções* entre nós. Para intelligencia d'esta passagem basta saber-se que

era uma especie de vassallos mais distinctos.  
(*Nota da primeira edição.*)

#### NOTA BB

E por senhor reconhecem

Ao ricco-homem de Landim..... pag. 83.

Sôbre *ricco-homem*, veja o mesmo glossario. A dignidade de ricco-homem, perfeitamente obsoleta em Portugal, ainda a mencionam os fidalgos castelhanos em seus titulos.

Ricco-homem, naturalmente, quer dizer magnata, da primeira aristocracia, *procer*, grande senhor. (*Nota da primeira edição.*)

#### NOTA CC

E essa voz diziam todos

Que era a voz de Dom Sisnando..... pag. 88.

Esta especie de *vindicta-pública*, com que o povo stigmatiza a memoria dos malvados e grandes criminosos, é muito provavelmente a origem das almas-do-outro-mundo, dos *revenants*, vampiros, etc., etc.

Se se procurar bem a fonte primitiva de todas as fábulas, ver-se-ha que não ha credulidade mythologica que não tenha por base o instincto da moral e da justiça, commum a todos os povos.  
(*Nota da primeira edição.*)

**AO BERNAL-FRANCEZ**

## NOTA A

‘Quem bate á minha porta,  
Quem bate, oh ! quem ’stá ahí ?’ . . . . . pag. 99.

Por estes versos começa o romance original, tradicionalmente conservado na memoria do povo, e sómente impresso a primeira vez em Londres na primeira edição da *Adozinda*, em 1828. Já n’outra parte se deram as razões por que irá agora esse texto no logar competente do *Romanceiro*, no segundo livro e segundo volume d’elle. (*Nota da segunda edição.*)

## NOTA B

For knowest thou not, where softest swell. . pag. 109.

A versão ingleza, quasi sempre litteral, afasta-se aqui do texto sensivelmente, mas sem alterar as proprias idéas, sómente a fórma d’ellas. (*Nota da segunda edição.*)

## À NOITE DE SAN'JOÃO

### NOTA A

Té os moiros na Moirama

Festejam a San'João..... pag. 121.

E' uma cantiga popular do Minho ainda hoje cantada por toda essa noite de San'João, que n'aquellas terras ninguem dorme, como é sabido. A superstição da alcachofa é toda do Sul, toda lisboeta, talvez coirman d'aquellas de dia de Maio que o catholico senado municipal votou e prometteu a Nossa Senhora da Escada de acabar para sempre. Mas San'João fez-se um santo de exemplar tolerancia desde que lhe tiraram a cabeça por elle não podêr ver, sem ralhar, as desinvoltas pernas da baiadeira Herodias.

Não quero folgar com o que é serio: mas é notavel que a devoção quasi universal dos christãos tomasse para patrono e orago de seus mais livres folgares e festanças, e lhe consagrasse a mais risonha e lasciva estação do anno, ao austero percursor do Christo, o jejuador penitente do deserto, o severo censor da soltura cortezan, o protomartyr da moralidade evangelica.

Seria que a timida singelleza de nossos passados fosse de proposito buscar aquelle austero e invisivel inspector de seus ainda então innocentes brinquedos? (*Nota da segunda edição.*)

**AO CHAPIM D'ELREI**

## NOTA A

Nós temos, se me não ingano, no genero narrativo popular as tres especies, romance, xacara, soláo. . . . . pag. 144.

Esta classificação é em parte conjectural, ou para fallar com mais propriedade, sim ésta é a regra, mas com tantas excepções que chegam a fazer duvidar d'ella. Os que escreviam e compunham n'aquelles tempos primitivos curavam pouco de cingir-se a regras ou classificações. D'ahi veio uma certa anarchia, constituida e fundada no exemplo, ou na falta d'elle, que se prolongou por muitos seculos depois.

A respeito de soláos, por exemplo, temos para abonar a definição que d'elles se dá no logar anotado, a auctoridade immensa de Bernardim kibeiro na *Menina e Môça*: ahí cap. 21.

Pondo-se a ama a pençar a menina sua criada como sobia, como pessoa agastada de alguma nova dor, se quiz tornar ás cantigas, e começou ella entam contra a menina que estaua pençando, a cantar-lhe um eantar á maneira de soláo, que era o que nas coizas tristes se acostumava nestas partes: e dizia assi: etc.

Mas por outra parte, temos o não menos grave pêso de Sá-de-Miranda na egloga 4 :

Que se os velhos solãos fallam verdade,  
Bem sabe ella por prôva como Amor  
Magôa, e averá de mi piedade.

Da primeira citação parece concluir-se que o soláo é, como deixo ditto, um cantar todo lyrico, de tristeza e lamentos: na segunda considera-se como narrativo e usurpando propriamente a provincia do romance. (*Nota da segunda edição.*)

Veja. o que a este respeito se escreve no liv. II do ROMANCEIRO. (*Nota da terceira edição.*)

#### NOTA B

Antes, ser pobre e villan,  
Antes, pela minba fei. . . . . pag. 148.

Nas provincias transtaganas e em muitas das ilhas adjacentes pronunciam-se as palavras *fé, pé* e semelhantes — *fei, pei*, etc. Talvez seja devido á antiga orthographia que nas vogaes longas, *a, e*, dobrava as lettras em vez de as carregar com accento grave ou agudo. O povo, que sempre foge dos hyatos, preferiu mudar a última lettra, fazendo o som mais suave. (*Nota da segunda edição.*)

## NOTA C

Sem bulir nem mão nem pei..... pag. 151.

Vej. a nota antecedente (*Idem.*)

---

**À ROSALINDA**

## NOTA A

Era por manhan de maio

Quando as aves a piar..... pag. 165.

O mês de maio foi sempre o válido dos poetas populares de todas as nações: um sem número de cantigas dos trovadores provençaes, dos mestres normandos e saxonios, dos *minnesingers* allemães começam com estas alegrias do mez de maio. Citarei dos minnesingers de que aqui incontro apontamentos, por serem os menos conhecidos entre nós. Uma bella canção do tyrolez Steinmar começa :

Ich will gruea mit der sat  
 Dú so wunneklichen stat;  
 Ich wil mit dién bluomen bluen,  
 Und mit den voheting singen :  
 Ich wil louben so der walt,  
 Sam dú heide sin gestalt: etc.

Outra do margrave Othon de Brandeburgo :

Uns kumt aber ein liechter meie  
Der machet manig leize fuat, etc.

Estoutra do duque de Breslau é uma especie de drama lyrico entre o poeta, Maio, as flores, o bosque e o prado :

Ich clage dir, meie, ich elage dir, sumer wanne ! etc.

Herzog Heinrich von Pressela, iv do nome, reinou de 1266 a 1299, e foi o objecto dos elogios de todos os poetas do seu tempo. A cantiga citada é uma das mais bellas e extraordinarias composições d'aquelles seculos. (*Nota da segunda edição.*)

## INDICE

|   | Pag. |
|---|------|
| INTRODUÇÃO dos Editores na terceira edição..... | v    |
| do A. na segunda edição.....                    | vii  |
| ROMANCEIRO, LIVRO I.....                        | 1    |
| I Adozinda.....                                 | 33   |
| II Bernal-francez.....                          | 89   |
| III Noite de San'João.....                      | 117  |
| IV O Anjo e a Princeza.....                     | 125  |
| V O chapim d'elrei.....                         | 141  |
| VI Rosalinda.....                               | 159  |
| VII Miragaia.....                               | 183  |
| VIII As Pêgas de Cintra.....                    | 241  |
| NOTAS.....                                      | 253  |





OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

---

- Tomo I — Camões.  
» II — Catão.  
» III — Merope — Gil Vicente.  
» IV — Romanceiro — 1.º volume.  
» V — Frei Luiz de Souza.  
» VI — Flores sem fructo.  
» VII — D. Filippa de Vilhena — Tio Simplicio —  
Fallar verdade a mentir.  
» VIII — Viagens na minha terra — 1.º volume.  
» IX — " " " — 2.º " "  
» X — A Sobrinha do Marquez — As prophecias  
do Bandarra. — Um noivado no Da-  
fundo.  
» XI — Arco de Sanct'Anna — 1.º volume.  
» XII — " " " — 2.º " "  
» XIII — D. Branca.  
» XIV — Romanceiro — 2.º volume.  
» XV — " " — 3.º " "  
» XVI — Lyrica.  
» XVII — Fabulas — Folhas cahidas.  
» XVIII — O Alfageme de Santarem.  
» XIX — Portugal na balança da Europa.  
» XX — Da Educação.  
» XXI — O Retrato de Venus, precedido de um  
Ensaio sobre a historia da lingua e  
da poesia portugueza.  
» XXII — Helena.  
» XXIII — Discursos parlamentares — Memorias  
biographicas.  
» XXIV — Escriptos diversos.







